



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS



Nas águas do rio Javaés. Histórias, cosmologia e meio ambiente

RICARDO TEWAXI JAVAÉ

Palmas
2019

RICARDO TEWAXI JAVAÉ

Nas águas do rio Javaés. Histórias, cosmologia e meio ambiente.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências do Ambiente. Área de Concentração: Natureza, Cultura e Sociedade.
Orientador: Prof. Dr. Odair Giralдин

Palmas
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

J41n Javaé, Ricardo Tewaxi .

Nas águas do rio Javaés. : Histórias, cosmologia e meio ambiente. . /
Ricardo Tewaxi Javaé. – Palmas, TO, 2019.

146 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em
Ciências do Ambiente, 2019.

Orientador: Odair Giraldin

1. Cosmologia e Meioambiente. 2. História. 3. Javaé. 4. Território. I. Título

CDD 628

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

RICARDO TEWAXI JAVAÉ

Nas águas do rio Javaés. Histórias, cosmologia e meio ambiente.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências do Ambiente. Área de Concentração: Natureza, Cultura e Sociedade.

Aprovada em 30/09/2019

Banca examinadora:



Prof. Dr. Odair Giraldo (orientador - UFT)



Prof. Dra. Elineide Eugenio Marques (examinadora interna – UFT)



Prof. Dra. Ligia Raquel Rodrigues Soares (examinadora externa)

Prof. Dr. Héber Rogério Gracio (examinador suplente – UFT)

Ao meu pai José *Wereumari* Javaé (*in
memoriam*), a minha avó *Lawarairu*
Javaé (*in memoriam*) e a minha mãe
Nilda *Maytara* Javaé.

Agradecimentos

Nesse meu caminho até concluir essa dissertação muitas pessoas e instituições foram importantes e me ajudaram muito nessa trajetória.

Agradeço primeiramente ao prof^o. Dr: Odair Giralдин e sua esposa a antropóloga Ligia Raquel Rodrigues Soares e suas filhas Irepti e Imaru, pela recepção na sua casa nas vezes que necessitei estar em Porto Nacional para receber orientação. Porém agradeço imensamente ao prof: Odair especificamente por ter me orientado com sua paciência incansável, além de também ter me informado do processo de seleção de pós-graduação em Ciências do Ambiente na UFT.

Devo um agradecimento especial também ao SINTET (Sindicado dos Trabalhadores em Educação do Estado do Tocantins) pela acolhida que recebi nas vezes que fiquei hospedado em Palmas.

Agradeço imensamente a minha querida amiga, Maria do Carmo Pereira do Santos Tito e seu esposo Roniglese, bem como a suas filhas Sofia e Clarisse, pela recepção em sua casa na primeira vez que cheguei em Palmas. E por diversas vezes me hospedaram em sua casa. Além disso, Maria do Carmo me deu ajuda especial conversando comigo sobre uso do computador, sobre os assuntos que eu estava escrevendo e ela sempre me dando apoio positivo para continuar com meu trabalho.

Agradeço ao PGCIAMB da Universidade Federal do Tocantins (UFT), pela aprovação de pós-graduação e ao seu corpo docente pela oportunidade de compartilharem comigo seus conhecimentos.

À Secretaria de Educação do Estado do Tocantins agradeço pela autorização de licença para meu aperfeiçoamento de estudo. Agradeço também a DRE de Gurupi e Gerencia de Educação Escolar Indígena do Tocantins, que me deram apoio ao me ausentar da escola indígena *Txui-ri-Hina*. Principalmente agradeço a ex-supervisora de educação indígena da DRE-Gurupi, Neuza Gracioto.

Agradeço imensamente a professora Dr Elineide Marques pela sua paciência comigo nas suas disciplinas. Em nome dela, agradeço também aos demais docentes do curso.

Agradeço ainda a minha amiga Mariza, colega de turma do PGCIAMB, pela ajuda e companhia durante minha presença na UFT, que sempre me acolheu no grupo dela para apresentar um trabalho e sempre me estimulava e sabia respeitar a diversidade e minhas especificidades de aprendizagem e de exposição dos conhecimentos.

Quero agradecer também ao Secretario de PGCIAMB, Eclésio, pelo seu apoio e paciência quando precisei de alguns serviços na secretaria.

Não posso esquecer de agradecer ao meu grande amigo Diógenes pela apoio e carona, quando nós fazíamos as disciplinas com prof. Odair em Porto Nacional. Através desse agradecimento a ele, agradeço a toda a minha turma pelo apoio e respeito a minha pessoa.

Agradeço a CAPES por ter me concedido uma bolsa durante o curso de mestrado que permitiu que eu me mantivesse em Palmas e para desenvolver minha pesquisa no campo.

Agradeço ainda ao DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) e sua equipe pela sua responsabilidade com a saúde, pois me atenderam durante o estudo quando eu tive algum problema de saúde.

Também agradeço ao Polo Base de Formoso do Araguaia (TO) e sua equipe pela ajuda com informações, quando precisava de saber dados sobre a população do povo Iny/Javaé.

Um agradecimento especial devo a Adais Rosa Karajá e sua família, *Idjawala* Rosa Karajá (seu filho) e sua esposa, minha irmã *Harehija* Javaé e seus filhos *Narubia Lawarairu* Karajá Javaé, *Idjahiru Nawa* Karajá Javaé, *Idjahuri Wereumari* Karajá Javaé, e *Tehaluna Waikawa* Karajá Javaé. Também agradeço meu sobrinho Viviano *Iesoru* Javaé e sua esposa Dra. *Nahuria* Rosa Karajá pelo apoio de todos. Mas agradeço especificamente a Adais Rosa Karajá por ter me concedido a ajuda de uma secretária de escola Gércina Borges Teixeira Ana Maria, para digitar minha carta de intenção.

Agradeço imensamente a minha irmã querida, Telma *Maturu* Javaé e seu esposo Claudio *Harawana* Javaé e suas filhas, *Weararu* Javaé, *Waderexia* Javaé e seu filho *Were Nahure* Javaé e neto *Hararue Ixahana* Javaé, pelo apoio durante minhas saídas da aldeia Txuiri para Palmas.

Agradeço a comunidade da aldeia *Txuiri* onde tive o prazer de trabalhar e morar durante doze anos. Fui muito bem acolhido e apoiado por toda a comunidade tanto no meu trabalho, quanto na minha pesquisa.

Agradeço imensamente a minha querida mãe Nilda *Mytara* Javaé e seu esposo Alberto *Waixawala* Javaé pelo grande apoio que eles me deram e esforços incansáveis, sempre com sua alegria, me ajudando na construção da dissertação com seus conhecimentos. E agradeço também *Kujamirô* Javaé, minha sobrinha que foi criada por minha mãe, por isso a considero como sobrinha/irmã pois ela chama minha mãe de mãe

também. Agradeço também ao esposo de *Kujamirô*, *Kumanari* Karajá e suas filhas *Koteriru* Javaé, *Dibexiru* Javaé e *Kutimaru* Javaé.

Agradeço imensamente e especialmente ao meu pai José *Wereumari* Javaé (*in memoriam*) por ter me ensinado o conhecimento de nomes das curvas e trechos de rio Javaés além de muitas histórias. Também tenho um agradecimento especial a minha avó materna *Lawairu* Javaé (*in memoriam*) por ter me ensinado a cultura tradicional Inỹ/Javaé. Devo aos dois os conhecimentos que tenho hoje e que me faz ser um dos narradores do povo Javaé atualmente.

Agradeço ao meu irmão mais velho, *Ijau* Javaé, e sua esposa, *Bohojiji* Javaé, pelo apoio no estudo. Ele se preocupava comigo e, quando ia na cidade de Formoso do Araguaia, sempre me ligava em Palmas perguntando como estava passando, sobre os estudos e se eu estava passando bem. Esse apoio, mesmo distante, me ajudou a seguir em frente.

Agradeço a minha irmã *Werekoixaru* Javaé e sua família: seu esposo *Asaria* Javaé e seus filhos *Kujanairu* Javaé e seu esposo; *Werebia* Javaé; *Hawykywenona* Javaé; *Weremyjari* Javaé; *Wereteribere* Javaé; *Loiwa* Javaé e *Manajyre* Javaé. Eles sempre me deram apoio constante.

Ao meu irmão caçula *Werehatxiari* Javaé (Mazim) e sua esposa Poliana *Mahiru* Javaé e seus filhos, *Werekariroma* Javaé (Werezim), *Werehariawaki* Javaé (*Wahitatxi*) e *Wereolo* Javaé, agradeço pelo apoio que sempre me deram.

Também agradeço a minha irmã *Kualaru* Javaé e seu esposo, *Tuilari* Javaé e seus filhos, Daniela *Lòruti* Javaé e *Kumana* Javaé pelo apoio em sua casa em Formoso do Araguaia.

Desde 2004 tenho a companhia sempre presente da professora e atual coordenadora da escola indígena *Txuiru-Hina*, Rosângela Karajá. Ela é uma amiga sempre presente e incentivadora incansável para que eu continuasse meus estudos e concluísse o mestrado. Agradeço a ela e a sua família (seu esposo Daniel e seu filhos William Karajá, Yago Karajá e Michele *Nahuria* Karajá) por todo esse apoio.

Tenho um agradecimento especial para minha amiga a antropóloga Patrícia de Mendonça Rodrigues. Agradeço a ela e seu esposo, Jorge Borges e a filha deles, Mariana, pela apoio e incentivo. Sempre que vou a Brasília, ela me recebe em sua residência. Desde que nos conhecemos, sempre dialogamos sobre a cultura e história Javaé. Eu fui tradutor nas narrativas que ela registrou quando fazia as pesquisas dela com os Javaé. Hoje somos parceiros e dialogamos sobre os Javaé. Ela me forneceu informações que já tinha coletado e que me ajudaram muito na construção dessa minha dissertação.

Agradeço aos anciãos de aldeia Barreira Branca, pela recepção nas suas casas. Agradeço especificamente ao Sr. Marciano *Koroxia* Javaé e sua esposa *Mylalo* Javaé. Suas contribuições foram riquíssimas de conhecimento dos nomes das curvas e trechos de rio Javaés e me ajudaram muito na construção dessa dissertação. Também agradeço a senhora *Ereheru* Javaé pela sua contribuição fantástica e inacreditável que me ajudou muito na construção de minha dissertação. Eu agradeço muito e muito mesmo. Sem ajuda deles não seia possível construir essa dissertação. Também agradeço o Sr. Valdir *Makulawari* Javaé e sua esposa Rosilda *Wesinaru* Javaé pelo seu apoio nas informações e no incentivo para eu construir uma dissertação. Agradeço ao cacique Valdener *Tewardure* Javaé e sua esposa *Mytahairu* Javaé, pelo seu apoio nos levantamentos de informações dando permissão e apoio para a minha pesquisa naquela aldeia. Da aldeia Barreira Branca, agradeço ainda ao Sr. *Burahi* Javaé e sua esposa, Rosa *Myreiru* Javaé, e sua filha de criação *Ubelaki* Javaé e seus filhos, que me ajudaram nas minhas pesquisas, tanto nas pesquisas de graduação, como nessa outra pesquisa agora para o mestrado.

Agradeço muito Sr. Francisco *Kohalue* Javaé, morador de *Kanõanõ* pela sua colaboração e contribuição com seus conhecimentos dos nomes das curvas e trechos de rio Javaés, desde a aldeia *Wari- Wari* descendo rio até aldeia *Waõtyna*.

Agradeço ao Sr. Mauricio *Kurahari* Karajá (in memoriam) pelas suas informações sobre antiga aldeia *Bòròrèwa*. Ele era morador de lá e foi entrevistado na aldeia Txuiri, onde morava atualmente. Infelizmente ele faleceu no início deste ano de 2019.

Agradeço também ao Sr. *Benoi* *Temanaku* Karajá e sua esposa *Butxiweru* Karajá (chamada mais de *Hirari* pelos moradores de Boto Velho, onde reside). *Benoi* contribuiu muito para essa dissertação com seus conhecimentos sobre os nomes das curvas e trechos do rio Javaés, desde *Waõtyna* descendo rio abaixo, até a foz no Araguaia.

Agradeço também ao Sr *Hadori* Javaé (Passarin, in memoriam), e sua esposa *Hukanaru* Javaé. Ele era meu tio avô e sua contribuição ajudou muito para essa dissertação devido ao seu conhecimento sobre o mundo cósmico tanto celeste quanto do subaquático.

Na aldeia Boto Velho, agradeço em especial ao cacique Wagner *Mairea* Javaé, que me deu seu apoio, assim como fez sua esposa Rosimeri *Werià* Javaé,

E também agradeço a Edilson *Kurumare* Javaé, e sua esposa *Hatotxi* Javaé, moradores da aldeia *Hòròtòry* (e filho de criação de *Hadori* Javaé) que me cedeu as informações sobre as moradias de espíritos de aruanãs, no nível além do subaquático.

Agradeço imensamente a minha sobrinha *Maksoleia* *Juàrà* javaé e seu esposo Jonas de Brito, que me receberam na sua casa na cidade de Lagoa da Confusão na

presença de seus filhos (meus netos) *Werekumari* Brito Javaé, *Beikalari* Brito Javaé e *Diheti* Brito Javaé. Jonas de Brito me ajudou muito na minha pesquisa na descida de canoa no rio Javaés até a foz do Araguaia, em maio 2018.

Agradeço ao cacique da aldeia *Kanõanõ*, José *Tehabi* Javaé e sua esposa, Terezinha *Jumale* Javaé, pelo apoio que recebi deles quando fui falar do meu projeto de pesquisa com ele. Ele me recebeu bem na sua casa, deu atenção e gostou muito do tema da pesquisa.

Agradeço ao cacique da aldeia *Hòròtò-Ry*, Paulinho *Huruka* Javaé e sua esposa Sinha Javaé e suas filhas na região de *Inỹ Webòhòna*, pelo apoio e por ter me levado no carro dele até a cidade de Lagoa da Confusão. Na viagem a gente conversou muito sobre a diminuição da cultura do povo Inỹ/Javaé da Ilha do Bananal.

A todos, meus agradecimentos.

RESUMO: Neste trabalho apresenta-se uma descrição da história, da cosmologia e do meio ambiente da Ilha do Bananal, a partir da perspectiva do povo *Inỹ/Javaé*. Toma-se como referência a idéia de lugar com espaço socialmente construído. Para isso, descreve-se as histórias do surgimento dos povos *Inỹ* e como interagiram entre si e com o meio ambiente. Com base na cosmologia *Inỹ/Javaé*, apresenta-se como se compreende os lugares e suas histórias e os seres que convivem nesses ambientes. Finalmente, baseado na história oral e na cosmologia, descreve-se os lugares do rio Javaés, desde seu início, quando o rio Araguaia se divide em dois, até quando o Javaés volta a se unir ao rio Araguaia.

Palavras-chaves: Meioambiente, Javaé, cosmologia, história.

ABSTRACT: This paper presents a description of the history, cosmology and environment of Bananal Island, from the perspective of the *Inỹ / Javaé* people. It takes as reference the idea of place with socially constructed space. For this, describes the histories of the emergence of the *Inỹ* peoples and how they interacted with each other and with the environment. Based on *Inỹ / Javaé* cosmology, it presents how one understands the places and their histories and the beings that live in these environments. Finally, based on oral history and cosmology, describes the places of the Javaés River from its inception, when the Araguaia River splits in two, until when Javaés rejoins the Araguais River.

Key words: Environment, Javaé, cosmology, history.

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo 1 – Rede de histórias dos povos que deram origem ao povo <i>Inỹ/Javaé</i>	30
1. Cosmogonia <i>Inỹ</i>	30
2. O surgimento dos povos	34
3. Conflito entre <i>Wèrè</i> e <i>Iwayrè ixyju</i> (karajá)	38
4. Como surgiram as musturas dos povos	41
5. Costumes dos povos	44
6. Dispersão dos povos <i>Inỹ</i>	48
7. Características dos povos	49
8. Regras sociais <i>Inỹ</i>	51
9. Mundo espiritual <i>Inỹ</i>	53
Capítulo 2 – Espaço e meio ambiente em que viviam os povos no passado	56
1. Povos que Permanceram na Ilha do Bananal	56
1.1 O povo <i>Kuratanikèhè</i> de <i>Marani-Hawa</i>	56
1.2 Povos de <i>Imõtxi</i>	60
1.3 Os povos antigos da aldeia <i>Txuòdè</i>	70
1.4 Os antigos povos da Pataca (<i>Bedeky</i>)	71
1.5 <i>Làràtxi</i>	77
Capítulo 3 – Nomes de curvas e trechos do rio Javaés	101
1. Nomeação dos trechos do rio e identificação dos lugares para o povo Javaé	103
2. Descrição dos trechos do rio Javaés	107
3. Os lugares, suas histórias, seus acontecimentos e suas importância na cultura dos povos indígenas <i>Inỹ/Javaé</i> da Ilha do Bananal (TO)	114
3.1 Antiga História de <i>Kanõanõ</i>	114
3.2 História de <i>Lykyni</i>	116
3.3 História de <i>Tori-Uhu</i>	117
4. Descrição dos trechos do rio Javaés	120
Considerações finais	143
Fontes e Referências Bibliográficas	145

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Espírito de aruanã <i>Hakiriri</i> no <i>Imōnahaky</i> (brincadeira do mel)	24
Figura 2 – Mapa das aldeias Javaé antigas	58
Figura 3 - Quadro com os nomes das aldeias representadas na figura 1	59
Figura 4 – Curvas e trechos do rio Javaés a montante de Kanōanō	106
Figura 5 - Quadro com os pontos descritos a montante da aldeia Kanōanō no rio Javaés	107
Figura 6 – Curvas e trechos do rio Javaés a jusante de Kanōanō	119
Figura 7 - Quadro com os pontos descritos a Jusante da aldeia <i>Kanōanō</i> no rio Javaés	120
Figura 8 – Foz do rio Formoso com o Javaés	135
Figura 9 – Aldeia Boto Velho	135
Figura 10 – <i>Benoi Temanaku</i> Javaé	136
Figura 11 – <i>Hadori</i> Javaé	136
Figura 12 – <i>Irōdu Irāna</i>	141
Figura 13 – Foz do Riozinho	142
Figura 14 – Foz do Javaés no Araguaia	142

Introdução

Eu me chamo Tewaxi Javaé. Nasci na aldeia *Kanōanō* no mês de maio, no dia 19 e o ano de 1970. Sou filho de José *Wereumari* Javaé e de Nilda *Maytara* Javaé. Meu pai foi o fundador de aldeia *Kanōanō* atual, mas ele nunca quis ser o cacique de sua aldeia. Meu pai era descendente de *Marani-Hawa mahadu*, devido ao fato de minha avó paterna ser daquela aldeia. O meu avô paterno era descendente de *Wari-Wari mahadu*. Já minha mãe tem descendente de *Bedeky mahadu* (Pataca), aldeia ao norte no interior da Ilha do Bananal, porque o pai dela era daquela aldeia. Mas ela também era descendente de *Marani-Hawa*, porque a mãe dela era dessa outra aldeia.

Meu pai nasceu na antiga aldeia *Marani-Hawa* e cresceu na antiga aldeia *Wari-Wari*. Minha mãe nasceu na antiga aldeia *Karalu-Hawa* (Pataca) e ela cresceu na aldeia *Kanōanō*, onde ela vive atualmente. Meu pai veio de antiga aldeia *Wari-Wari* para morar na aldeia *Kanōanō*, na primeira aldeia ao lado da margem direita do rio Javaés, atual escola internato agrícola da Fundação Bradesco. No ano de 1949 os não-indígenas chegaram na região e começaram a invasão na Ilha do Bananal. Uma pessoa morou perto da aldeia e disse que iria morar junto com meu pai como um amigo. Esse homem era um tal de Vicente Tavares Marquinhos. Com o passar do tempo, o pai de criação do meu pai morreu bem como outras pessoas, provavelmente de uma epidemia. E o primo do meu pai, Manoel *Ikulari* Javaé, retornou para a sua aldeia de origem *Wari-Wari*. Ele era o pai de atual cacique da aldeia *Kanōanō*, José *Tehabi* Javaé. Meu pai continuou no lugar. De repente, um tal de Valterlo, de Goiânia, chegou para comprar a terra onde meu pai morava e Vicente vendeu a terra. Por causa disso meu pai sofreu porque perdeu a terra dele e correu ao SPI (Serviço de Proteção ao Índio) na aldeia *Tahakala* (Barreira Branca), para pedir ajuda. Ao invés de ajudar, o SPI retirou meu pai de sua aldeia levando ele para o lado da ilha onde atualmente esta a aldeia *Kanōanō* e assim foi criada aldeia.

Então eu fui alfabetizado na minha cultura pela minha avó. Quando eu fui para escola, tinha 5 anos de idade e fui ser alfabetizado na língua portuguesa, na escola indígena Tainá. Só que meu primeiro professor foi um *Iny* alfabetizador Manoel *Maruaja* Javaé. Não tinha estrutura na escola. A casa era feita de parede de barro com cobertura de palha. Minha turma estudava no período da tarde e não tinha merenda escolar. Nos anos 1980 minha família mudou-se para antiga aldeia *Wari-Wari*. Passamos tempos por lá, e eu sem participar das aulas. Depois de dois anos meu tio materno, Pedro Silva *Wasabedu* Javaé, nos buscou para estudar novamente, eu e meu irmão mais velho *Ijau* Javaé. Ficamos na casa dele e ele cuidava de nós. Ele se preocupou com nossos estudos e tinha conversado com a minha avó. Ela era bem tradicional na cultura e não nos deixava

sair de casa. Mas meu tio tinha convencido ela. Assim voltamos a participar das aulas e aprendemos escrever e ler. Eu ainda estava no pré-escolar. Continuei com o professor Manoel *Maruaja* javaé. E depois passei para a 1ª. série com o professor Valdemir *Ixerua* Javaé. Então melhorei nas leituras das letras do alfabeto em português. Ainda não entendia a língua portuguesa. Depois que professor Valdemir *Ixerua* Javaé mudou para aldeia Barreira Branca, foi a professora Deusilia de Oliveira Silva deu aula para a nossa turma, ainda na 1ª. série Ela é uma índia mestiça, não fala a língua materna (*Iny*) e passei para 2ª. série do ensino fundamental e continuei com a professora Deusilia de Oliveira Silva. Melhorei mais nas leituras das sílabas e formava as palavras mas tinha muita dificuldade de entender a língua portuguesa. Quando passei para 3ª. série do ensino fundamental, com o professor da FUNAI, Paulo Cesar *Tuxa*, então comecei a entender um pouquinho a língua portuguesa. Na 4ª. série tive a professora da FUNAI, Maria Djane. Depois foi implantado o ginásio e fiz a 5ª. série com as professoras Raimunda e Creuza, contratadas pelo município. Mas o ginásio parou e não deu continuidade devido a falta de contratação dos professores.

Através de um grupo de missionários da Congregação Cristã do Brasil, acabei me convertendo e sendo batizado nessa igreja. Através deles também, fui morar uma temporada em São Paulo, para tentar entender a língua portuguesa. Passei 22 dias no distrito de Botujuru, na cidade de Campo Limpo e voltei novamente para a aldeia. Essa experiência me ajudou a perder o medo de falar o português.

No ano de 1991 a educação saiu da FUNAI e passou para o MEC. O responsável pela contratação dos professores indígenas do estado do Tocantins e formação de magistério indígena, era o Governo do Estado. Teve oportunidade de contratação de professores indígenas no ano 1994. Eu fui participar da capacitação e fui contratado pela primeira vez como o professor na aldeia *Wari-Wari* atual.

Continuei com 5ª. série e trabalhei até 1999. No ano de 2.000 fui exonerado por justa causa. Fiquei o ano de 2000 e 2001 sem lecionar e sem estudar. No ano de 2002 fui estudar de novo na escola indígena *Kawina Karajá* na aldeia Txuiri. Passei um ano para concluir a 6ª. série e depois o ano de 2003 fui estudar em escola na cidade de Formoso do Araguaia. Estudei 7ª. série e 8ª. série como EJA, tudo em um ano, na escola estadual Formoso do Araguaia, onde concluiu no ano de 2004 e passei para ensino médio. Então fui para escola estadual Gércina Borges Teixeira e lá eu fiz 1º., 2º. e 3º. anos do ensino médio e, em mês de julho 2005, conclui o ensino médio.

Voltei então para aldeia *Kanōanō* e lá não tive oportunidade de trabalhar na escola como professor novamente. No mês de agosto me mudei para aldeia *Txuiri* para trabalhar

como professor do programa Brasil Alfabetizado. Na época o Cacique era Elias *Wariho Javaé*, que me deu oportunidade de trabalhar. Logo teve uma nova eleição para eleger um novo cacique. O eleito foi Claudio *Harawana Javaé*. No ano de 2006, fui contratado novamente pelo Estado como professor alfabetizador na escola indígena *Txuirí-Hina*. Então fui participar do curso formação dos professores indígenas do Estado do Tocantins, chamado de magistério indígena. Em 2008 me formei no curso de magistério indígena, mesmo ano que o governador do Estado do Tocantins, Marcelo Miranda, realizou o concurso público específico para os professores indígenas do Estado do Tocantins. Participei do concurso e consegui passar. O curso de licenciatura intercultural indígena da UFG tinha começado no ano de 2007. Eu fiz a prova para entrar no curso e não tinha conseguido. Em 2008 tentei novamente e não consegui. No ano de 2009 fiz a prova da UFG e finalmente tinha conseguido passar na prova. Concluí esse curso no ano de 2013 e logo depois comecei a especialização. Passei dois anos estudando e no meio do estudo a turma de estudantes Iny/Javaé me escolheu como articulador da turma. Depois que terminou curso, o professor do comitê orientador dos alunos *Iny/Javaé* tinha me indicado como orientador da pesquisa de saberes indígenas na escola.

Nesse meio de estudo me interessei em me envolver com a pesquisa de tema contextual, escolhendo os nomes de curvas e trechos de rio Javaés. Eu tinha feito o trabalho e em cima disso preparei uma aula e levei para sala de aula, onde apliquei com os alunos. E meus alunos gostaram.

Depois que terminei o curso, parou a pesquisa, mas eu continuava pensando: "como que vou conseguir terminar ou coletar as informações sobre o conhecimento dos nomes das curvas e trechos de rio Javaés?" Em 2016 vim participar da discussão sobre a implantação de licenciatura intercultural no estado do Tocantins, para atender aqueles alunos que tinham terminados o ensino médio na escola indígena. Eu sempre fico atento para saber quando edital de seleção está aberto para entrar no curso de pós-graduação. Perguntei para a professora Kênia, geógrafa da UFT de Araguaína, e ela me deu a informação do edital do CIAMB. Fiz carta de intenção, mandei e foi aprovado. Eu pensava muito: "eu quero conseguir". E quando o professor Odair Giralдин tinha me ligado no orelhão da aldeia *Txuirí* para ir a Palmas fazer entrevista, fiquei quase chorando. Fiquei sem fôlego. "Nossa, fui aprovado".

Assim que cheguei no curso de mestrado, me interessei no tema e linha de pesquisa cultura e natureza. Eu continuei com a minha ideia de fazer um bom trabalho de continuação de pesquisa sobre os nomes de curvas e trechos do rio Javaés. Era uma nova oportunidade de conversar com os anciãos conhecedores de cada lugar do rio Javaés. Foi

muito difícil, mas foi muito importante encontrar as informações e experiências de cada ancião e os conhecimentos fantásticos que ainda existem na cultura do povo *Inỹ/Javaé*. O que eu queria foi alcançado com meu desejo, responsabilidade e coragem de falar com as pessoas diferentes de cada comunidade, que me receberam bem nas entrevistas nas suas casas e começaram a falar sobre o tema de pesquisa e a importância de conhecimento de nossos ancestrais pela natureza e mundo cósmico. Quando cheguei lá na aldeia Barreira Branca, encontrei o meu ex-professor Valdemir *Ixerua Javae*. Ele gostou muito do meu projeto de pesquisa e tinha comentado muito sobre a educação escolar indígena nas aldeias do povo *Inỹ/Javaé*.

Quando eu cheguei na casa de uma família na aldeia Barreira Branca e comecei a falar da minha pesquisa, tinha um senhor que me perguntou: "por que e para que eu estava e fazendo esse trabalho?" Expliquei que era porque na nossa cultura tradicional quase está acabando os conhecimentos nossos ancestrais. Isso corre risco de se perder. Então por isso tem que registrar nos papeis e fazer a publicação de um livro para trabalhar nas escolas indígenas com os alunos da comunidade. Isso serve para novas gerações entender e aprender, além de também servir para a pesquisa. Em vista desta explicação, todos entenderam e se animaram em falar seus conhecimentos.

Na década de 70 a 80 do século XX, o povo *Inỹ* ainda navegava pelo rio, no mês de setembro e mês de outubro. Não tinha esse esvaziamento do rio. Meu pai vinha com nós de canoa até em Porto Piauí onde ficava o povoado não-indígena na região para comprar algumas coisas como ferramentas e as roupas, na atual aldeia *Txuiiri*. Ainda existiam as tartarugas no rio que desovavam nas praias. Hoje em dia não vai mais canoa pelo rio nesses meses. Quase não existem mais as tartarugas no rio devido a presença de muitos moradores não-indígenas, na margem direita do rio *Javaés*, o que causou e se tornou motivo de extinção de animais aquático e também do peixe *pirarucu*, que quase não encontramos no rio entre aldeia *Kanõanõ* e aldeia *Txuiiri*. Meu pai sempre levava nós de canoa para pegar os ovos de tartarugas nas praias. Havia seis praias que nós pegávamos e atualmente não se encontram mais os ovos nas praias entre *Kanõanõ* e *Txuiiri*. Na região norte e sul ainda encontram os animais aquáticos, as tartarugas e o peixe *pirarucu*. O pensamento de *Inỹ/Javaé*, com relação ao esvaziamento de rio *Javaés*, é por causa de lavouras de irrigação e desmatamento dos lugares nas margens do rio. E os fazendeiros cada vez mais desmatando e aumentando seus pastos de criação de gado, isso causa motivo de diminuição da vazão do rio. Mas também causa desequilíbrio que leva os seres moradores dos lugares do rio a se mudarem e isso provoca ainda mais diminuição da vazão do rio.

Metodologia

A pesquisa que resultou nesta dissertação teve como ponto de partida a investigação sobre os nomes das curvas e trechos de rio Javaés, na perspectiva da ótica Javaé sobre a cultura tradicional do nosso povo *Inỹ*, que leva o mesmo nome do rio. Comecei a pesquisa na comunidade da aldeia *Kanōanō*. Perguntava aos anciãos pelos conhecimentos das curvas e trechos de rio Javaés e alguns deles me ajudaram bastante com os seus conhecimentos.

As anotações de nomes das curvas do rio Javaés de aldeia *Kanōanō* rio acima, até aldeia *Tahakala* (Barreira Branca), não teve nenhum problema com os anciãos intelectuais das comunidades. Não teve nenhuma cobrança monetária pelas entrevistas concedidas pelos conhecedores do rio Javaés. Depois que explicava o objetivo da pesquisa, que era registrar esse conhecimento sobre as curvas e trechos do rio, todos ficavam com vontade para mostrar os conhecimentos e a importância do rio Javaés às novas gerações e também para os não-indígenas, por isso que não cobraram suas entrevistas. Mas, claro, eu sempre levava algum presente para eles, como uma forma de agrado pela atenção dispensada com as minhas pesquisas.

Pesquisei em quatro aldeias diferentes nas comunidades dos povos *Inỹ/Javaé*, nas margens do Rio Javaés, Ilha do Bananal (Tocantins): *Txuiri*, *Kanōanō*, Barreira Branca e Boto Velho. Cada liderança local com a sua comunidade e os anciãos me receberam com muita alegria. E eu começava a falar do tema de minha pesquisa sobre os nomes das curvas e trechos de rio Javaés e eles gostavam do tema da pesquisa. Assim me deram seus apoios e depois ia nas casas de cada ancião para fazer as entrevistas com eles. Me ajudaram bastante com os seus conhecimentos. Quando começava a perguntar os nomes das curvas do rio Javaés, cada ancião com muita tranquilidade e com calma começava a falar sobre os nomes dos trechos de rio Javaés.

As duas aldeias mais distantes ao norte e ao sul, são *Inỹ Wèbòhòna* (Boto Velho, ao norte) e aldeia *Tahakala* (Barreira Branca, ao sul). No centro pesquisei na aldeia *Txuiri* e na aldeia *Kanōanō*. Peguei as partes das curvas e trechos de rio Javaés, os quais os povos *Inỹ/Javaé* atuais quase não frequentam mais. Por isso que os conhecimentos sobre os nomes desses trechos estão desaparecendo na cultura tradicional.

No mês de março 2018 fui para aldeia *Tahakala* (Barreira Branca), pesquisar e entrevistar os anciãos da comunidade. As lideranças e a comunidade me receberam com muita alegria. Fui falar o tema de minha pesquisa sobre os nomes das curvas e trechos de rio Javaés, acima de aldeia *Tahakala* [atual aldeia Barreira Branca], até *Bero-biawa-ijò* (o lugar do rio Araguaia, quando se divide e forma a Ilha do Bananal). As lideranças e a

comunidade gostaram do tema da pesquisa, porque as comunidades nunca tiveram os pesquisadores não-indígenas ou indígenas fazendo esse tipo de trabalho, dando a importância devida aos conhecimentos dos nomes das curvas e trechos de rio, que sempre foi um espaço vital para os povos *Inỹ/Javaé*.

Ao ser o próprio indígena fazendo a pesquisa, pode-se destacar quanto os conhecimentos dos nossos ancestrais pelo rio Javaés são riquíssimos e importantes de registrar nos papéis para as novas gerações. Foram muitas as questões levantadas pelas lideranças da aldeia *Tahakala* (Barreira Branca), como o fato da cultura tradicional do povo *Inỹ/Javaé* que está correndo perigo de desaparecer, em razão das novas gerações adquirirem e aprender os conhecimentos ocidentais e também pelo fato de não andarem ou navegarem mais pelo rio ou pelas matas. Esse fato se traduz em impacto na cultura tradicional do povo *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal, do ponto de vista das lideranças de aldeia *Tahakala* Barreira Branca.

Depois fui nas casas de cada ancião, que foram quatro os entrevistados. A primeira entrevista foi com o senhor Marciano *Koroxia* Javaé e ele me perguntou, "para que é por que estou fazendo essa pesquisa?" Expliquei que os conhecimentos dos nossos ancestrais estão desaparecendo, na cultura tradicional do povo *Inỹ/Javaé* atual, por esse motivo me interessei conhecer e registrar os conhecimentos e as importâncias do rio Javaés.

Depois disso ele começou a falar os nomes das curvas e trechos de rio Javaés. Começou de aldeia *Tahakala* Barreira Branca e foi falando os nomes e seguindo as frequências no curso do rio até a boca no Rio Araguaia (*Bero Biawa ijò*). Após, fui na casa do cacique da aldeia, Valdener *Tewardure* Javaé. Falei a importância da minha pesquisa e ele gostou e deu apoio. Continuei a andar nas casas dos anciãos e fui até na aldeia nova chamada de aldeia *Tyhyrè*, acima da aldeia *Tahakala* (Barreira Branca), distante aproximadamente um km. Conversei com o vice cacique senhor *Warikina* Javaé. Falei da minha chegada na aldeia deles e expliquei novamente minha pesquisa através dos conhecimentos e a importâncias dos nomes das curvas e trechos de rio Javaés. Cheguei na aldeia deles e lá encontrei a minha prima, *Loiwa* Javaé, antiga moradora, viúva do finado grande liderança senhor Dodo *Tyhyrè* Javaé e comecei a falar com ela. Perguntei os nomes das curvas e trechos do rio Javaés acima da aldeia. Ela começou a sorrir e falou que não conhecia, mas depois falou um pouco.

Depois voltei de novo para aldeia maior *Tahakala* Barreira Branca e fui na casa da anciã da aldeia, *Éreheru*, única conhecedora de nomes das curvas e trechos de rio Javaés completos, até a boca do rio Araguaia. Ela me recebeu com muita alegria com as filhas e os netos juntos. Ela já está cega e era segunda esposa de grande liderança senhor

Dodo *Tyhyrè* Javaé, grande mãe da comunidade de *Tahakala* Barreira Branca. Devido a idade avançada, ela já está esquecendo um pouco. As filhas ajudaram ela lembrar e assim começou a falar sobre os nomes das curvas e trecho de rio Javaés com muita tranquilidade. Ela tem muitos conhecimentos sobre o rio. Muito tempo atrás ela navegava e frequentava o rio com sua família desde quando era moça jovem e mesmo depois de casada. Por isso, tinha aprendido os nomes das curvas e trechos de rio Javaés.

Essa pesquisa na aldeia *Tahakala* Barreira Branca foi de grande importância e inspiradora na minha pesquisa ao encontrar e dialogar com as próprias pessoas conhecedoras dos lugares. Fiquei muito encantado pelas pessoas que colaboraram, através de me falar dos seus conhecimentos milenares.

Gravei as entrevistas com os anciãos da comunidade. A última casa que visitei foi do do meu tio e ao mesmo tempo meu grande professor, senhor *Burahi Javaé* e sua esposa *Myreiru Javaé*, sua filha adotiva e os seus netos. Já era final do dia e ele já estava deitado na cama. Conversou comigo de dentro de casa. A esposa dele me deu uma janta com meu prato predileto: um peixe cozido. Comecei a falar da minha pesquisa. Os dois me falaram que o nome *Tahakala* era o nome de uma pessoa, morador muito antigo. E também falaram do primeiro cemitério da aldeia *Tahakala* Barreira Branca onde foram enterrados os pais de *Wajurema*, *Mawysi*, *Ixênõa* e a Maria Luiza *Mytara*. Assim foi que me informaram. Eu sempre buscava informações com eles, desde quando estava na graduação em licenciatura intercultural indígena na Universidade Federal de Goiás (UFG).

Uma grande liderança moradora da *Tahakala* gostou muito do tema de minha pesquisa. Ele foi meu professor de 2ª. série no ensino fundamental na escola indígena *Tainá*, na aldeia *Kanõanõ*, na década de 80. Seu nome é Valdemir *Ixerua* Javaé. Ele conversou bastante comigo sobre as demandas das comunidades nas escolas indígenas atual e também falou sobre os cursos realizados para a formação de professores indígenas, como o curso de magistério indígena para capacitar os indígenas sobre como trabalhar e atuar nas salas de aulas e abordando a realidade do seu povo. E também falou muito de formação superior dos professores indígenas, sobre o curso de licenciatura intercultural indígena da UFG. Esse curso está sendo muito importante para os povos indígenas *Iny/Javaé* da Ilha do Bananal, pois através desse curso alguns nossos conhecimentos foram pesquisados e alguns ligados a atividades quase esquecidas, foram novamente realizados.

Porque os conhecimentos dos nossos ancestrais não são reconhecidos mais pelas novas gerações das diferentes comunidades que vivem nas margens do rio Javaés. Assim,

do seu ponto de vista, ele compreende que precisa partir da valorização da cultura tradicional do povo *Inỹ/Javaé*. Ele tinha dado como um exemplo: através de curso de licenciatura intercultural indígena da UFG, alguns professores indígenas estão se graduando ou já foram graduados e estão atuando na direção de sua escola e cada vez a mais a educação indígena esta melhorando e os professores indígenas estão qualificados nas suas áreas de atuação. Assim ele ficou muito feliz por eu ter conseguido chegar nesse grau de estudos.

No mês de maio 2018, fui pesquisar na aldeia *Inỹ Wèbòhòna* (Boto Velho), a última aldeia dos povos indígena *Inỹ/Javaé*, ao norte da Ilha do Bananal, na margem do rio Javaés. Fui muito bem recebido pelo cacique Wagner *Mairea* Javaé e sua família e pela comunidade. Comecei a falar da importância da minha pesquisa. Ele gostou muito do tema de pesquisa sobre os nomes das curvas e trechos de rio Javaés na cultura tradicional do povo *Inỹ/Javaé* e também dos espíritos de aruanãs que moram no além do subaquáticos (*bèraxti-wèbòrò*). Lá entrevistei dois *Hàri* (xamãs). O mais novo falou mais na entrevista sobre as moradas de espíritos de aruanãs no rio Javaés. Disse que existe um espírito de aruanã *Ijareheni* bem embaixo da aldeia *Inỹ wèbòhòna* (Boto velho). Foi gravada a fala do mais velho. Depois fui descendo o rio Javaés abaixo. Todos os lugares do rio Javaés existem moradas de espíritos de aruanã no nível além do subaquático.

O *Hàri* mais velho falou que bem embaixo da aldeia mora *worosỹ-tyhy*. Ele contou que nos tempos mais antigos ocorreu uma tragédia no meio do ritual de *Hetohoky*, na antiga aldeia *Hòròtò*. Nessa época os *worosỹ tyhy* foram morar no nível além do subaquático no rio Javaés e até hoje moram no lugar. Dois irmãos míticos *Tabuhana* e *Ijòwyrá* acabaram com os antigos povos moradores dos lugares. Devido a uma quebra de regras pela revelação de segredo da casa dos homens, eles fizeram os três buracos para queimar as pessoas. Um buraco para queimar só os adultos; um buraco para queimar só os jovens (rapazes e as moças); e um buraco só para queimar as crianças. Assim foram entrevistados os *Hàri* xamãs de aldeia *Inỹ Wèbòhòna* (Boto velho). O *hàri* mais velho é meu tio avô, *Walabi Nykybò*, que estava bem velhinho na rede e tirei as fotos com ele. Gravei ele falando sobre aquela tragédia ocorrida pela quebra das regras nos tempos mais antigos na aldeia. Infelizmente *Walabi Nykybò* faleceu em abril de 2019.

Entrevistei também o senhor *Benoir Tèmanaku* Javaé sobre os nomes das curvas e trechos de rio Javaés. Ele me recebeu com muita alegria e sua esposa *Butxiwèru* Karajá e sua família. Ele é a pessoa que tem mais conhecimentos de nomes das curvas do rio Javaés.

Ele começou da atual aldeia *Waòtyna*, aldeia do cacique Miguel *Waotxia* Karajá, e foi falando os nomes com tranquilidade descendo pelo rio Javaés até a foz do Araguaia. Gravei os nomes e fiz anotações. Ele estava com dedo machucado e por isso ele não foi comigo na descida do rio Javaés. Foi o último entrevistado que me explicou desde aldeia *Inỹ Wèbòhòna* (Boto velho), até a foz do Riozinho, fora Ilha do Bananal, onde esta o lugar famoso *Iròdù-iryana*. Lá existe uma fazenda dos coronéis e para baixo uma fazenda do Valdez, onde fizemos nossa pousada no primeiro dia. De lá fomos até o Centro de Pesquisas Canguçu, chamado de *Txyreheni* (nome de aruanã e também nome próprio masculino) e, de lá, fomos até a foz do Riozinho na Ilha do Bananal, conhecido como *Wabe-Ijò* seguindo a lista que *Benoir* tinha falado. De lá chegamos a foz do Rio Araguaia (*Bero-biawa Ijò*), onde o rio Javaés cai no Rio Araguaia. Tirei as fotos e de lá voltamos de novo subindo o rio Javaés até Boto Velho. Passei dois dias e meio navegando no motor rabetinha e canoa de alumínio.

Assim foram coletadas as informações sobre os nomes das curvas e trechos de rio Javaés, com o senhor *Benoir Tèmanaku* Javaé, grande conhecedor dos conhecimentos ancestrais e dos lugares do rio Javaés. Sem ele não teria a minha pesquisa tantas informações riquíssimas.

Foi muito importante realizar as pesquisas com os anciãos de aldeias diferentes. Cada um deles se disponibilizou para me explicar os seus conhecimentos pelos espaços e os mundos do rio Javaés na cultura tradicional do povo *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal, Tocantins.

No mês de junho 2018, retornei para aldeia *Kanòanõ* e dei continuação das pesquisas com um outro senhor (Francisco *Kòhaluè* Javaé) conhecedor de nomes das curvas e trechos do rio. Ele me ajudou bastante com os nomes das curvas e trechos de rio Javaés, de aldeia *Kanòanõ* para baixo até atual aldeia *Waòtynna*, aldeia do Miguel *Waotxia* Karajá.

Na aldeia *Kanòanõ* estava sendo realizado em ritual de *imònahaky* de espíritos de aruanã. Não acompanhei desde o início, mas na terceira parte da despedida. Tirei fotos (figura 1, adiante) e também gravei as músicas. E também gravei a fala do espírito *tori kuni* (não-indígena), que sempre fala no ritual de *imònahaky*. Como veremos no capítulo um, esse é maior protetor dos povos *Inỹ/Javaé* da Ilha. Na época dos Bandeirantes, um foi morto por uma mulher chamada *Myrihoko* do *Tòròhòni mahadu* e isso aconteceu na antiga aldeia *Kanòanõ*. A comunidade estava em festa ritual de despedida de espírito de aruanã. O dono, ou seja, o pai de espírito de aruanã, gostou muito que eu estava tirando as fotos, fazendo as gravações de músicas e também participando do ritual, que foi na

casa dos homens ou seja casa de espírito de aruanã. Lá gravei o *Tori kuni*, o espírito de branco, não-indígena. Nesse momento os homens ficam todos silenciosos e só o *Tori kuni* que fala no momento. Aproveitei e gravei a fala do *Tori kuni*, que é semelhante ao que Lourenço (2009), gravou.

1ª Parte: alimentos da roça

“Hitata Takabe
Hawati (milho)
Moneaka (mandioca)
Korowa (abóbora)
Korowaya (melancia)
Binubi Mata Mata Hee (amendoim)”

2ª Parte: Peixes

“Mariwe, Bija uhu (peixe piabanha)
Latê (peixe cachorra)
Haiki (peixe caranha)
Haretu (peixe surubim)
Tokonare (tucunaré grande)
Tokonarebeteka (tucunaré pequeno)
Kurumata (peixe papa-terra)

3ª Parte: animais de caça

Tajahu (porco-queixada)
Biara (cervo)
Tiwabu (caititu)
Tiwabukuka (veado-mateiro)

4ª Parte: Mel

Heira (mel tiúba)
Heira Waja (outro tipo de mel)
Heira Uhu (mel da abelha de barriga branca)
Heira Tata (mel de abelha brava)
Heira Bukã (mel de abelha mansa)

5ª Parte: Tartaruga

Wyrara Uhu (tartaruga)
Tarikkaja (tracajá)
Tori Herera (camaleão)



Figura 1 - Espírito de aruanã Hakiriri no Imõnahaky (brincadeira do mel). Autor: Ricardo Tewaxi Javaé

Cosmos Javaé.

O ser humano *Iny* transforma o jacaré em espírito e dá para o sobrinho, que fica permanente na família e passa de geração a geração. Quando há fartura de roça, todos anos esse espírito vem comer a comida da roça como a melancias, milho verde, banana, cana, mandioca e outros tipos de comidas, mas principalmente esses alimentos que são reconhecidos pela comunidade como sendo aqueles que sempre são servidos para os espíritos de jacaré. Esse espírito fica como se fosse um animal de estimação, como se fosse um cachorro de criança ou um gato. É chamado de *nõhõ*, que significa como se fosse uma corrente no pescoço. Exemplo: *wa nõhõ*, meu colar ou meu cachorro, que é chamado de *nõhõ*. São chamados de *nõhõ* também uma arara velha, papagaio, periquito e os espíritos de aruanãs. Também são *nõhõ* qualquer espírito de ser humano. Se alguma pessoa quiser transformar e dar para o sobrinho, pode pegar algum outro espírito, como por exemplo os espíritos de Tapirape, Kaiapó, Ava–canoeiro, Apinaje, *Walairi*, além do espírito de *tori*, que é o branco. Esses espíritos são chamados de *nõhõ*.

Esses espíritos aparecem só quando tiver fartura da roça. O pai de criança dá muitas melancias para o espírito que leva para o mundo deles. O espírito maior protetor dos povos indígenas Javaé é espírito de homem branco (*tori kuni*), espírito de homem branco morto pela mulher chamada *Myrihoko Tòròhòni mahadu*, com mão de pilão. Assim, os irmãos de *Myrihoko* transformaram o espírito de branco como protetor dos Javaé. Porque foi uma mulher teve coragem de matar o homem branco, por isso que fizeram isso em homenagem a ela. Isso tinha acontecido no meio da guerra dos Bandeirantes, que é reconhecido historicamente como o *Tori- Uhu*. Esse espírito é o maior dos *aõni* (seres ferozes). Os *hàri* (pajés) pedem ajuda dele por que nenhum outro feroz o atinja ele e também pede para salvar as pessoas das enfermidades. Assim, quando as pessoas estão muito fracas os pajés colocam o espírito de *tori kuni* para ajudar e a pessoa se levanta na hora, rapidamente. Quando o espírito está dentro da pessoa, ela se alimenta muito bem. Esse espírito de homem branco até hoje existe no meio do povo Javaé.

Além desses espíritos, as plantas também ajudam na formação de ser humanos e também ajudam nas enfermidades e nos fortalecimentos de crescimentos de crianças, sobretudo dos meninos. Por exemplo, as cascas de jatobá são usadas quando tem o ritual de *Hetohokỳ*. Neese ritual se dá banho diariamente no menino, passando para ele a altura das arvores. São usados nos rituais as cascas de arvores muitos altas, como as cascas de jatobá e cascas de tamboril. As crianças em geral, antes de passar no ritual, os pais ou

avôs passam as castanhas de coco babaçu, pisadas no pilão, nas costas ou corpos inteiros para que as crianças cresçam igual pé de cocô babaçu, altos.

A cultura do povo Javaé se relaciona com a natureza, como os rios e os lagos, de acordo com os espíritos de aruanã, que moram no fundo das águas. O rio é um lugar socialmente construído, como argumenta Tuan (1983). Para o povo Javaé os rituais de aruanã, *Hetohokỳ* e outros rituais ligados aos rios e lagos, podem ser pensados em termos de sustentabilidade socialmente construídas de acordo com a cultura do *Inỹ*.

Os conhecimentos sobre os pássaros também ajudam no processo de formação do corpo dos povos Javaé, como alguns gaviões. As unhas de gaviões são usadas para riscar nos braços de crianças para elas não errarem quando atirarem as flechas. O pássaro acauã dá notícia ruim, seja de enfermidade ou de morte. Também o uso de penas de xexéu nos ouvidos, como “cotonete”, está na verdade passando inteligência, por que o xexéu imita quase todos pássaros.

Os dentes de peixes cachorra servem para riscar (escarificar) as pernas, coxas, braços, peitos e nas costas. E dentes de aruanã também serve para riscar. Depois de riscar, passa a pimenta malagueta para ficar mais forte. O uso de pimenta malagueta na cultura do povo Javae no corpo todo é usado na preparação para ser lutador, atleta e também para as vozes boas e altas. A pimenta faz parte de formação e preparação de ser humano na cultura *Inỹ*. Toda a formação dos *Inỹ* vem da natureza, por isso que o povo indígena javae se relaciona com a natureza fortemente. Para nós, as diferenças entre os homens, as plantas e os animais são de grau e não de natureza, como entre os Achuar da Amazonia Equatorial (Descola, 2000). Os Achuar dizem que a maior parte das plantas e dos animais possui uma alma (*Wakan*) semelhante à dos humanos, “uma faculdade que os coloca entre as pessoas (*aents*), na medida em que lhes garante a consciência reflexiva e a intencionalidade. Torna-os capazes de experimentar emoções e permitir-lhes trocar mensagens com seus pares e com outros membros de outras espécies, entre as quais os homens. Está comunicação extralinguística torna-se possível graças a aptidão que o *Wakan* possuiria de transmitir, sem mediação sonora, pensamentos e desejos para a alma de um destinatário, modificando assim, as vezes inconscientemente, seu estado de espírito e seu comportamento. Os humanos dispõem para isso de uma vasta gama de palavras mágicas, os *anent*, graças as quais podem agir a distâncias sobre seus congêneres, mas também sobre as plantas e os animais, bem como sobre os espíritos e sobre certos artefatos” (Descola, 2000: 151). Na cultura do povo javaé, é bem semelhante à cultura do povo Achuar. Por exemplo: as plantas medicinais têm suas vidas e suas línguas e suas

músicas e só os pajés, que tem suas visões cosmológicas, é que tem conhecimentos de plantas.

A relação da cultura com a natureza é de interligação, porque tudo é ligado uns aos outros. Por exemplo: existem as plantas medicinais para atrair muitos peixes e mais rápido; há raízes para atrair chuvas ou para fazer a chuva parar. Os povos indígenas do tempo passado não tinham objetos tecnológicos, mas a natureza tinha de tudo para se defenderem e se protegerem de qualquer coisa. Antes de entrar dentro de água do rio ou lago, passam-se as raízes para que não aconteça algo de ruim, como ataque das piranhas, esporada de arraias e outros animais ferozes das águas. Também para tirar o mel silvestre passam-se algumas raízes e as abelhas não atacam as pessoas.

Também a natureza avisa os seres humanos. Por exemplo, na enchente do rio, os caramujos sobem no barranco e põe seus ovos na altura que a água vai ficar. O povo indígena Javaé vive conforme com a demonstração da natureza e os pajés tem suas visões cosmológicas e seus conhecimentos para ajudar com suas interpretações da natureza e do mundo. Nessa visão cosmológica no céu existem os *xibure*, os espíritos de aruanãs que moram no céu (*Biu mahadu. Biu, céu; mahadu, povo*). Também alguns espíritos de aruanãs moram no subterrâneo, sendo que a maioria mora no fundo das águas e são chamados de *hukumari* (*Berahatxi mahadu. Berahatxi, fundo das águas; mahadu, povo*). Os aruanãs chamados de *ijakuhi* moram no nível subterrâneo na mata de *Kanōanō*. Lá existe um buraco onde é o lugar desse espírito de aruanã, onde mora só aquele espírito de aruanã. Esse espírito não é do bem, mas sim do mal. Quando os pajés mandam ele matar as pessoas, eles levam a alma da pessoa. Ele mata pela alma das pessoas. Assim que acontece até hoje.

Através dos conhecimentos dos pajés os povos indígenas Javaé aprendem e sabem os lugares nos rios e nos lagos onde os espíritos de aruanã de tal da família mora, principalmente nas curvas dos rios. Os espíritos de aruanã ficam na família e passa de geração a geração. Mas não é qualquer família que recebe o espírito de aruanã. Eles são entregues para família que tem seu nome respeitado na cultura. O homem e a mulher têm de ser trabalhadores para serem dono de aruanã. Os espíritos de aruanãs são protetores das pessoas que são seus donos. Ele vigia as pessoas para não acontecer algo ruim. Eles têm seus dois donos: primeiro dono é o pajé e segundo dono é uma criança. E os pais dessa criança são reconhecidos como o pais de aruanã. A criança recebe um espírito de aruanã, como um presente de um pajé.

Os espíritos de aruanã são fontes de vida, porque são eles que cuidam e protegem o ser humano no mundo aqui fora (*ahana obira*). As pessoas não veem os espíritos de maneira nenhuma, mas somente os pajés que tem os conhecimentos cosmológicos. E também existem os espíritos de ser humanos quando morrem. O defunto some, mas o espírito dele está junto com as famílias, como protetor dos seus parentes. Os espíritos não esquecem das suas famílias. Através dos conhecimentos dos pajés, os seres humanos recebem os conhecimentos de espíritos de seus familiares. Só que os espíritos não se alimentam e por isso eles sofrem muito e procuram as comidas e as águas para beber. Eles se sentem como um ser humano. Esse espírito ou alma chama-se *tykytyby* (alma de pessoa morta que se movimenta nesse nível) ou *worosy* (alma de seres humanos que ficam na casa de aruanã, comem e bebem igual ser humano). Assim os espíritos que moram na casa de aruanã eles falam, perguntam sobre seus parentes como se fosse for um ser vivo. Eles não se considerem como a alma ou espírito. Os pajés falam com os espíritos, explicando que não ele não está vivo, mas está morto.

Com relação aos espíritos na cultura do povo Javaé eles se considerem como ser humano. Quando a pessoa morre, o seu espírito diz que foram os filhos que deixaram ela ir embora, pois não aceita que morreu. O espírito fica só e assim eles falam com os pajés. Quando é um espírito que está sofrendo demais sentindo falta das coisas dos vivos, o pajé traz e transforma ele no corpo de alguma mulher parente para gerar em outra reencarnação. Através do conhecimento do pajé os parentes próximos sabem que a pessoa voltou ao mundo nascido naquela criança para comer as comidas e beber às águas do mundo aqui fora. Assim o espírito ou alma volta ao mundo e a sua família biológica considera a pessoa que nasceu como o filho verdadeiro. Esse conhecimento na cultura do povo indígena Javaé existe até dia de hoje. Também tem outras ligações entre as pessoas na cultura do povo indígena Javaé. Quando há semelhanças das pessoas, como quando nasce uma criança com as características da pessoa falecida, os pais da pessoa que morreu avisam a família da pessoa parecida que vai se relacionar com a criança como se fosse a pessoa falecida, como um substituto do filho, filha, pai ou mãe, ou primo próximo. Assim ainda existe na cultura do povo Javae.

As relações dos seres humanos com a natureza são bem amplas. As plantas, os animais, os pássaros e os peixes e os não-humanos (*aõni*, *aruanã*, *worysy*), eles falam, tem suas línguas, mas só os pajés que entendem de acordo com os seus conhecimentos cosmológicos. Os pajés se comunicam com os seres vivos ou com os espíritos

De acordo com a lição do povo Achuar da Amazonia em sua relação com a natureza, de como eles falam que as plantas e os animais tem seus espíritos ou suas almas, os Achuar mostram como as visões da natureza são bem diferentes das visões dos não-indígenas. Os povos indígenas no mundo em geral se relacionam com a natureza, enquanto que os não indígenas se acham independentes da natureza. Eles olham a natureza com diferentes visões etnocêntricas. Como por exemplo: usinas hidrelétricas e barragens nos rios, hidrovias, desmatamentos no meio ambiente, lavouras mecanizadas. Então esses meios de se relacionar com a natureza causam muitos prejuízos e diminuição dos seres vivos, causam danos nos rios, nos lagos e vidas dos pertencentes a esses ambientes. Além disso, seus usos do meio ambiente causa empobrecimento na cultura dos povos indígenas e na vida dos ribeirinhos. Esses empreendedores não olham para a vida dos seres humanos nem para a vida dos animais, peixes e também para os não-humanos na face da terra no mundo de hoje.

A cultura dos povos indígenas Javaé da Ilha do Bananal (*Inỹ bèdènyynana*, cultura) os rituais, mitos, histórias antigas, casamentos tradicionais, parentesco, modos de tratamento, os nomes próprios, músicas, espíritos, nome do rio Javaé, roças tradicionais, pescarias tradicionais, lugares antigos, hábitos alimentares, caça, adornos corporais, arma tradicional, moradias, então tudo isso é a cultura do povo indígena Javaé. E a natureza e meio ambiente (*Bèdèrahy Bèdènyynana*, meio ambiente) são os rios, lagos, céu, estrelas, chuvas, ventos, sol, lua, plantas medicinais, árvores, os animais, os pássaros, os peixes. Esses são a cultura, a natureza e o meioambiente para o povo indígena Javaé. Mas na visão de mundo dos Javaé, tudo esta interligado e não separado, como fazem os *tori*.

Assim, para apresentar o resultado dessa pesquisa, no capítulo 1 eu descrevo as narrativas sobre a história do povo *Inỹ/Javaé*, desde a sua origem mostrando, por exemplo, que é preciso pensar nas redes de relações entre diversos povos que sempre estiveram presentes. Assim, já mesmo no tempo em que aspectos da forma física do mundo ainda não estavam plenamente definidas, como a separação entre dia e noite, já existiam povos diferentes que tinham interação entre si. No capítulo dois, abordo o espaço e o meioambiente em que viviam os povos no passado, procurando mostrar como cada povo interagia com o meioambiente para suprir suas necessidades. No capítulo 3, faço a descrição dos pontos de trechos e curvas do rio Javaé. Tomo a aldeia *Kanõanõ* como referencia e descrevo inicialmente a montante, até chegar no rio Araguaia. Em seguida, descrevo rio abaixo (jusante) até o rio Javaés desaguar no rio Araguaia.

Capítulo 1 - Rede de histórias dos povos que deram origem ao povo *Inỹ/Javaé*

Na trajetória da etnologia sobre os povos indígenas das Terras Baixas da América do Sul, estabeleceu-se uma visão quase sempre atomizada sobre os povos, quase sempre vistos em suas particularidades, dando-se pouca atenção aos processos de interação e aos conjuntos de redes de interrelação que sempre estiveram presentes. Assim, ainda que seja adequado pensar as particularidades culturais que fazem de cada povo uma unidade cultural específica, não devemos deixar de olhar também para as redes nas quais estão inseridos esses povos.

Para compreender a história do povo *Inỹ/Javaé*, desde a sua origem, por exemplo, é preciso pensar nas redes de relações que sempre estiveram presentes. Assim, já mesmo no tempo em que aspectos da forma física do mundo ainda não estavam plenamente definidas, como a separação entre dia e noite, já existiam povos diferentes, como veremos adiante.

1. Cosmogonia *Inỹ*

Na cosmologia *Inỹ/Javaé*, os antigos narram que no início o mundo era escuro. Existiam somente dois povos que viviam no mundo escuro: o povo *Ijanakatu* e o povo *Inỹ* da *Myrèikò*. Nesse tempo *Tynyxiwè* era só uma pessoa. *Tynyxiwè* era esposo de *Myrèikò* e eles viviam na escuridão. Em certo tempo a sogra de *Tynyxiwè* reclamava do escuro. Ela dizia que não aguentava mais andar no escuro e que as suas canelas e os joelhos estavam todos machucados. Ela falou: “nossa que situação das minhas canelas e os meus joelhos, estão todos machucados!” Ela topava e tropeçava nos tocos e se machucava e por isso que ela reclamou: “meu genro, o mais poderoso do mundo e olha minha situação!” Então *Tynyxiwè* pensou: “nossa minha sogra está reclamando de mim!” Certo dia decidiu procurar o Sol para iluminar o mundo para ela viver no mundo da clareza e também para iluminar o mundo para os povos que viviam no escuro. O *Tynyxiwè* falou para sua esposa *Myreikò* que ele iria sair de casa e para ela não se preocupar com ausência dele.

Tynyxiwè foi procurar o urubu *kojiè* para este encontrar um animal morto para ele se disfarçar dentro do animal morto. Então o urubu *kojiè* foi procurar e encontrou um animal morto. A intenção de *Tynyxiwè* era atrair o *Rararesa* (urubu-rei), por causa do *rahetò*, que ele usa como cocar. O *rahetò* do urubu-rei era o Sol e o urubu-rei era seu

dono. O *Tynyxiwè* já sabia onde existia o Sol e de quem era o Sol. Então *Tynyxiwé* pensou como iria ser mais fácil de trazer o urubu-rei ou de se encontrar com ele.

Para pegar o Sol dele e iluminar o mundo, *Tynyxiwè* entrou dentro e se transformou no animal morto para pegar o urubu-rei. Os urubus são os tios de urubu-rei. Eles foram busca-lo no céu para comer o animal morto. Mas a tia de urubu-rei desconfiou de animal morto. Ela estava falando que o animal não estava morto, que estava vivo. Urubu estava brigando com ela, dizendo: “onde que o animal está vivo? Você não está vendo que o animal está morto, inchado e as bicheiras estão todas no corpo dele, comendo!” O *Tynyxiwè*, olhando para o céu, pensava: “nossa, será que ele vem? Será que vou conseguir o Sol para minha esposa *Myrèikò*?” Então o urubu-rei veio descendo. “Nossa, que bom, vou pegar”, pensou *Tynyxiwè*. Ele desceu mais baixo e o *Tynyxiwè* esticou a barriga dele para o urubu-rei não desconfiar. Ele foi chegando mais perto e o *Tynyxiwè* estava tremendo dentro do animal morto. Urubu-rei desceu e sentou bem na barriga do animal morto. Virou em cima da barriga e então *Tynyxiwè* se transformou em gente e segurou o *Rararesa* (urubu-rei).

Tynyxiwè falou com *Rararesa* e o chamou ele de *iòlò*: “te peguei não para te fazer a maldade. Te peguei por causa de seu *raheto*. Então *Rararesa* falou que ele não tem *raheto*. *Tynyxiwè* insistiu com ele: “eu quero seu *raheto*.” O *Rararesa* pediu para os seus tios, os urubus, para buscar o *raheto* (cocar, que é o Sol). Foram ao céu, na casa de *Rararesa* e trouxeram só as estrelas chamada de *larabòtò*, as estrelas Sete Estrelas (as Plêiades). *Rararesa* falou para o *Tynyxiwè*: “aí esta o meu *raheto*”. *Tynyxiwè* disse: “não é esse que eu quero, eu quero seu *raheto* de verdade”. Então *Rararesa* falou para seus tios levarem de volta as Sete Estrelas, pois não deu para clarear o mundo, só apareceu no céu. Os tios de *Rararesa* trouxeram então as estrelas *hatèdèkòtè*, estrelas Três Marias. *Rararesa* (o urubu-rei) disse novamente: “aí está o meu *raheto*.” *Tynyxiwè* replicou: “eu quero seu cocar de verdade”. *Rararesa* falava que não tinha outro *raheto*. Novamente os tios de *Rararesa* levaram de volta aquele *raheto* e trouxeram outras estrelas chamado de *kôri juraru*, as estrelas Cruzeiro do Sul. *Rararesa* fala para o *Tynyxiwè*: “aí esta o meu *raheto*.” Mas *Tynyxiwè* disse novamente: “eu quero seu *raheto* de verdade.” *Rararesa* disse que não tinha outros. Mas o *Tynyxiwè* continuou insistindo que queria o cocar de verdade. *Rararesa* falou então para os tios dele levarem de volta: “não tem jeito ele vai me matar”. *Tynyxiwè* disse: “não vou te matar, eu só quero seu *raheto* verdadeiro, isso que eu quero.” Os tios de *Rararesa* foram e levaram de volta. Dessa vez trouxeram outra estrela, a *Takinahaky*, a Estrela D’Alva. *Rararesa* falou para o *Tynyxiwè*: “esse é ultimo *raheto* que eu tenho”. E *Tynyxiwè* continuou insistindo, chamando o urubu-rei de *Iòlò*: “o

iòlò, te peguei por causa de seu *raheto* de verdade”. De novo os tios de *Rararesa* levaram a estrala de volta. Então *Rararesa* falou para os seus tios para trazerem *Ahadu* (a lua). Eles trouxeram a lua e essa clareou um pouco. *Rararesa* disse para o *Tynyxiwè*: “esse é último, não tenho mais.” Mas *Tynyxiwè* continuava falando que ele queria o cocar de verdade. *Rararesa* pensou novamente: “nossa não tem jeito, tô morto”. Novamente *Tynyxiwè* respondeu: “não vou te maltratar”. *Rararesa* falou, então, para os seus tios levarem de volta e trazer o ultimo que eu tenho. E avisa: “esse vocês não trazem direto. Vocês vêm, depois volta um pouco para traz e depois vocês trazem de verdade *Txuu*, que é o sol. Então, *Rararesa* fala para o *Tynyxiwè*: “esse é meu ultimo *raheto*”. Responde *Tynyxiwè*: “sim, esse que eu quero. Eu não vou te maltratar eu só quero seus bens”. Então *Tynyxiwè* lançou o *raheto* verdadeiro com uma flecha e ele se fixou no céu e pode iluminar o mundo.

Depois *Tynyxiwè* soltou *Rararesa*. *Tynyxiwè*, então, pediu para o urubu-rei contar como que os seres humanos vão viver no mundo iluminado. *Rararesa* explicou para o *Tynyxiwè* sobre todas as vidas no mundo iluminado. Então o *Tynyxiwè* foi aprendendo com o *Rararesa*. Ele estava conhecendo o conhecimento de *Rararesa* para os seres humanos. *Rararesa* é o *xiburè*¹.

Tynyxiwè perguntou ao *Rararesa*: “*iòlò*, como que vai ser a roça?” Respondeu *Rararesa*: “a roça vai ser um lugar bom e alto. Primeiro tem que fazer o roçado e depois fazer derrubada, espera secar as derrubadas da roça. Passa um mês ou dois meses e faz a queimada. O homem tem que fazer a roça sozinho porque é um pagamento por uma moça (preço da noiva) e são só os homens casados que fazem a roça. Um rapaz solteiro não tem como fazer a roça. Só depois quando tiver casado com uma moça, aí faz uma roça.” Assim o *Rararesa* (urubu rei) repassou para o *Tynyxiwè*.

E *Tynyxiwè* também perguntou como fazer a canoa: “tem que escolher um pé de landi bem grande. Depois vão os homens para derrubar o pé de landi e também abrir todos juntos. Depois só um homem que termina. Também é um homem depois de casado que faz a canoa para o pagamento de uma moça. A primeira canoa dá para sua esposa.” “E o remo, como que vai fazer?” “Derrubar um pé de tarumã e tira a madeira e faz o remo”. “E o ralo como que vai fazer?” “Tirar um pedaço de uma madeira e coloca os pedaços de uma espécie de pati. Essas são tarefas de homem e tarefa de mulher é fazer a esteira e fazer o cobertor e também os enfeites, os adornos.”

¹ *Xiburè* é um ser com poderes extraordinários que trabalham como auxiliares dos *hàri* (xamã) em processo de cura.

Muitas coisas na nossa vida que vieram de *Rararèsa* (urubu rei). Porém *Tynyxiwè* esqueceu de uma coisa. Quando *Rararèsa* já foi embora e estava lá muito alto, *Tynyxiwè* gritou para ele: “como que vão ser as transformações? Quando as pessoas envelhecem como ela se renovam?” *Rararèsa* respondeu de muito alto e só o *Tynyxiwè* que entendeu além de alguns répteis que ouviram como a cobra, camaleão e também alguns pés de árvores. Estes seres que ouviram, eles se renovam, mas os humanos não.

Então esse conhecimento de se transformar, o *Tynyxiwè* não repassou para o ser humano. Então quando saiu o Sol, *Rararèsa* foi explicando como o ser humano faz para viver no mundo com a claridade do Sol. Assim, os *Iny* fazem uma demarcação do tempo diário da seguinte maneira.

Quando é 5 horas da manhã (*bèdè riraso-nymy*; tradução – o dia já esta clareando) os homens vão para um lugar longe num lago (eles chamam: *ijoi rakere*; tradução – vamos!). Os homens vão a alguns lugares e quando é 7 horas da manhã eles chamam esse horário de *txuu ròhònyra* (tradução – sol já apareceu). Quando é 8 horas, dizem *txu ratirariè-my* (tradução - o sol já subiu). Por volta de 9 horas da manhã, falam *txuu Iny òbira-my* (tradução – sol já pega no rosto da pessoa). As 10 horas da manhã, dizem que é *txu Iny ra tya* (tradução – o sol está acima da altura das pessoas), Ao meio meio dia dizem *txu-tya* (tradução - sol no meio do céu). Quando é 1 hora da tarde, diz-se que é *txu ròkèsè-my* (tradução – sol voltando). Lá pelas 2 ou 3 horas da tarde, fala-se que é *txu – rytyny – my* (tradução – sol já desceu). Quando é 4 horas da tarde, então é *txioro-txu – rèhè – my* (tradução – sol ainda longe da terra). Quando é 5 horas da tarde *txioro* (tradução – sol quase entrando). E quando for 6 horas da tarde, diz-se que *bèdè luru – my* (tradução – já escurecendo). Mas quando o sol se põe, diz-se que é *txu –ròtèna – sytyby- my* (tradução – depois do sol se por, mas ainda claro). Quando for 7 horas da noite, é *bèdèsò – tyhymy* (tradução – bem no começo da noite). As 8 ou 9 horas fala-se *bèdèsò raramykymy* (tradução – não é mais cedo da noite). Por volta das 10 as 11 horas da noite diz-se *bèdèsò rara – wètyamy* (tradução – quase no meio da noite). Quando é meia noite, então diz-se *ruwètya-my* (tradução – meio da noite). Lá pela uma hora da madrugada é *hanikè dèlè irà* (tradução – galo já começa a cantar). Quando é 2 até 4 da madrugada, então é *bèdèdi*.

Então essas regras do dia ou repartição do tempo foram feitas pelo dono do Sol, *Rararesa* (urubu-rei). Ele deixou a forma de regras de desenvolver as tarefas de acordo com os tempos. Por exemplo: quando as pessoas vão para alguns lugares longe, marcam com a lua ou com algumas estrelas. Assim é a vida dos seres humanos na cultura do povo *Iny/Javaé*.

2. O surgimento dos povos

Foi a partir de então que os povos surgiram do mundo que está abaixo do fundo das águas. Muitos povos na Ilha do Bananal, como o povo *Wèrè*, que surgiu na *Bòra* na região de atual aldeia Macaúba, no Rio Araguaia. O povo *Iwayrè/Karajá* surgiu na *Inỹ Sèdyna* no Rio Araguaia. Já o povo *Kuratanikèhè*, surgiu do fundo do Riozinho, na região sul do Bananal Velho. Do fundo do Riozinho, também surgiu o povo *Imõtxi*, na região do *Imõtxi*. O povo *Halàlàra* surgiu na região sul da ilha do Bananal, mesma região onde surgiu o povo *Latibi*, o povo *Anaèrèbi* e o povo *Kumaka*.

Já os povos *Hauxe*, *Mõrí*, *Ibirahy* e *Iorobi* surgiram na região do Rio Jaburu, saindo do mundo existente abaixo do fundo das águas no Rio Jaburu. O povo *Lòrèky* surgiu do fundo das águas no rio *Lòrèky* ou *Sohoky*, enquanto que o povo *Hèryri Hetxitèbè* surgiu do fundo das águas no rio Javaé, na região da atual aldeia Cachoeirinha. Nesta região surgiu também o povo *Kuriminikè*. O povo *Tòròhòni* surgiu no fundo das águas na pedreira da atual Fundação Bradesco, no Rio Javaé. O povo *Kuriawaku* surgiu na região de *Wari – Wari*, próximo ao Wari-Wari Bero (rio de Wari-Wari). Os povos *Bisa Irukyrè*, *Harè* e *Habòkò* surgiram na região norte da Ilha do Bananal, sendo que o último o povo a surgir foi o *Ixy Biawa*, no fundo das águas no Riozinho.

Há três povos que surgiram fora da Ilha do Bananal. O povo *Wala* surgiu a partir do fundo do lago *Wala ahu* (lago do *Wala*), na região de *Kanõanõ*. O povo *Tòròhòni* surgiu no fundo das águas na margem direita do rio Javaé e o povo *Walairi* surgiu no fundo das águas no rio *Walairi* na região atual da fazenda Brahma. Esses três povos são vizinhos da Ilha do Bananal.

Então, esses povos surgiram na Ilha do Bananal e no seu entorno e cada povo com sua cultura e suas línguas diferentes. O povo *Wèrè* se afirmam como o dono de todas as culturas e línguas. Os outros os povos se interessaram e aprenderam as línguas de *Wèrè* e também os seus rituais.

Assim a cultura do povo *Inỹ/Javae* da Ilha do Bananal se construiu. No começo do mundo da claridade, os povos *Wèrè* trouxeram alguns alimentos da roça como a banana nanica, milho, batata doce, a melancia e também trouxeram o urucum e açafrão para passar na pele, óleo de babaçu para passar nos cabelos. Algumas coisas foram encontradas depois, ou seja, arrumaram aqui no mundo a fora (*ahana-òbira*), como a resina de almecega, dentes de capivara, penugem de mergulhão e também arrumaram os dentes de cachorra e dentes de peixe aruanãs, para escarificar os corpos (com isso ficava muito potentes) e também arrumaram a pimenta de macaco e a pimenta de água (uma

planta arbustiva cujas folhas piladas são usadas para passar nas escarificações) que fica na beira do rio ou no lago, para passar depois que riscar os corpos.

Quando os *Wèrè* passaram pelo rio Araguaia, viram a capivara na margem do rio Araguaia. O mais velho perguntava para seu irmão mais novo: *waixi aõ iròdu ta kia rare?* (“meu irmão que animal é esse?”). O irmão mais velho respondeu: “esse animal vai ser chamado de capivara. O tio da criança mata e tira os dentes de capivara e os dá para o seu sobrinho fazer enfeites, como adorno que vai ser usado nas orelhas. Coloca as penas de arara vermelha nos dentes da capivara”. Seguindo em frente, encontraram o pássaro mergulhão. Então o irmão mais novo perguntou novamente: “meu irmão que pássaro é esse?” Respondeu o irmão mais velho que esse pássaro seria chamado de *waka*. O tio de criança mata e dá para seu sobrinho passar as penugens nos braços e nas pernas de bebe recém-nascido. Então os povos *Wèrè* fizeram as normas e regras na vida social do seu povo e para o povo *Iny/Javae* aqui o mundo de fora (*ahana òbira*).

Os outros povos não tinham os enfeites e adornos que os povos *Wèrè* tinham. E o povo *Wala* também tinha os seus enfeites e adornos parecidos com os enfeites dos *Wèrè*. Cada povo tinha sua cultura diversificada. O povo *Wèrè* se autodenominam de *Iny tyhy*. Majoritários nas culturas de outros povos, eles navegavam pelos rios Araguaia e rio Javaés e em todos os lagos de Ilha do Bananal.

O povo *Wèrè* tinha *hàri* (xamã): três homens e três mulheres. Eles pensaram de criar, ou seja, inventar os rituais de espíritos de aruanãs. Dizem que os restantes dos povos no nível inferior se transformaram em espírito de aruanãs (*Iny roko*). Os outros povos não tinham esse ritual. Também existem *iòlò* na cultura deles. Na cultura do povo *Kuratahanike* também existia *iòlo*, que é conselheiro formal da comunidade. O *iòlò* é muito respeitado na cultura, pois ele defende para que não aconteçam brigas nas comunidades.

O povo *Wèrè* era o mais populoso da Ilha do Bananal. Eles navegavam pelo rio Araguaia de ponta a ponta. Também navegavam para cima ou pra baixo no rio Javaé, no Riozinho, no meio da Ilha do Bananal e nos lagos. Fora da Ilha do Bananal também eles navegavam como no rio Verde e no rio Formoso. O povo *Wèrè* se autodenominava *Iny tyhy*, pois eram os mais importantes que os outros povos que existiam na Ilha do Bananal, além de serem de mais potencialidade bélica que os outros povos. Quando encontravam os seres ferozes², seja no rio Araguaia ou nos lagos ou no rio Verde, eles não sentiam medo de se confrontar. Por isso que alguns lugares de rio Araguaia e nos lagos de Ilha do

² Esses seres ferozes são chamados na língua *Iny* de *aõni*. São seres com grande capacidade predatória que afligiam os *Iny*,

Bananal ou no rio Verde, existem os nomes de *Wèrè* (*wèrè-ahu* = lago de *Wèrè*). Então foi naquele lago onde os seres ferozes acabaram com os *Wèrè*. Os *hàri* dizem que os espíritos de *Wèrè* estão lá, no fundo do lago. Quando alguém ia pescar no lago, os espíritos de *Wèrè* se transformam em pirarucu e vinham para fora da água como pirarucu para ver as pessoas. Eles se animam para receber as pessoas no lago. Porém são somente os *hàri* que enxergam e conversam com eles.

E no rio Verde também aconteceu uma tragédia na pescaria tradicional que se chamava de *loiri*. Essa pescaria tradicional era feita de madrugada. Cercava o rio com as palhas de coco babaçu ou com os galhos e as folhas de árvores e faziam um tipo de arrastar as redes nos rios ou nos lagos. Então a boiuna, ou seja serpente que chama-se *reimylò*, ficou dentro de *loiri*. Os pescadores vêm puxando suas pescarias até chegar na rasura, ou seja, no perto de seco. Quando vem amanhecendo eles tinham ouvido no meio da pescaria muito barulho de água. Eles pensavam que tinham pegado muitos peixes de madrugada. Quando amanheceu eles perceberam que não eram peixes. Era um ser feroz. Um *Wèrè* atirou uma flecha nele, mas não conseguiu atingir. Quando a boiuna abriu a sua boca e depois que fechou a boca, os *Wèrè* caíram mordidos. Mais um deles foi de novo flechar a boiuna e também não conseguiu matar. Ela abriu a boca de novo e fechou a boca e os *Wèrè* estavam morrendo (*taunymy – Inỹ –rò*). Então os que restaram deixaram o local, ou seja, correram e escaparam.

O lugar chama-se *Wèrè – loiri na*. Os espíritos de *Wèrè* estão lá no fundo do rio Verde, em cima de uma boiuna muito maior (*reimylò*). Como as pessoas vivas, eles conversam com os *hàri* (xamã, ou pajé). Então esses acontecimentos de algumas tragédias, foram comandados pelos *hàri*, porque algum dos pescadores teve caso com a filha ou com sobrinha de um *hàri*, por isso que ele mandou o ser feroz acabar com muitas pessoas. Por causa de uma, morreram muitas pessoas, dizem os *hàri*. A boiuna que existe no fundo de rio Verde, que acabou com os *Wèrè*, é muito maior que todas na região da Ilha do Bananal, por isso que os *Wèrè* não conseguiram atingir esse ser feroz. Assim a história narrada pelos narradores do povo *Inỹ Javaé*.

Os povos *Inỹ* não brigam entre si. Eles gostam de confrontar com os seres ferozes. Quando o *hàri* mandam os ferozes, eles não correm e só pensam em matar esses seres. Por isso que os seres ferozes acabam com eles e também explica porque alguns *Wèrè* se transformaram em espíritos de aruanãs ou lateni. Por exemplo, podemos citar o aruanãs *wèrè hakimiri* e o *lateni*, *wèrè lateni*. Esses são espíritos de *Wèrè* que se transformaram e existe isso na cultura de *Inỹ/Javaé*.

Os povos *Wèrè* são muitos corajosos e matadores de ferozes (*aoni*) nas regiões da Ilha do Bananal e no rio Araguaia. Os *Wèrè* mataram um desses ferozes, chamado de *Hèrèrajuà*, no lugar chamado de *hirari-loirina* (*hirari* = meninas abaixo de dez anos; *loiri* = pescaria tradicional; *na* = sufixo de lugar). Foram os *Wèrè Kuberiè* e *Wèrè Kojama* que mataram e são eles os vencedores. Depois da vitória, ambos ficaram com os dois pés virados para o sol nascente e cantaram usando os nomes deles (*Kuberiè, Kojama hehy! Kuberiè, Kojama hehy!!!!*), e se transformaram em espíritos (*Wèrè kuni*). Isso porque aquele *aõni* matava várias pessoas, pois as atacavam quando as canoas passavam pelo rio Araguaia. Os dois homens *Wèrè* foram só para matar aquele ser feroz e conseguiram matar. Então agora não existe mais esse ser feroz no rio Araguaia, pois só ficam no nível subaquático e só os *hàri* que conseguem enxergar com suas visões dos vários níveis cosmológicos.

Os *Wèrè* também mataram no rio Araguaia o *Werehina*, um *aõni* chamado de *wodò*. *Werehina* tem a aparência de gente, só que não é gente. Ele é um *aõni*. Ele matava as pessoas nos lugares das praias do rio. Ele assobiava avisando que estava indo (*lotxi !arakere*). Corria e pegava algumas pessoas e as levavam para casa dele, onde os comiam com suas famílias. Todas as vezes que os povos iam para aqueles lugares, sempre acontecia. Os *Wèrè* pensaram: "vamos defender os nossos povos", aí foram matar *Werehina*. Quando anoiteceu eles ficaram de espera. Quando viram que estava vindo correndo no meio das praias, eles atiraram as flechas. *Werehina* correu de volta e chegou lá na casa dele, morrendo e falou para sua esposa *Koriwèkèru*: "os *Wèrè, Wèrè Wobèdu, Wèrè Ijani, Wèrè Dèridu* vão me matar". Eles foram embora e a esposa de *Werehina*, levou o corpo de seu marido para a Ilha do Bananal no lugar chamado de *Iny-bò*, o coco babaçu, de *Iny-ni*, pois que a castanha de babaçu tinha a capacidade acordar e fazer reviver as pessoas novamente. Por isso que ela estava levando o corpo de seu esposo, para dar banho nas castanhas de babaçu.

Ela foi chorando e usava os nomes deles. Então os *Wèrè* disseram: "vamos enterrar o corpo do marido dela, senão ele vai acordar de novo e vai nos matar". Foram na frente, encostaram a canoa e esperaram. Quando ela chegou lá com seu marido morto, eles falaram com ela chamando-a de prima: "minha prima, mataram seu esposo". Ela respondeu: "sim mataram meu esposo". *Wèrè Ijani, Wèrè Wobèdu, Wèrè Dèridu boho* disseram: "nós que somos seus primos vamos enterrar o corpo de seu marido para você". Ela deixou para eles enterrarem e voltou para sua casa chorando (*waijo !! txu ralo kereri !, waijo!! Ho!, waijo txu ralo kereri !, Were Wobèdu !! bohokè ! ikotxi !hè !, txu ralo*

kereri !, Were Ijani ! bohokè! Ikotxi!hè ! txu ralo kereri !, Wèrè Dèridu ! bohokè ikotxi!hè ! txu ralo kereri !). Assim é choro de *Koriwèkèru*, esposa de *Wèrè hina*.

3. Conflito entre *Wèrè* e *Iwayrè ixiju* (Karajá)

Então, no começo de mundo do sol os *Wèrè Iny Tyhy* e os *Iwayrè ixiju*, são vizinhos e a amizade (*rynawy*) era muito respeitada por eles. Mas com o passar dos tempos os *Iwayrè mahadu*, (Karajá) mexeram com os *Wèrè* e mataram o pai de um deles (*Wèrè Kuduè*), pai de *Wèrè Tèribèrè*, *Wèrè Ijani*, *Wèrè Dèridu* e *Wèrè Wobèdu*. Mataram ele numa praia, onde *Wèrè Kuduè* sempre ia coletar os ovos de tracajá (*mai-ruxi* = tradução em português: casca de milho). Ele não voltou mais para sua casa e então os seus filhos se preocuparam e pensaram: “o *Iwayrè* matou nosso pai”. No outro dia foram procurar ele e encontraram o corpo dele cheio de flechas. Os *Wèrè* disseram: “nossa os *Iwayrè* mexeram com a nossa vida” Então os *Wèrè* anunciaram a guerra e avisaram para os homens se preparam e fazerem suas flechas, suas bordunas, suas lanças. Depois de todas as armas feitas, os *Wèrè* foram atrás de *Iwayrè*. No primeiro dia mataram só um *wetxu* (tipo peão, ou seja, empregado deles), que se chamava *Katarawa*, um membro de outro povo que foi criado no meio deles. *Wèrè – Ijani*, falou: “eu quero que morre, eu quero matar um *Iwayrè* (um Karajá)”. Foram de novo até a aldeia deles e começaram a guerrear. Mataram muitos e voltaram para sua aldeia. Depois foram de novo guerrear com eles. Foi então que os *Iwayrè –mahadu* foram pelo rio abaixo e os povos *Wèrè* foram atrás e os encontram no meio do rio Araguaia, nas praias. Começaram a atacar de novo e continuaram a seguir descendo pelo rio Araguaia. Os *Wèrè* queriam acabar com os *Iwayrè* e continuaram descendo o rio Araguaia até chegar à boca de rio Javaé. E os *Wèrè* continuam seguindo eles. Os *Iwayrè* entraram na foz do rio Javaé para chegar na foz do Riozinho e subir por ele até chegar em *Marani–Hawa*, para eles se esconderem na casa do *iòlò Tòlòra*, porque os povos *Iwayrè* já sabiam que existia o grande *iòlò Tòlòra*, que morava na aldeia *Marani –Hawa*. Os guerreiros do povo *Wèrè* continuava seguindo eles. Quando os alcançavam, continuavam confrontando com eles. E quando chegaram no *Imòtxi*, pararam no lugar para fazer uma bebida chamado de *bèsu*, para um jovem tomar porque ele não comia nada durante a guerrilha. Enquanto isso os *Iwayrè* fugiram dos *Wèrè*. Só tinha sobrado uma canoa dos *Iwayrè*, que chegaram até à casa do *iòlò Tòlòra* para se esconderem dos *Wèrè*.

Depois de tomar o *bèsu*, seguiram o caminho e não encontraram mais os *Iwayrè*. Quando chegaram na fonte³ do *iòlò* em *Marani-Hawa* viram a canoa dos *Iwayrè*. Mas não tinha como invadir a casa do *iòlò Tòlòra*, porque os *Wèrè* tinham grande respeito por *iòlò*. De longe o *Wèrè Ijani* gritou ao *iòlò*: “*Iòlò* você escondeu meu adversário?” Então o *iòlò* respondeu: “eles não estão aqui em casa”. *Wèrè Ijani* falou: “a canoa deles está aqui na sua fonte”. O *iòlò* respondeu: “essa canoa ganhei deles de *rynawy* (amizade),” ao que o *wèrè* falou para o *iòlò*: “você vai saber quem são eles de verdade. Eles não são gente. Eu respeitava eles e mesmo assim mataram meu pai. Por isso que estou aqui. Eu ia acabar com eles.”

O povo *Anirahu* surgiu na região de *Marani-Hawa*. As mulheres desse povo são mais danadas. As mulheres *Anarihu* são reconhecidas como mais salientes, pois quando elas encontravam os animais, só pensavam em namorar. Elas faziam os namoros coletivos, ainda que algumas delas namoravam individualmente com alguns animais. As eram mulheres mais salientes, mais do que os homens. E elas andavam muitos lugares bem longe.

As mulheres *Anirahu-mahadu*, foram procurar pequi na região de *Lòrèky*, atual mata de João Queira. Lá elas encontraram o jacaré-açu, que tinham forma de gente. No rio *Lòrèky (Lòrèky bero)*, elas pediram a ele namoro e ele aceitou o pedido de namoro e começou a namorar com elas. Elas vinham animadas procurar e pegar os pequis. Quando chegavam no local, elas cozinhavam os pequis e quando estivessem todos cozidos, algumas delas se preparava para chamar o jacaré-açu para vir e trazer peixes para elas comerem junto com ele e namorar. Ficavam bem na beira do rio e chamava: *Jakarè! Jakarè! wõõõ !!!, arinahaky! kòtèburè di! manakè! wõõõ !!!, bènõra- haky, kòtèburè di manakè! wõõõ !!!, latè- hèky, myriwè hèky, kanana haky, kòtèburè manakè! wõõõ!!!*. E o jacaré-açu respondia: *bò! Bò! Bò! Bò!*. Ele vinha e trazia muitos peixes, que as mulheres cozinhavam: tucunaré, cachorra, piabanha e jaraqui. Comiam juntos com ele e depois o namoravam, uma a uma. Pela tarde voltavam para suas casas e levavam só as cascas de pequi para as suas famílias. Todas as vezes que elas iam, encontravam com o jacaré-açu, faziam as festas de comidas e namoros.

Um certo dia, uma delas levou seu filho. As outras falaram para ela não levar o filho, senão poderia ser descoberto o namoro delas e poderia contar para seu pai. Ela falou que ele não ia contar. O menino acompanhou sua mãe e ele foi só observando como elas faziam os pequis: cozinhavam os pequis e tiravam as castanhas de pequi. O menino ficou

³ Local do rio que serve de fonte de água para a aldeia ou casa.

observando as mulheres, viu como que elas chamavam o jacaré-açu para vir trazer os peixes. O menino foi observando tudo e quando chegou na aldeia ele logo contou para o seu pai que as mulheres estavam namorando com o jacaré açu.

O pai do menino reuniu os outros homens na casa dos homens e disse para que não brigassem com as suas mulheres para elas não desconfiarem. Os homens fariam sua vingança diferente. Eles foram acampar para caçar patos selvagens. Mas os homens mataram só pássaros, como o socó, urubu, mergulhão, jacu cigano. Assaram e cortaram os pés e os pescoços dos pássaros para as mulheres não descobrirem e levaram para suas mulheres. Eles enganaram elas. Os homens deram os pássaros que não são de consumo para os *Iny* e elas sentiram gostos diferentes e perguntaram onde estavam os pés e os pescoços de animais. Os homens falaram que os rapazes comiam os pés e os pescoços.

No outro dia os homens falaram para as suas mulheres para elas irem procurar pequi nas matas. E elas foram para encontrar com jacaré-açu. Pela ultima vez fizeram as mesmas rotinas e namoraram com o jacaré-açu. No final do dia elas voltaram para suas famílias e os homens perguntaram como foi a "caçada" de pequi e elas falaram que foi muito boa.

Em outro dia, chegou a vez dos homens saírem para caçar. Ao saírem os homens falaram para as mulheres não irem para alguns lugares e algumas mulheres desconfiaram.

Quando chegaram no rio *Lòréky* eles mesmos cozinham os pequis e depois alguns dos homens se vestiram de mulher e foram chamar o jacaré-açu (*Jakaré! Jakaré !wõõõ !!!arinahaky kòtèburè- di- manakè! Wõõõ !!!*), aí jacaré-açu respondeu (*bò!, bò!, bò!*). Então os homens fizeram a armadilha de esperar na beira da mata, todos eles com as suas flechas nas mãos, enquanto alguns dos homens foram receber o jacaré-açu. O jacaré-açu chegou carregando muitos peixes e quando estava passando perto da margem do rio, os homens começaram a flechar o jacaré-açu e o mataram. Eles pensaram e decidiram levar o corpo de jacaré para o outro lado de rio e o jogaram na mata de João Queira. Limparam o sangue dele e pegaram os pedaços de flechas que foram usadas.

No final do dia os homens chegaram na aldeia. No outro dia, as mulheres foram na "caçada" dos pequis. Quando chegaram lá no local, elas cozinham os pequis e quando estavam todos cozidos uma mulher foi chamar o jacaré-açu (*Jakaré! Jakaré!wõõõ!!!, arinahaky! kòtèburè-di – manakè wõõõ !!!, bènõra haky , kananahaky, myriwè-hèky, latèhèky kòtèburè – di – manakè! Wõõõ !!!*). O jacaré-açu respondeu meio baixo *bo! bò! Bò!*. Ela chamou de novo e nada. A cada vez ia abaixando mais a voz do jacaré. Então as mulheres ficaram desesperadas, culpando aquela que levou o seu filho. Começaram a chorar e procuraram os rastros dos homens até que encontraram os pedaços de flechas e

foram no rastro e atravessaram o rio *Lòrèky*. E lá encontraram o corpo de jacaré-açu. Elas se jogaram em cima de corpo do jacaré-açu e choraram muito. Depois elas se reuniram para não voltarem aos seus maridos e era para não sentirem saudades de seus filhos e não sentirem amor pelas suas famílias. Elas procuraram os taquaris nas matas de *Lòrèky*, até que os encontraram, cortaram e fizeram as flechas para brigar com seus próprios maridos. E cortaram os seus seios esquerdos para não atrapalharem na hora de atirar as flechas. E se transformaram em *Kyrysa*, índios selvagens.

Assim, elas se transformaram em outros povos de índios bravos. Existe o lugar de taquari chamado de *hawky – bòtòrè* (tradução em português = taquari de mulher).

Existem muitas histórias das mulheres *Anirahu-mahadu*, todas ligadas a saliências sexuais. Na história de boto, uma mulher *Anirahu* namorou com a anta macho. Quando seu esposo descobriu, matou a anta. A mulher ficou contrariada com o próprio esposo. Furou um coité e o colocou na sua cabeça e mergulhou, ou seja, afundou dentro de água e se transformou em um boto. Assim que surgiu o boto no rio Javaé.

Alguém que era cantor e compositor *Inỹ/Javaé*, fez uma música falando dessa transformação de uma mulher em boto, explicando como foi e porque existem o boto. *Anirahu! Mahadu !reke!, anirahu ! mahadu! Reke!, rubehere! Kõri ! wotòèna- di – rubehere! Ijõ!, tariki-sy !rubehere!, buha!- myhe- hy!!*, Essa é a música de boto.

Uma delas também namorou com o macaco e teve um filho. O tio dessa criança queria pegar seu sobrinho e a mãe não deixava seu irmão pegar o seu filho. Um de seus irmãos foi pegar o seu sobrinho à força e viu que não era criança, mas sim era um filhote de macaco. Esse irmão dela matou o filhote de macaco.

Assim são as histórias que foram narradas pelos narradores *Inỹ/Javaé*.

4. Como surgiram as misturas dos povos

Então depois que os *Wèrè* atacaram os *Iwayrè*, eles voltaram para suas casas. Foi a partir de então que começou a ter casamento interétnico *Iwayrè* (Karajá) com *Kuratahanikèhè* (o povo de *Marani – Hawa Mahadu*), sendo por isso que existem os parentes nos *Iwayrè – mahadu*. Aqueles que tem mistura com os *Kuratahanikèhè* tem as pernas grossas e as bundas grandes e tem as coxas grossas. Já os *Iwayrè* não miscigenados tem as pernas finas, coxas finas sem bundas e a pele mais escura, ou seja, preta, e as bocas grandes. Os *Wèrè* chamavam os Karajá de *Iwayrè* (tradução em português: o povo de um só pé). E os Karajá chamavam os *Wèrè* de *Trumái*, significando os povos originários, os primeiros povos. Os *Wèrè* chamavam os Karajá com os muitos nomes: *Iwayrè – ixju*,

bèwyrè – ixyju, Kanana – Burè – Ixyju (tradução em português: *kanana* = jaraqui; *burè* = cor rosa; *ixyju* = índio selvagem. *Kanani – ixyju, Kanawitxi-ixyju* é também chamado de *Ixy – hyky – mahadu - ixyju* (tradução em português: muitas gentes, ou seja, os povos muito populosos). E os Karajá chamavam os *Kuratanikèhè* de *Ixyju mahadu*, mas não era bem o nome de etnia, porque o povo *Kuratanikèhè*, ficava bem no meio dos outros povos, por isso que era para ser chamado de *ixyju –tya – mahadu*, mas acabou sendo chamado de *ixyju mahadu*.

Até hoje os Karajá chamam os Javaé de povo de mato, ou seja, selvagem. Os outros povos também se misturaram como, por exemplo, o povo Tapirape (*Wou- mahadu*) com os *Kuratanikèhè (Ixyju – mahadu)*; e os *Kuriawaku- mahadu* com os *Wèrè- mahadu*. Mas entre os *Iwayrè – mahadu* com o povo *Wèrè – mahadu*, nunca houve a mistura, por que eles dois são grandes rivais. Mesmo assim, os *Iwayrè – mahadu* falam que são os descendentes dos *Wèrè*, por que os povos *Wèrè* são donos de todas as culturas. Por isso todos querem ser descendentes de *Wèrè*. Essas foram as misturas mais antigas.

Com os passar dos tempos os povos continuavam se misturando com os outros povos (*Ixyju – ixyju*) e o povo *Wèrè* continuava a circular pelos rios Araguaia e rio Javaé e na ilha em todos os lagos. Eles moravam na atual aldeia Santa Isabel do Morro (*Hawalò*) que era chamada de *Wèrè – Hawa*. O povo *Wèrè* vivia ali tranquilamente na aldeia deles e nem se preocupavam que os inimigos e estavam aumentando sua população. Quando os *Iwayrè – mahadu* se esconderam na casa do *iòlo Tòlòra*, com passar dos tempos eles cavavam os buracos no meio das matas que chamavam de *nòsèrana*. Eles cantavam e cavavam os buracos e amarravam as penas de marrecos nos cabelos.

A música deles era:

wakòrèhèky! txuhuteheky! kakò, kakò. wakòrè! xitama. Wyrì! wyrì! wyrì! amy! bo!
dikary! boho! kai! Boho! Amybo hiatxi wadèkèrèny! rawaxi tòkò! tòkò! rèaka rèrì!
waruku! baraxa! waruku baraxa! Warakura, warakura! tylyhyri! ta axinamy ikymy
ròbihatèmy !ryireri ò karalahu tamy rèaka wryry wryry kura ! wryry kura !

Então dessa forma eles cantavam e cavavam os buracos. Essas músicas, os pais, os tios e os avôs cantam para seus filhos, seus sobrinhos ou para seus netos e servem como as músicas de crianças.

Mas as pessoas não se identificam como os descendentes de outros povos. As etnias mais identificadas nos povos são os descendentes de *Wèrè*, dos Tapirapés, de *Iwayrè*, de *Ixybiawa* e *Kuratanikèhè*. Os povos se identificam com essas etnias enquanto que os outros povos negam sua origem e não se identificam. Descendente de *Kuriawaku*,

nenhum, nem de *Hauxe*. Então quando se sabem quem são esses descendentes de etnias? Quando há uma briga, aí a descendência é usada para xingar os outros.

Com o passar do tempo houve mistura com os Kayapó, gerando muitos descendentes. Mas as pessoas não se identificam como sendo os bisnetos, trinnetos ou tataranetos de um Kayapó. E há ainda outros grupos de descendentes, que houve na Ilha do Bananal. Este surgiu a partir de uma transformação. O periquito que se transformou em pessoas. Então foi através dessa transformação que houve os descendentes de periquitos. Mas ninguém se declara ou se identifica como descendente de periquito.⁴ Hoje são reconhecidos como descendentes de Kayapó as pessoas agressivas, meio brutas, no meio da atual sociedade indígena do povo *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal.

Os descendentes agressivos são os Karajá, *Ixybiawa*, Kayapó. Já os *Kuratanikèhè* e os *Wèrè* não são agressivos com ninguém. O povo *Wèrè* são agressivos contra os seres ferozes, chamados na língua *Inỹ* de *aõni*. Esses são seres com poderes espirituais e que ameaçam a vida dos *Inỹ*. Eles reagem só quando os outros povos os agrediam e apenas para se defender. Quando acontecia uma tragédia com eles, não paravam os conflitos com os adversários. Assim os descendentes dos *Wèrè* continuam com a vingança interna dos inimigos. Eles são muito vingativos. Quando os *Iwayrè–mahadu* (Karajá) aumentaram muito de população, voltaram para morar no rio Araguaia e permanecerem no lugar da atual aldeia Santa Isabel do Morro (*Hawalò*), onde os *Wèrè* moravam na margem direita de rio Araguaia na Ilha do Bananal.

Os Karajá chegavam lá na aldeia dos *Wèrè* descendo pelo Rio Araguaia. Os *Wèrè* estavam de situação de tristeza (*ixy- kōri*), sem sorte (*bèdè–bura*). Nesse sentido os *Iwayrè–mahadu* (Karajá) aproveitaram dessa situação do povo *Wèrè*. Alguns dos *Wèrè* estavam falando que: “acabamos com os eles, não existem mais os *Iwayrè*”. Alguns dos *Iwayrè–mahadu*, responderam a ele: “por isso que nós estamos de volta para fazer vingança”. Então começaram os conflitos entre eles, mas os *Iwayrè–mahadu* venceram nas guerras.

O povo *Wèrè* não tinha mais aquela potência e força porque a preparação física dos corpos não era mais como no começo do mundo. Por isso que os *Iwayrè* venceram os *Wèrè*. O povo *Wèrè* entregou aldeia para o povo *Iwayrè* e o rio Araguaia também para o

⁴ Essa transformação refere-se a história de *Inỹ Wèbôhônã*. Após a descoberta do segredo da casa dos homens, dois guerreiros sacrificaram todos os membros da aldeia que foram jogados dentro de três grandes buracos com fogo. No final os dois guerreiros se flecharam um ao outro, caindo no buraco destinado aos homens. Porém uma mãe escondeu dois filhos em buracos dentro de casa, tampados com painéis de barro. Esses dois sobreviventes depois se casaram com mulheres-periquito, dando origem a um povo misturado e descendente deles.

Tèribèrè Karajá. Os peixes do rio Araguaia e tudo o que existe no rio Araguaia foram entregues para o *Tèribèrè Iwayrè–mahadu*. Depois xingou ele com muitos nomes que os *Wèrè* chamavam os Karajá: *Iwayrè–ixyju*, *Bèwyrè–ixyju*, *Kanawitxi–ixyju*, *Kanana-burè–ixyju*, *Kanani–ixyju*. Então esses são os nomes que os *Wèrè* chamavam os Karajá. Os nomes *ixyju*, para designar os Karajá, trata-se de nome que se referem a selvagem, atribuídos ao povo Karajá. Isto porque os povos *Wèrè* se autodenominam como *Inỹ* ou *Inỹ tyhy*, que significa gente, os povos indígenas. Para os *Wèrè* os *Iwayrè* não eram gente, eram todos selvagens (*ixyju*). Então os povos *Wèrè* foram embora para o lugar que chamavam de *Hèrydeo–bèro* (o rio de *Hèrydeo*), um termo difícil de traduzir, que fica no estado de Mato Grosso.

Assim os descendentes dos *Iwayrè* (Karajá), ou seja, as gerações de Karajá, foram criados pelos *iòlò Tòlòra*, *iòlò Haruèsi*, *iòlò Timyjuy*. Esses *iòlò* são os criadores de gerações dos *Iwayrè* (Karajá), que são os *iòlòs* de *Marani – Hawa* (povo *Kuratanikèhè*), no sul da Ilha do Bananal.

5. Costumes dos povos

Os hábitos alimentares dos *Iwayrè* são baseados nos frutos, como os jatobás (*kywa e naruby*), também o *harydèsi* (espécies de coco). E os peixes que eles consumiam eram as piranhas (*juata*), traíra (*hui*), carí (*ryriè*). E como não tinham os cobertores, se cobriam com as esteiras de palhas de buriti. As mulheres não tinham tangas. Elas usavam o *dòha*, que são os pedaços de linhas que colocavam na frente para tampar a genitália. Assim era a cultura dos *Iwayrè–mahadu* (Karajá), no começo do mundo.

Os membros do povo *Kuratanikèhè* são bonitos de corpos. Eles têm as pernas tortas e grossas, as coxas grossas, as bundas grandes e os rostos compridos e grandes. Têm lábios grossos, olhos grandes, nariz grandes, são bochechudos e eles não são agressivos. No começo do mundo eles eram chamados de *ixyju–tya–mahadu*, (tradução em português: os povos do meio dos outros povos indígenas - *ixyju*). Assim eram chamados pelos outros povos, por que tinham muitos povos ao redor do lugar deles (*Marani – Hawa*, do Bananal Velho). Acabou sendo chamado de *ixyju–mahadu*, porque os *Iwayrè* os chamavam de *ixyj –mahadu*, índio do mato, ou seja, selvagem.

O hábito alimentar do povo *Kuratanikèhè* era o consumo dos pássaros, os filhotes de manguari (*wari-riòrè*), filhote de socó (*hõî-riòrè*), filhote de mergulhão (*waka-riòrè*) e o peixe predileto era o peixe-elétrico. Dos animais que eles mais gostavam, estava o macaco guariba. As esteiras que as mulheres faziam eram de embira crua. Usavam os

barros vermelhos como se fosse urucum na pele e usavam os lodos de lama nos cabelos no lugar de óleos. Usavam resinas de landi para pregar as penugens nos corpos.

No ritual de espíritos de Aruanãs, eles só tinham o *Ijareheni*, que chamavam de *hykyna*. Não dançavam durante os dias na pista. Só dançavam à noite dentro da casa dos homens. Existia o *iòlò* na cultura dos *Kuratanikèhè*, que era muito respeitado. São os grandes *iòlò* de *Marani-Hawa*. Existiam os *iòlòs* nas culturas de dois povos na Ilha do Bananal: o povo *Wèrè* e o povo *Kuratanikèhé*.

Os *Wèrè* são os donos de todas as culturas que existem no dia de hoje na cultura dos povos *Iny/Javaé*, como o ritual de *Hetohokỳ* (casa grande) que é ritual de iniciação de menino para a passar para a fase adulta. E também o ritual do espírito de Aruanãs na comunidade. Neste ritual uma família que recebe o espírito de aruanãs, ele fica na família para sempre. Na verdade, quem recebe o espírito de aruanã é uma criança, filho ou filha daquela família, que tem suas roças com farturas. É sempre filho de um homem trabalhador que recebe os espíritos de aruanã de um *hàri* (xamã), os espíritos de aruanã são responsabilidade dos *hàri* (xamã). Os espíritos de aruanãs trazem alegrias para as comunidades. Com as brincadeiras de aruanãs nas aldeias as pessoas ficam muito alegres. Homens, rapazes, mulheres e moças participam das brincadeiras.

Mas ao mesmo tempo os espíritos de aruanãs causam tristeza nas comunidades, isso quando alguma pessoa comete um erro na casa de aruanã. Os *hàri* fazem com que a pessoa que cometeu o erro fique como se fosse condenada pelo resto sua vida (*rubu-òraru*). São os espíritos de aruanãs que são chamados de (*rubuna ou rubu òraruna*) que causam as mortes. Por isso que existe consideração maior pelos espíritos de aruanãs, tanto por homens quanto pelas mulheres. Todos respeitam os espíritos de aruanãs. Então esse ritual de espíritos de aruanãs traz alegrias e traz tristezas.

Também existiam os rituais de *iwèruhuky* (muitas bebidas - *iwèru*), uma bebida que se faz da fermentação de milho ou de mandioca e que atualmente chama-se *calugi*. O ritual de *iwèruhuky* envolve todas as culturas na comunidade local. Até os espíritos de seres humanos vem participar no meio das pessoas para tomar o *iwèru* (*calugi*) do *iòlò*. Todas as noites na porta, ou seja, no terreiro da casa do *iòlò*, os parentes dele de todos os lados (de pai, ou de mãe) se reúnem. Os homens começam a cantar junto com as mulheres. Durante os cerca de trintas dias do ritual, os espíritos sempre estão juntos com as pessoas. Todas as tardes os homens dançam no pátio dos homens e cantam. Depois que terminam as danças dos homens, as mulheres levam as comidas para seus esposos e os rapazes. São as mães que levam o *calugi* para fazer o *xiwè* no pátio dos homens, pois dizem que é para dar comidas para aos espíritos. Logo depois as mães de *iòlò* convidam as mulheres para

fazer *xiwè* na porta da casa dela, com uma bebida (*iwèru*) e comidas como banana, batata doce, peixe com mandioca cozida.

Toda essa comida preparada pelas mães de *iòlò*. *Xiwè* é uma forma de se comunicar com os espíritos de seus parentes (*xiwè*). Nessa hora fala: *hyy !biroxibèny awi! My inihè watxirènyrekere*, pedindo aos espíritos por proteção das pessoas, ou seja, para que o espírito cuide bem das pessoas e não aconteça algo ruim com elas no ritual. Então é nesse ritual de *xiwè*, no meio desse ritual, que as pessoas falam muitas besteiras. Os homens falam sobre os corpos de mulheres e as mulheres respondem em outras formas. Durante um mês as pessoas brincam dessa forma. Então são esses rituais dos *Wèrè* que são os mais importantes na cultura dos povos indígenas na Ilha do Bananal, E cada povo indígena se interessaram e aprenderam os rituais dos povos *Wèrè*.

Sempre aconteciam os dois rituais, na sequencia. Primeiro, realizavam no mês janeiro (*bebexi*), o ritual chamado de *Hetohoký*. Logo em seguidas realizavam, no mês de abril (*behetxi* - tradução em português = água fica parada nem sobe nem desce), o ritual de *Iwèruhuky* (*Iwèru* - uma bebida [*huky* é seio, {*ky*}, uma coisa grande ou com muito respeito]). Esses rituais são demorados, levando de um mês ou a mais. Esse ritual envolve o *hàri* (xamã), o chefe do ritual *Ixy–tyby*, o *Iòlò*, os atletas e os espíritos. Quando é a tarde começa a competição. São os cunhados convidados que competem com os outros. Essa competição tem o nome de *kòhùrò*. É uma competição válida se houver acerto. Os adversários não têm como brigar por que é uma brincadeira, valido apenas no ritual. Os adversários podem rir e cantar e dançar a música própria para isso (*hahahije !, hahahe! Kureni rutyti tai ryira*), a ponta de *kòhùrò* chama-se *kureni rutyti* (*kureni* - uma lagartixa; *rutyti* - a testa). Brincam Saurá (na casa dos homens) e Hireto (no lado do rio). Na pista de dança dos aruanãs, os dois grupos se enfrentam lançando uma flecha de taboca com uma ponta de pati. Lançam essas flechas (sem acabamento com penas) com um impulsionador (e não com arco) um de cada vez. Cada participante era convidado por seu cunhado (irmão da esposa) para participar da brincadeira *kòhurò*. E não havia recusa em participar, uma vez que esse pedido era uma forma de pagamento pelo serviço da noiva.

Os povos que surgiram na ilha não tinham esses rituais muitos bons e muitas diversões e as faturas das roças que os outros povos não conheciam. Por exemplo, os *Iwayrè–mahadu* não conheciam esse ritual de *Iwèruhuky*. Então os *Wèrè* tinham muitas coisas boas, tantos nos hábitos de alimentares, quanto nos rituais e nos enfeites e adornos, bem como as músicas e as línguas. E os povos se interessaram em aprender a cultura dos *Wèrè*, como os modos de cumprimentar e a forma de respeito aos parentes.

Os nomes pessoais do povo *Wèrè* começam sempre com o *Wèrè* no início. Por exemplos: *Wèrè Myijari*, *Wèrè Kòbihèti* (esses são os nomes masculinos) e os nome femininos *Wèrè Habilawaru*, *Werekia*. O povo *Iwayrè–mahadu* (Karajá) usam os nomes comum nas pessoas, como: *Wèkòkia*, *Wekojiji*, *Myrijiji*, *Habibi*, *Anahajiru* (esses nomes são femininos) e os nomes masculinos, como *Tèhukari*. Esses nomes são os nomes comuns. E há também os outros rituais com pouco tempo de duração, como ritual de *Ixyju–kuni* (*ixyju* = índio selvagem; *kuni* = o espírito. Tradução em português, o espírito de índio selvagem). Não passa nem um dia neste ritual. O ritual de *ixyju kuni* é realizado quando tem a fartura das roças, no tempo de milho verde e também das melancias que amadurecem mais nesses tempos. Mas quando um homem quer realizar o ritual, ele reúne os outros homens para trazer o *ixyju kuni*. Quando tem bananas, canas ou mandiocas, os espíritos vêm comer as comidas de roça. Isso é considerado um bem para as famílias. As crianças que recebem muitos *ixyju–kuni*, são chamadas de *Uladu–tymyra*.

Existem os espíritos de outros povos indígenas, que foram mortos pelos tios de uma criança, que davam os espíritos para seus sobrinhos. Por exemplo, existe na cultura do povo *Inỹ/Javaé*, o espírito de Tapirape (*Wou*) que tem seus enfeites, como o *kurawo* que é usado nas pernas, *dexi* e *dexi bèdòsi*, que são usados nos braços e as penugens coladas nas coxas e nos braços; tem espírito de Kayapó (*karalahu*) que se pinta somente de listras e amarra embiras nas pernas; espírito de Xavante (*kyrysa*), que usa os cintos com as penas de arara vermelha e anda com arco e flechas nas mãos; o espírito de *Walairi* tem todos os enfeites como *kurawo* usados nas pernas são brancos assim como *dexi* e *dexi bèdòsi* usados nos braços, que também são todos brancos e, também, o espírito *Tori* (branco não-indígena), com a calça velha, toda rasgadas e com espingarda nas mãos. Já os espíritos de *kòrèra* (jacaré tinga ou açu) não existiam nos tempos mais antigos, bem como o espírito de Ava-Canoeiro que também foram descobertos em tempos recentes.

Antigamente os povos indígenas se confrontavam e com as mortes que aconteciam naquelas épocas, os espíritos dos mortos eram dados como protetores para seus sobrinhos, sendo esses espíritos ainda existem até hoje no povo atual. Na cultura do povo indígena *Inỹ/Javaé*, atualmente mata-se um jacaré tinga para transformar em espírito e dar para seus sobrinhos.

O ritual de iniciação de crianças meninos para a fase adulta chama-se *hèrèrawo* e tem duração só de uma semana. Esse ritual se diferencia do *Hetohokỳ* por ser de curta duração e não ter a construção de Casa Grande para abrigar os *worysỹ*. Esses, juntamente com os *Irasò*, ficam na casa dos homens (*Irasò Heto*) O espírito de aruanãs no ritual chama-se *rasyna* ou *radudu*. Esses espíritos de aruanãs não demoram muito tempo na

aldeia. Passam poucos tempos, pois chegam no mês de dezembro ou janeiro e vão embora em mês de junho ou mês de julho. O ritual de aruanãs *Irasò* são mais demorados, ainda que não dançam todos os dias. Tem os aruanãs que passam dois ou três anos na comunidade de uma família e chama-se *nõhõ*. Uma família que cuida e da comidas e faz tudo para aruanãs, chama-se *Irasò sè* ou *Irasò tyby*. Então quando as pessoas recebem os espíritos de aruanãs de um *hàri*, isso passa de geração em geração. Os donos sabem em qual lugar que moram o tal espírito de aruanãs. Porque quando o *hàri* entrega os espíritos de aruanãs, ele fala o lugar de onde veio ou a curva do rio que mora. Assim as pessoas sabem o lugar onde o aruanãs mora (*irasò ryna*).

6. Dispersões dos povos *Iny*

Os povos que surgiram na Ilha do Bananal foram embora dos seus lugares para fora da ilha. Só ficaram os povos *Kuratanikéhè mahadu*, *Marani–Hawa mahadu* e os povos *Tòròhòni mahadu*, *Kanõanõ mahadu*. Esse povo de *Tòròhòni* foi levado pelos *Tori – uhu* (brancos), de seu lugar para Goiás e nunca mais voltaram para o seu lugar de origem⁵. Os povos *Tòròhòni mahadu* e *Kanõanõ mahadu* eram muito populosos na Ilha do Bananal. Suas aldeias eram na forma de círculos. Eles não se confrontaram com os *Wèrè*. Foram levados pelos bandeirantes de barcos, ou seja, de batelão, até em Aruanãs (Goiás) de onde foram levados para a cidade de Goiás. Nas histórias dos povos indígenas, dizem que foram levados para Minas Gerais. Por isso que não existem os descendentes dos povos *Tòròhòni*, pois eles não conseguiram voltar para a sua aldeia. Dizem que veio um descendente de *Hatxu rikokore* que se chamava *Manakaru*. Ele já era um doutor e veio para Ilha do Bananal visitar seus parentes. Ele tinha trazido muitas coisas para seus parentes na forma de presentes como ferramentas, roupas, cobertores, a rede de dormir, machados, enxadas, facão, facão cavador, tesouras, etc., e entregou para todos os povos da Ilha do Bananal e foi até para os Tapirape. Ele cantava a música de *Iwèruhuky: Haju riki!, rakerá, haju riki rakerá!* E também chamava as pessoas de *walikina*: meu amigo, ou seja, meu companheiro.

⁵ Possivelmente foram levados, no século XVIII, pelo sertanista Antonio Pires de Campos para o aldeamento de São José de Mossâmedes, em Goiás, e depois para o aldeamento de Santana do Rio das Velhas, no Triângulo Mineiro. Ver sobre esse processo: Mori, Robert (2015). *Os aldeamentos indígenas no Caminho dos Goias: guerra e etnogênese no "Sertão do Gentio Cayapó" (Sertão da Farinha Podre) – séculos XVIII e XIX*. Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de mestrado.

Só ficaram duas famílias na região de *Kanōanō*: a família de *Hèdèdura*, no lugar *Hèdèdura – Hawa*, atual Mata de Coko; e a família de *Asarika*, no lugar chamado de *Asarika - Hawa*, no atual Morrinho, pois eles se esconderam dos bandeirantes em lugares mais distantes da margem do rio Javaé. No meio da guerra, uma mulher chamada de *Myrihoko* tinha batido em um *Tori–uhu* com uma mão de pilão nos joelhos. Quando ele caiu, os irmãos de *Myrihoko* o mataram e o transformaram em espírito (*Tori–kuni*), que virou como um grande protetor dos povos *Inỹ/Javaé*. Quando uma pessoa está enferma, quando está muito doente, os *hàri* pedem ajuda de *Tori–kuni* e a pessoa melhora mais rápido. E qualquer tipo de perigo na cultura do povo *Inỹ/Javaé*, o *hàri* pede ajuda ao *Tori–kuni*. Assim são as histórias narradas pelos narradores *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal.

7. Características dos povos

Na história dos povos *Wèrè* existe uma diversidade de tipos físicos. Existem os *Wèrè – tyhy*, os *Wèrè– lyby*, os *Wèrè–tirèkè*, os *Wèrè–rakòra* e os *Wèrè–hina*.

Os *Wèrè Tyhy* originais têm sua pele mais branca, ou seja, a pele clara, os cabelos lisos, cabeças chatas, ou seja, redondas, as pernas grossas, coxas grossas e as bundas grandes, os rostos redondos e as bocas menores. *Wèrè – lyby* tinham a pele mais escura, ou seja, preta. *Wèrè – tirèkè* tinham as pernas finas, coxas finas, os braços finos e sem bundas. *Wèrè – rakòra*, tinham os cabelos enrolados, cacheados. E *Wèrè Hina*, eram canibais pois se transformavam em uma onça para matar as pessoas. Eles tinham os rostos grandes, bocas grandes, as pernas grossas, barrigas grandes e cabelos enrolados. Essa diferenciação das características nas fisionomias dos povos entre os povos *Wèrè* já existia, como algo próprio dos povos. Não existia separação cultural entre os povos *Wèrè*, pois as línguas e os costumes eram da mesma forma que aquelas dos *Wèrè* originais (*Wèrè Tyhy*).

O *Were Hina*, é um ser feroz com formato de gente. Ele falava igual gente, usando a mesma língua dos *Wèrè*, mas nunca morou em uma aldeia. Eles sempre moravam só com a sua família. Um morava em região de Araguaia. Os *Wèrè* mataram ele no rio Araguaia no lugar chamado de *Wodò*. Havia também uma família que morava na região de *Wari Wari*, na margem direita do rio Javaé, distante aproximadamente dois quilômetros desse rio, perto de praia do *Makuka–kynyra*. Esse foi grande guerreiro *Sanawe Kuriawaku mahadu* que matou essa família na antiga aldeia *Wari Wari*. E assim foram eliminados os povos *Were-Hina*. O lugar ficava fora da Ilha do Bananal,

reconhecido como o lugar de *Were-Hina Hawa* (o lugar onde o *Were-Hina* morava) ou *Were-Hina hawalò* (o morro de *Were - Hina*).

A antiga aldeia *Wari Wari* era um lugar perigoso e o grande guerreiro *Sanawe* sempre estava vigiando seu povo. Ele sempre ficava atento o tempo todo. Muitas vezes aconteciam que durante rituais as pessoas sumiam. Quando iam nos matos não voltavam mais para sua casa, tanto os homens, as mulheres, quanto os rapazes, moças e adolescentes. O *Were-Hina*, matava e lavava os corpos das pessoas para sua casa e consumiam as carnes de gentes com sua família, como se fosse caça. O grande guerreiro *Sanawe*, que sempre vigiava sua comunidade dia e noite, ele queria descobrir que ser feroz que acabava com seus parentes. Sempre aconteciam essas tristezas no meio das alegrias dos rituais. Um dia o grande guerreiro *Sanawe* saiu uma volta de 2 horas da tarde (*txu ròkèsè my*), para vigiar a sua área e seu povo. Ele tinha saído na estrada que ia para o rio Javaé (*kòwòrù-ritina, ry di*), a estrada em direção da atual aldeia Bela Vista. Ele seguiu na estrada e encontrou uma pessoa que estava vindo para a aldeia *Wari-Wari*. Os dois se encontram no meio do caminho e o *Sanawe* cumprimentou e perguntou onde que estava indo. Era um *Were-Hina*, que respondeu: “estou indo visitar aldeia para tomar calugi doce (*iwèrù bèrèkè hèky mòmõmy*) e comer *marè-marè hèky rymy*, (comer o grolado, ou seja, beiju), O *Were-Hina* chamava de calugi doce, era o sangue das pessoas e grolados ou beiju eram os figados das pessoas. O grande guerreiro *Sanawe* então falou: “você é que matava meu povo.” O *Were-Hina* mandou o *Sanawe* andar na sua frente (*wakomy maria; tradução – anda na minha frente*). Então o *Sanawe* não queria e falou: “anda primeiro você. Como você é o visitante, eu vou andar atrás de você anunciando a sua chegada. Ele então andou na frente e o *Sanawe* atirou uma flecha nas costas dele. Em vez de gritar ou chorar, ele esturrou como a onça e mesmo assim *Sanawe* conseguiu mata-lo. Então o *Sanawe* foi gritando que matou o ser feroz que matava as pessoas. As pessoas foram ver e jogaram o corpo dele no mato.

Porque todas as vezes que encontravam as pessoas, eles mandavam andar na frente e por isso as pegavam por trás. Foi por isso que mandou o *Sanawe* andar primeiro, ou seja na frente, mas como ele era muito esperto, já sabia que não era gente e por isso não andou na frente do *Were-Hina*. O *Were-Hina* se transformou em uma onça na hora que o *Sanawe* flechou para dar susto e tentar espantar o *Sanawe*. Ele não correu e nem ficou com medo e só queria matar o inimigo. O *Sanawe* era muito corajoso. Ele era o matador de seres ferozes.

Sanawe também matou uma feroz, chamada de *Hanykywè*. Ela tem a aparência de uma mulher, de gente. Numa noite o grande guerreiro *Sanawe* estava acordado e escutou

um barulho. Era este feroz que estava tirando os corações das pessoas. Esse feroz estava gritando, ou seja, estava chorando. Estava chovendo e o *Sanawe* tinha levantado para ver o que estava acontecendo. Quando deu um relâmpago o *Sanawe* tinha visto ela. Ele esperou na porta até quando ela chegou na casa dele. Ela ia entrar na casa dele, mas *Sanawe* atirou uma flecha bem na vagina dela e a matou. Esse era o único lugar que podia atirar a flecha, porque ela não tem a pele. Era toda feita de pedras e as unhas dela tinham o tamanho da banana verde. Assim os ferozes apareciam na antiga aldeia *Wari–Wari*.

8. Regras sociais *Iny*

Os grandes pensadores dos povos *Wèrè* eram *Wèrè Ibòrò e Wèrè Habu*. Essas duas pessoas pensaram, ou seja, imaginaram de inventar as alegrias para seus povos como os espíritos de aruanãs, as danças, as músicas. Isso por que eles dois eram *hàri* e tinham suas visões cosmológicas e seus conhecimentos de espíritos de aruanãs e as suas músicas. Então os rituais foram feitos pelos *Wèrè* e assim começou a ter os rituais e espíritos de aruanãs que vem para a cultura dos povos *Iny/Javaé*. Eles também estabeleceram as formas de segredos dos homens na casa dos homens. Através de conhecimentos dos *hàri* sobre as músicas próprias de aruanãs que vivem no nível subaquático, dizem que eles cantam o próprio seu nome. Também as máscaras de diferentes características de espíritos de cada aruanãs (cada um tem sua própria máscara, sua dança). Todos esses conhecimentos e aprendizagens dos homens ocorre através dos *hàri* (xamã).

Também acontecem a participação dos *hàri* quando alguma pessoa comete algum erro na casa dos homens. São os *hàri* que condenam as pessoas à morte. Porém se na família tivesse a sua irmã, ela que pagaria o erro de seu irmão e virava *adèrana*, ou seja, essa mulher virava uma mulher sexualmente disponível para todos homens, exceto os parentes próximos. Também homens de outras aldeias, quando ficavam sabendo da existência de uma *adèrana*, iam visitar aquela aldeia realizavam atos sexuais com aquela mulher (*adèrana*). Todas as noites os *hàri* levavam a mulher na presença dos homens. Ninguém da família não podia defender sua irmã.

No começo tanto uma moça quanto uma mulher solteira, quando acontecia alguma quebra de regra, como se aproximar da casa dos homens, elas eram mortas pelos homens. Quando acontecia de uma mulher fazer algo proibido, como as mulheres irem nas roças nas matas (*bèdèbèrèbu*), quando havia alguma pratica ritual masculina, quando tinha proibição das mulheres saírem da sua casa para alguns lugares. Mesmo sabendo disso, se alguma mulher fosse na roça, se encontrassem uma mulher na mata, os homens pegavam,

matavam e enterravam escondidos. Com o passar do tempo, encontraram uma forma de se livrar das maldades de matar as mulheres, passando para a prática de transformar a mulher em *adèrana*. Essa forma de pagamento foi feita para que não aconteçam mais as mortes ou enfermidades na família. Todos os *hàri* se reúnem para que não aconteça a morte ou a enfermidades nas famílias de uma mulher (*adèrana*). De acordo com as demandas do *hàri*, uma mulher ficava sexualmente disponível (*adèrana*) e isso durava muitos anos. Só quando os *hàri* determinam o tempo dela é que eles se reuniam e decidiam para ninguém mais mexer com ela. Eles anunciavam que ela não era mais como *adèrana*. Assim aconteciam na cultura passada no povo *Inỹ/Javaé*.

Então a forma de respeito já começa na casa dos homens para manter o segredo dos homens, na casa de espíritos de aruanãs. Quando começou pela primeira vez os espíritos de aruanãs, os *hàri* (xamãs) se reuniram na casa dos homens e eles pensaram as formas de danças, decidiram que tem de ter as dançarinas, as mulheres teriam que participar dos rituais de espíritos de aruanãs. As dançarinas têm de ser convidadas pela dona, ou seja, a mãe de aruanãs (*irasò –sè*). Decidiram que as primeiras brincadeiras de espíritos de aruanãs, o mel silvestre (*bidi*), mel (*iwokytyna*), quando o espírito de aruanãs chega no mundo a fora, ele estranha o mau cheiro dos seres humanos. Quando casal tem relação sexual, o espírito se sente mau. Todas as brincadeiras existem no começo ou no final (*xiwè*). Uma forma de consumir os alimentos de espíritos de aruanãs, faz um tipo de oração, ou seja, uma reza: (*hãã hereinihè biroxiibèny awimy inihè watxi rènyrekere*), e no final também faz isso. E na casa de mãe de espírito de aruanãs também existe *xiwè*, da mesma forma pedindo proteção aos espíritos de seus parentes. Que eles primeiro comam os alimentos feitos pela mãe de espíritos de aruanãs. É uma forma de respeito. Só que na casa de mãe de aruanãs é bem diferente da casa dos homens, pois as pessoas que comem as comidas são somente quem são convidados. A pessoa convidada faz *xiwè* com mel silvestre ou comidas. Por isso que dá o mel silvestre, para ficar bem no mundo aqui fora (*ahana – òbira*). Se for um bebe, no primeiro dia as avós faziam cerimonia de mel silvestre. As avós davam mel (*wowina*) na boca de bebe (*tohokua*), como forma de *xiwè* senão o bebe vai ficar ruim.

Então todos os espíritos que vem para o mundo aqui de fora tem de comer o *iwokytyna* (comida a base principalmente de peixe cozido), para os espíritos ficarem bem no mundo aqui fora (*ahana - òbira*). As dançarinas são as que entregam as vasilhas de mel na mão de espíritos de aruanãs e vai acompanhando nas pistas com a cabeça baixa.

Segunda brincadeira também é de mel silvestre (*bidi*). Essas brincadeiras já começam com o dono do aruanã anunciando à noite na casa dos homens que no outro dia

vai ter dança de aruanãs de manhã, a tarde e a noite. No outro dia a tarde tem o ritual de levar comida e mel para a casa dos homens.

Terceira brincadeira é *òrInỹ kỹ*, ou seja, *òrilyby*, a brincadeira de carvão, começa aproximadamente no meio do dia. Os homens preparam pedaços de madeira queimados para ter o carvão. Depois que os aruanãs dançam, a dona do aruanãs convida as mulheres para participar da brincadeira. Os homens passam o carvão nos rostos das mulheres, as mulheres também passam o carvão nos rostos dos homens. Só as convidadas pela mãe de aruanãs que participam das brincadeiras. Brincam de manhã e a tarde sendo essa brincadeira um tipo de uma competição entre homens e mulheres. Todos ficam alegres com essa brincadeira.

Quarta brincadeira (*hawkyky hojuju*, tradução em português - as zingas⁶ de mulher). Essa brincadeira é uma competição entres os homens e as mulheres. Duas varas compridas com ganchos nas pontas são enganchadas e as mulheres puxam para um lado e os homens para outro. Elas puxam para o lado do rio, para jogar a zinga dentro das águas e os homens não deixam. Eles puxam para ao seco, ou seja, na casa de espíritos de aruanãs. Essas brincadeiras de espíritos de aruanãs faz alegria nas comunidades. As pessoas se divertem muito. Mulheres casadas e as moças brincam muito.

Assim os povos *Wèrè* fizeram o ritual de espíritos de aruanãs, uma forma de brincadeira. O ritual de espíritos de aruanãs envolve principalmente os homens e as mulheres, o *hàri* (xamã) e também dos diversos tipos de alimentos (comidas típicas) como os peixes, os pirarucus, as tartarugas, os patos selvagens e os porcos queixadas, o mel silvestre e as comidas de roças.

Assim, desde o início dos tempos isso traz alegrias para as comunidades.

9. Mundo espiritual *Inỹ*

Há também os espíritos que são os *Hukùmari*. Estes são os seres-espíritos com forma de gente. Eles falam como gente, conversam com os *hàri*. Eles se alimentam com as carnes de tartaruga (*kòtuni-dè*, [fala feminina] ou seja *òtuni-dè* [fala masculina]) ou de peixes como os pirarucus (*bòdòlèkè-dè* [fala feminina] ou *bòdòlèè – dè* [fala masculina]). Só que esses seres-espíritos não se alimentam como os seres humanos, que comem os alimentos bem cozidos e bem assados. Os espíritos de aruanãs se alimentam de carnes meio crua, não bem cozidos e nem bem assados, porque os seres espíritos se fortalecem

⁶ Zinga é a vara que serve como varejão para impulsionar o barco em lugares rasos do rio.

com seus alimentos crus. Por isso que quando o *hàri* come as comidas de espíritos de aruanãs, ficam muito mau, porque comeu a comida crua. *Hàri* depois que come comida crua, não sente mais amor pela sua própria família ou seus parentes. Ele fica com espírito muito mau. Assim é o modo de vida dos seres espirituais no nível subaquático. Eles falam, cantam, dançam. Só que os espíritos não praticam as atividades, as tarefas como os seres humanos. E também não existe a relação sexual entres eles no mundo cosmológico de espíritos de aruanãs. Os seres espirituais são assexuais. Existem como vivendo entre eles pai, mãe e irmãos. Mas essas formas de famílias não são geradas através das relações sexuais.

Os espíritos de aruanãs são reconhecidos como restantes dos povos *Inỹ – roko*, que são os originiais dos povos *Inỹ* dos que saíram para o mundo aqui fora (*ahana- òbira*). Por isso a maioria dos espíritos de aruanãs moram no nível subaquático no fundo das águas (*bèra –hatxi – kanawèbòrò- ribi*).

Poucos espíritos de aruanãs moram no nível celeste (*biu = céu*). São os *xiburè* que permanecem no céu. Lá no céu é tudo muito claro e muito limpo. Já no mundo do nível cosmológico subaquático é tudo cheio das águas e meio escuro e molhado. Poucos espíritos de aruanãs moram nos buracos cosmológicos da terra, em nível depois da terra. Os *xiburè*, são espíritos poderosos que auxiliam os *hàri* na cura das enfermidades mais difíceis. Eles curam as enfermidades das pessoas. O *hàri* pede sua ajuda para curar os enfermos. Então as vidas dos seres humanos são bem cuidadas por seres do nível celeste, pelos *xiburè*. Todos os espíritos de aruanãs conhecem as pessoas no mundo aqui fora (*ahana – òbira*). Raros são os espíritos de aruanãs que moram na mata de *Kanðanð* (*Ijakuhi – Inỹ – ròdu*, tradução em português = o espírito de aruanãs *ijakuhi* comedor de gente). Ele come as pessoas em seus espíritos. Não come as carnes das pessoas; só as matam em espíritos.

Existem espíritos de aruanãs maus (*Ijakohi Inỹ ròdu*) que matam as pessoas. Quando os *hàri* levam as almas das pessoas, esses espíritos comem e matam as pessoas. Quando isso acontece, é porque foi mandado pelo *hàri*, porque ele não mexe com ninguém, somente quando é mandado. Até hoje existe um buraco na mata de *Kanðanð* onde o espírito de aruanãs mau mora. Uma vez foram encontrados ossos de pessoas e o sangue de gente dentro de um desses buracos. Lá também pessoas já ouviram os cantos do espírito naquelas matas.

O espírito mora no buraco, mas não dentro da terra. Ele mora no outro lado da terra, sendo que somente a entrada é que é buraco. Ele mora no nível abaixo da terra,

chamado *Kanawèbòrò ribi*. Assim é sempre do outro lado que a maioria de espíritos de aruanãs moram.

Agora os *xiburè – mahadu*, os espíritos de aruanãs, eles vivem em muitas moradias nos diversos níveis celestes (*biu- wètyky – kanawèbòrò ribi*), porque lá há vários níveis celestes. Quando os *hàri* vão viajar no mundo cosmológico, tem alguns deles que não conseguem chegar até o nível mais elevado. Só conseguem chegar lá os *hàri* que tem muitos poderes mágicos. Esses que vão chegar até ao Sol (*txu- raruxi*, tradução em português = a raiz do sol. *Txuu*, é sol e *raru* é raiz). Essas são as palavras que se referem a raiz do sol.

Capítulo 2 - Espaço e meio ambiente em que viviam os povos no passado

1 - Povos que permaneceram na Ilha do Bananal

1.1 O povo *Kuratanikèhè* de *Marani–Hawa*

Historicamente o lugar era da *Dimaraniru*. Uma mulher chamada *Dimaraniru* morou neste lugar que acabou sendo chamado de *Marani–Hawa*, pois do nome *Dimaraniru*, contraiu para *marani*. O povo era o mais populoso da Ilha do Bananal que ficava no meio dos outros povos indígenas que não eram *Inỹ*. Ao redor do lugar de *Marani–Hawa* tinham outros *ixyju*, por isso que era chamado de *ixyju-tya mahadu* e disso ficou o nome de *ixyju mahadu*. Existia o *iòlò* na cultura do povo *Kuratanikèhè*. Como vimos no capítulo anterior, *Iòlò Tòlòra*, *Iòlò Haruèsi*, *Iòlò Timyjuy* eram os *iòlò* dos povos de *Kuratanikèhè*. Eles são considerados os grandes *iòlò* e eram muito respeitados pelos outros povos indígenas da Ilha do Bananal.

Na cultura dos outros povos não existiam o *iòlò*. O *iòlò* é como se fosse um rei ou um príncipe. Eles têm sob seus comandos as suas comunidades e proibiam os conflitos entre os povos e cuidavam das pessoas em situação de desavenças. Os descendentes do *iòlò Tòlòra* de *Marani–hawa* ainda existem entre as pessoas do povo *Inỹ/Javaé*, só que a maioria das novas gerações não se reconhecem como os descendentes de *Kuratanikèhè*.⁷

Tòlòra era grande *iòlò* de Ilha do Bananal, por isso que existem os *iòlò* nas culturas dos povos *Inỹ/Javaé*. *Iòlò Haruèsi* também tem seus descendentes nos povos da Ilha do Bananal, como também tem os descendentes do *iòlò Timyjuy*. Assim os descendentes dos primeiros *iòlò* se espalharam na Ilha do Bananal. Meus avós paternos são descendentes dos *Wèrè* e meus avós maternos são descendentes de *Kuratanikèhè* e do *ioló Haruèsi*. Minha sobrinha-neta é a *iòlò* atual, descendente do *ioló Haruèsi*.

Existiam poucos rituais dos *iòlò*, como *Iwèru huky*, uma bebida a base de fermentação de mandioca e milho. Esse ritual é algo importante e de muito respeito. Porém esta sendo pouco realizado atualmente. O último deve ter sido feito nos anos 1980. Além do *Iwèru huky*, também existia o ritual de espíritos de aruanã *Ijareheni* chamado de *Hykyna*, que só dançavam à noite dentro da casa dos aruanã e não dançavam durante o dia. Com o passar do tempo, aprenderam os rituais dos povos *Wèrè* como as danças de aruanãs (*Irasò*) e ritual de iniciação masculino (*hetohokỳ*, a casa grande). Então assim eles aprenderam esses rituais com os povos *Wèrè*.

⁷ Este conselheiro formal da comunidade (*Iòlò*) é um título e uma função repassados patrilateralmente de pai para filho primogênito. Em caso de o primogênito ser do sexo feminino, ela poderá receber este título e função cerimonial. Mas ela deverá transmitir esta condição para seu filho primogênito.

O lugar *Marani-hawa* fica onde saíram as bananas nativas, sendo que ainda hoje existe o bananal e nunca acabam as bananeiras naquele lugar.

E os costumes tradicionais do povo *Kuratanikèhè* relacionados aos hábitos alimentares, estavam ligados ao consumo de peixe-elétrico e de animais como macaco-guariba, além do pássaro mergulhão. Esse povo tinha o costume tradicional de acampamentos nas margens do Riozinho, nas margens de rio Jaburu (*Ikorobi-wo*) e no rio Javaés. Os povos iam caminhando aproximadamente 18 km desde o Riozinho para chegar no rio Javaés. Os homens e as mulheres carregavam suas bagagens, as mulheres carregavam os balaies (*wèriri*), e os homens carregavam cestas nas costas chamado de *bèhyra*.

Assim eram os costumes tradicionais dos povos de *Marani – Hawa*. Pegavam suas canoas e subiam ou desciam no rio Javaés, sendo que tinham algumas famílias que iam até ao rio Araguaia e de lá voltavam para sua aldeia de origem. Eles iam nos tempos de tartarugas desovar nas praias. E algumas famílias, descendo rio Javaé abaixo, iam até *Kanðanð* onde pegavam os cocos babaçu e tiravam os *iambe* (*tytè*) para fazer suas flechas, na atual aldeia *Kanðanð*. De lá voltavam para sua aldeia de origem *Marani–Hawa*. Em todos os tempos, os lugares do rio Javaé e as praias eram frequentados pelos povos indígenas *Inỹ/Javaé*. Mesmo quando o rio estava seco, os povos navegavam e buscavam as tartarugas nos lugares de praia do rio. Só que não passavam muitos dias no *Kanðanð*, por que lá existiam os Avá-Canoeiro, pois esses andavam pela região de *Kanðanð*. Quando era o tempo de enchente, os povos de três aldeias (os povos de *Marani–Hawa*, povos de *Imõtxi* e os povos de *Wari – Wari*) chegavam por lá na maior tranquilidade para tirar os recursos naturais dos lugares, como o *tytè* para enrolar nas flechas.

Os povos antigamente visitavam seus parentes nas outras aldeias nos tempos de enchentes. Viajavam de canoas pelos varjões. Os povos de *Marani – Hawa* iam para aldeia *Wari – Wari* e visitavam seus parentes. Quando os povos chegavam lá os *malua* (lutadores), recebiam as pessoas visitantes com as lutas corporais. Os povos antigos chamavam os visitantes de *hawò* (tradução em português = a canoa). À luta, chamavam de *hawò malua* (luta com visitantes).

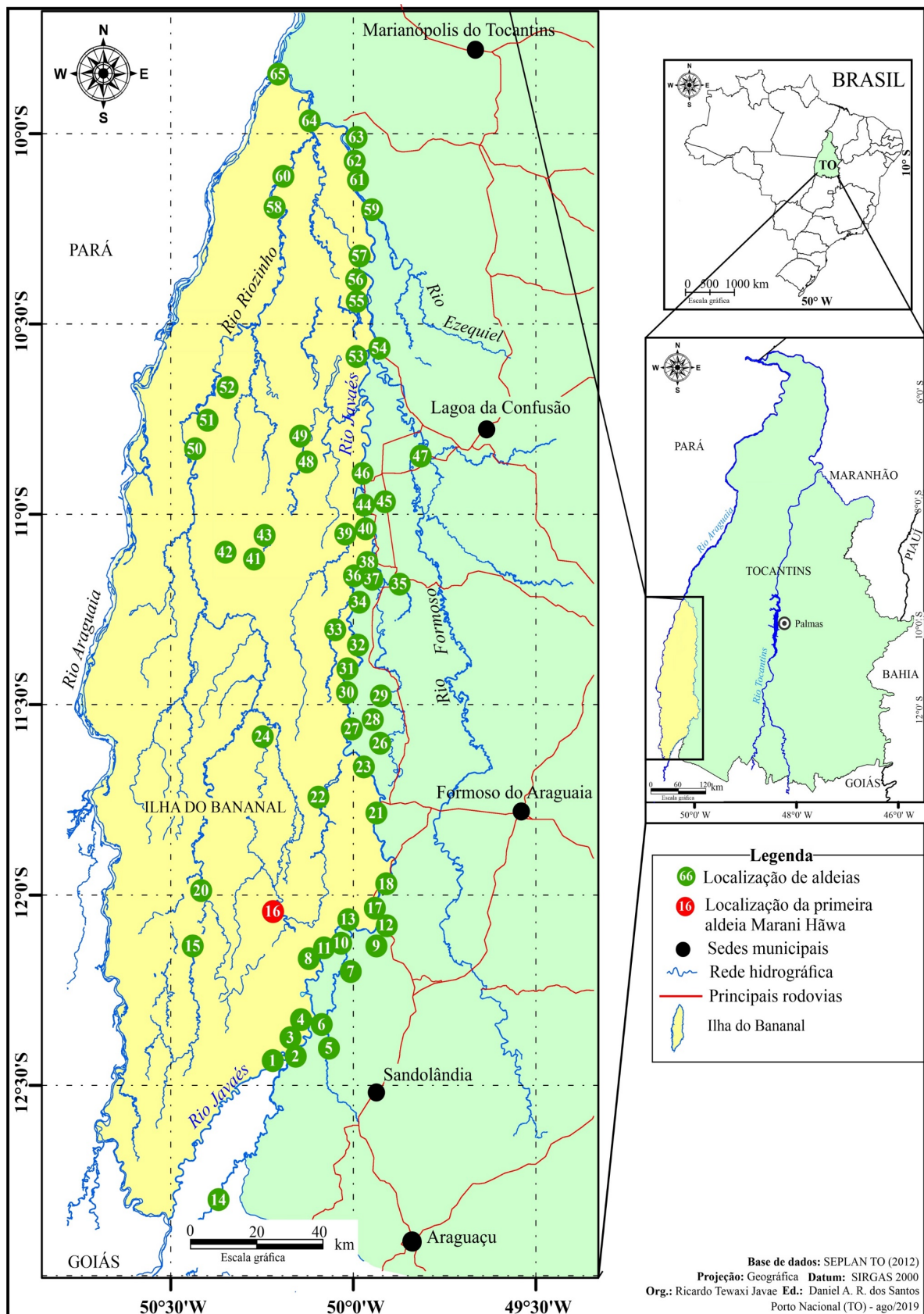


Figura 2 - Mapa das aldeias Javaé antigas

Figura 3 - Quadro com os nomes das aldeias representadas na figura 2

Código no mapa	Aldeias	Código no mapa	Aldeias
1	Barreira Branca	33	Antiga Kuira Hãwa
2	Antiga aldeia Cachoeirinha	34	Kyrusa Hãwa
3	Waritaxi	35	Horeni
4	Barra do rio Verde	36	Làràtxi-ijo
5	Itxala	37	Hèdèdura-luku (barra do Loroti)
6	Ijanakatu Hawa	38	Hèdèdura-luku (lado da ilha)
7	ihõ-Buruna	39	Txuòdè
8	Waxinabò	40	Dejueho-ijo
9	Manatèrè Hãwa	41	Wararèkòna
10	Tabàlàna	42	Karalu Hãwa
11	Taimy	43	Syrahaky
12	São João	44	Wyhy-raheto-di-ijarana
13	Hitxala-ijo	45	Walairi
14	Bòtòrèry Ijò	46	Waotyna
15	Kuritiwi	47	Hakuti Hãwa
16	Primeira aldeia Marani-hawa	48	Kywakoro
17	Atual aldeia Marani-hawa	49	Raraòky
18	Atual aldeia Kanoanã	50	Hãwarahedà
19	Primeira aldeia Canuanã	51	Bòtòrèriòrè
20	Juani	52	Wajukabà
21	Txuiiri	53	Inywèbohona
22	Lòreky	54	Boto Velho
23	Imotxi 2	55	Hàrikò
24	Imotxi	56	Narybykò
25	Hãwariè	57	Manaburè
26	Horeni	58	Narybykò
27	Hãwahyrè	59	Irodu-iràna
28	Susò	60	Nibònibò
29	Kuira Hãwa	61	Bòròrè-wa
30	Boa Esperança	62	Bòròrèwa
31	Wari Wari	63	Txireheni
32	Bela Vista	64	Wabe-ijo

Assim eram os povos antigos, que andavam pelos espaços e territórios. E também os povos de *Wari – Wari* iam para aldeia *Marani – Hawa*. Da mesma forma eram recebidos os visitantes com as lutas corporais. Sempre existem os lutadores de cada

aldeia. Eram competições dos *Ijèsudu* ou *malua* (lutadores). E também iam para aldeia *Imõtxi* e para aldeia *Karalu – Hawa*, região de atual lago de pataca. Antigamente não existiam as tecnologias atuais, mas mesmo assim os povos frequentavam e visitavam os seus parentes nos lugares distantes. A mais longe era aldeia *Karalu – Hawa*, na região mais distante das demais, no centro norte da Ilha do Bananal.

1.2 Povos de *Imõtxi*

Haviam os povos antigos que moravam no centro da Ilha do Bananal. A aldeia antiga *Wari –Wari* ficava aproximadamente 14 km da margem do rio Javaés para o interior da ilha. E as outras aldeias ficavam na margem do Riozinho, como a antiga aldeia *Marani – Hawa*, no sul da Ilha do Bananal. Já a aldeia antiga *Imõtxi*, ficava na margem do Riozinho no centro da ilha. E o povo do *Imõtxi* eram os mesmos de *Wabe* (Riozinho). Depois de epidemias que ocorreram no tempo do SPI (primeira metade do século XX), aqueles que escaparam se mudaram para mais longe de *Imõtxi* e criaram uma aldeia na margem de Riozinho chamada de *Wajukabu*, ao norte da Ilha do Bananal, no lugar chamado *Wabe*. Outras aldeias que foram criadas naquele tempo, foram as antigas aldeias *Kuritiwi* e *Juani* na margem do rio Jaburu (*Ikorobi–wo*).

Então os povos indígenas da Ilha do Bananal andavam pelos seus territórios na época das tartarugas desovarem nas praias. Os povos de *Marani –Hawa* acampavam nas margens de rio Jaburu (*Ikorobi wo*). Eles iam a pé e buscavam os ovos de tartarugas no mês de outubro (*kòtuni– si, ahadu*).

Era também costume tradicional de *Marani –Hawa mahadu*, matar os pássaros nos ninhais como os colhereiros (*wararè*), tirar as penas das asas para colocar nas suas flechas (*wyhy*). E dos jaburus (*waruri*), tiravam as penas de asas para colocar nas suas flechas e faziam seus cocares (*raheto*) e as penugens eram usadas para enfeitar o corpo, colando elas nos braços e nas pernas. Quando acontecia de irem atacar os pássaros nas ninhadas (*nawakikòna*), os *hàri* e os homens faziam a cerimonia de *calugi*, chamado *bètò*, para servir como oferenda aos espíritos de aruanã que é o dono de ninhadas dos pássaros nos lugares, objetivando com isso não acontecer alguns acidentes com eles. Para isso que os *hàri*, ofereciam *calugi* para o dono espiritual (*iwèdu*). E se tivesse muitos espíritos de aruanãs nos lugares, eles saíam de dentro das águas e cantavam e dançavam e davam umas voltas. E os homens faziam *xiwè* (tipo de oração), para eles, os espíritos de aruanãs, pedindo que não acontecesse nada com eles.

As mulheres e as crianças não participavam dessas cerimônias. Só os homens que faziam e participavam. Depois que terminavam o ritual de *bètò*, os homens começavam

a atacar de flechas os pássaros nas ninhadas. Algumas mulheres e as crianças vão para lá pegar os filhotes de colhereiros. Atacar os pássaros de ninhadas é próprio para os homens. Não é uma atividade feminina. Os pássaros mergulhões serviam para consumo alimentar do povo de *Mahani Hawa*. No final de Riozinho existem os ninhais de pássaros (*bero – ranora*). Então todos anos os povos realizavam caçadas para matar os pássaros colhereiros nos ninhais, no local atualmente chamado de Bebedor, onde existiam ou ainda existem as ninhadas de pássaros. E aqueles lugares tem os seus donos, os espíritos de aruanãs. Da mesma forma, quando tiver muitos peixes como as piabanhas ou pirarucus nos lugares de algum lago ou no rio, os *hàri* já entendiam qual espírito de aruanã que existiam, ou seja, que moram nestes lugares, que são os donos dos lugares.

Nas pescarias de tartarugas também realizavam as cerimônias de *bètò*, que consiste em oferendas para o espíritos de aruanã, o dono (*iwèdu* ou *irasò - dò*). Esse *bètò* era feito para os espíritos de aruanã não ficarem bravos. Esse tipo de ritual, ou de cerimônia, era pedindo para não acontecer nenhum acidente nas pescarias.

Os patos selvagens, eles também têm seu dono, que são alguns espíritos de aruanã. Para isso não faziam o ritual de cerimônia *bètò*. Os homens, cada um individualmente fazia *xiwè* em casa (*hãã hereinihè*). Cada um fazia esse tipo de *xiwè*, pedindo para os espíritos de seus parentes ajudarem para evitar a ocorrência de algo ruim e para matar os patos. Somente depois é que iam esperar os patos selvagens nas matas.

Para as caçadas dos porcos queixadas (*ixỹ*), os homens faziam primeiro *xiwè* na casa dos homens, ou seja, na casa de aruanã. Depois disso os homens iam atrás dos porcos queixadas. Quando os homens chegavam dos matos das caçadas, isso acontecia na tarde do outro dia, todos aqueles homens que foram nas caçadas levavam os seus *xiwè*, as oferendas (carne das caças conseguidas) para os espíritos dos seres humanos e espíritos de aruanã que estavam na casa dos homens. A oferenda para o *Tori-kuni*, espírito do branco, era feita separadamente pois ele é muito especial e sempre ele come sozinho com aqueles que ajudavam nas caçadas.

Isso acontecia no pátio dos homens (*xiwè*). Era o chefe de ritual que fazia o *xiwè*. Sempre era o chefe de ritual que fazia os anúncios para comer na casa dos homens. Enquanto ele não autorizava, ninguém não poderia comer as comidas de espíritos de aruanã ou de qualquer comida na casa dos homens no ritual. Então, assim acontecia na cultura dos povos *Inỹ/Javaé*. Todo mundo consumia as carnes de porco queixada: ser humano (*Inỹ*), espíritos de ser humanos (*tyky – tyby*, ou seja, almas, ou espíritos. Tradução em português = a pele velha ou seja roupa velha). E também os camaleões tem seus donos. Podem ser algum ser feroz ou espíritos de aruanã, em alguns lugares (*kurè*). Quando o

mel silvestre (*bidi – tyhy*) existia nos lugares também de alguns espíritos de aruanã, quando o *hàri* pede para o espírito aruanã aumentar seu mel silvestre, os espíritos aumentavam. Existem o espírito bom (*iwowi*), que gostam de oferecer suas comidas, como as tartarugas, os porcos queixadas, patos selvagens e o mel silvestre.

Assim é na cultura do povo *Inỹ/Javaé*. Antigamente esses aumentos de animais ou mel silvestre nos lugares estava ligado, ou seja, dependia da comunicação dos *hàri* (xamã) com os espíritos de aruanãs. Era dessa forma a vida dos *hàri*. Quando tem muitas tartarugas nos lagos ou no rio Javaés, dizem que é o *hàri* (xamã) quem tirou, ou seja, trouxe as tartarugas para o mundo aqui fora (*ahana – òbira*). Todos aqueles animais que os povos indígenas *Inỹ/Javaé* consumiam eram trazidos pelo *hàri*, na relação dele com alguns espíritos de aruanãs. Todos espíritos de aruanã são bons e eles sempre estão oferecendo suas comidas para o *hàri* (xamã). Mas tem os *hàri* ruins. Eles proibem sair os animais para os povos consumir. Eles querem que os povos fiquem sem comer esses animais como os porcos queixadas, os patos selvagens e as tartarugas e os peixes piabanhas. Essa dessa forma o papel do *hàri* ruim na cultura dos povos *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal

Os povos antigamente iam para *Kanðanð* onde buscavam os *tytè* (embira), para enrolar, amarrar as flechas e também para fazer os enfeites e adornos como o cocar (*rurina*), usado pelos adolescentes, ou seja, rapazes novinhos. O lugar era de abundância de *tytè*, por isso que os povos das aldeias buscavam seus materiais para fazer suas flechas. Eram retirados os recursos naturais dos lugares. Quando era o tempo das enchentes, esses povos de cada região diferente iam para lá, por que os povos evitavam os conflitos com os Avá-Canoeiro (*kyrysa*). As pessoas já sabiam que os Avá-Canoeiro existiam na região de *Kanðanð*. Só no mês de verão, no tempo seco, os Ava andavam na região. Quando o rio Javaé estava cheio os Avá ficavam longe das margens do rio.

Enquanto isso os povos antigos das aldeias *Wari – Wari*, da aldeia *Imðtxi*, e antigo povo da aldeia *Marani – Hawa*, vinham para tirar os recursos naturais dos lugares. Assim aconteciam com os povos antigos. Os povos de antigo *Wari – Wari* levavam os recursos naturais como coco babaçu (*horeni*), para tirar o óleo (*tari*) que usavam nos cabelos (*radè* ou *rasira*) e embira (*tytè*). Tiravam também os "olhos" de palhas de babaçu (folhas que ainda não desabrocharam) para fazerem seus balaios (*wèriri*), cestarias de homem (*bèhyra*), abanadores (*kòri*), porque nos seus lugares não existem os cocos babaçus. Até hoje não existem os pés de coco babaçu na aldeia *Wari-Wari*. Os povos antigamente visitavam seus parentes (*Iwayrè*, Karajá) na aldeia Santa Isabel do Morro (*Hawalò*), para competir com os lutadores (*ijèsudu* ou *malua*) e levavam os *tytè* ou as penas de pássaros

colhereiro para trocar com os alguns objetos, ferramentas ou miçangas, ou então com as roupas. E também levavam algodão ou as linhas de algodão para trocar com alguns objetos, porque os *Iwayrè – mahadu* não plantavam as sementes de algodão e os pássaros são muito difíceis e os *tytè* de lá eram ruins. Também trocavam com os bambus taquari. Então os povos indígenas *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal não deixavam seus parentes (*syy*) sem visitar. Todos os tempos os povos andavam pelos espaços e visitavam seus parentes. Antigamente não existiam as tecnologias de transporte que tem hoje, mas os povos nunca deixaram de visitar seus parentes mesmo no tempo seco. E iam muito longe quando era o tempo de enchente. Eles iam até o rio Araguaia abaixo e chegavam nas aldeias dos povos *Ixybiawa*.

Todos os povos *Inỹ/Javaé* antigos iam para aldeia de *Iwayrè – mahadu*, (Karajá), dos povos de *Imõtxi*, dos povos de *Marani – Hawa*, dos povos antigos de *Wari – Wari* e até os povos de *Hédédura – Luku mahadu* andavam nas aldeias dos *Iwayrè – mahadu* (Karajá) para competir com os *malua* ou *ijèsudu*, os lutadores. Todas as vezes que os povos chegavam nas outras aldeias, sempre existiam as lutas corporais, para competir com os *Inỹ Javae*, para saber quem seria campeão de lutadores.

Segundo os costumes tradicionais dos povos indígenas *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal, em geral, os espíritos de aruanãs trazem a animação para as pessoas e os *hàri* (xamãs) são os responsáveis pelos espíritos de aruanãs. Em cada aldeia existiam (e ainda existem) os *hàri*, por que sem eles os espíritos de aruanãs (*irasò*), não vem. Esses espíritos não vêm sozinhos para o mundo aqui fora (*ahana – òbira*).

Pelos costumes dos antigos povos de *Imõtxi*, eles visitavam todos os anos seus parentes de *Wari – Wari*. Esses, seguindo o costume tradicional antigo, sempre recebiam seus visitantes com as lutas corporais. Os lutadores sempre esperavam os visitantes para competir na luta (*ijèsu* = luta; *ijèsudu* = um lutador). Quando era o tempo sem chuva (maio a novembro) eles iam até as praias, onde seguiam os costumes dos povos antigamente, de passar esses tempos nas praias. Chegavam até a levar os espíritos de aruanãs juntos. Eles não deixavam os espíritos sozinhos nas aldeias. Os antigos povos tinham também como costume tradicional de passar os tempos de seca na margem do Riozinho. Na margem do Riozinho, abaixo da aldeia *Imõtxi* tem um lugar que se chama *Ijyny – kòwò* (*ijyny* = fez cocô; *kòwò* = subir). Era feito pelo homem um tipo de canal (*kòwò*) perto de rio ou um lago, ou seja, uma passagem de peixes, por onde pescavam os peixes e as tartarugas com as flechas. Quando era chegada a estação chuvosa, voltavam para suas casas.

Quando aconteceram doenças que mataram muitas pessoas no antigo *Imõtxi*, os que escaparam, que sobreviveram, foram embora abaixo do Riozinho e fizeram outra aldeia (*Wajukabu*). Mais distante ainda fizeram a aldeia *Wabe – mahadu*. Outras famílias foram no rio Jaburu e fizeram outra aldeia (*Kuritiwi*). Na antiga aldeia foi onde teve o primeiro posto de proteção aos índios (do antigo SPI). Quando o SPI chegou lá no *Imõtxi* para abrir um posto, eles vieram de Santa Isabel do Morro (*Hawalò*). Vieram montados em cavalos e usando carros de boi. Trouxeram as ferramentas para distribuir para os povos indígenas *Inỹ/Javaé* do centro da Ilha do Bananal. Pessoas de outras aldeias vieram para receber as ferramentas como também de fora da Ilha do Bananal, como as pessoas de *Hèdèdura – Luku mahadu*, as pessoas de antigos *Wari – Wari* e as pessoas de antiga *Marani – Hawa*. Assim chegou o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Tinha começado os serviços com os *Inỹ* na comunidade de *Imõtxi*. Fizeram a casa com cobertura de palhas de piaçabas. Foram trazidos os *Iwayrè* (Karajá) como intérprete para comunicar com os povos *Inỹ/Javaé*, por que os povos *Inỹ* não tinham conhecimentos de língua portuguesa. Só que não durou muitos tempos o SPI nos povos *Inỹ/Javaé*. Logo teve as novas epidemias e não continuou o posto do SPI. Eles voltaram para aldeia Santa Isabel do Morro (*Hawalò*) no Araguaia.

O povo de *Imõtxi* tinha os rituais de espíritos de aruanã, os rituais de espíritos de outros índios selvagens, e também existia o *iòlò*. Só que a população daquele povo era pequena. Mesmo assim realizavam seus rituais muitos antigos. Tinham o ritual de iniciação dos meninos para passagem para fase adulta (*Hetohokỳ* = casa grande). Num ritual desses, os espíritos de *ihõ* não conseguiram terminar as suas estradas no mesmo dia e tinham terminado no outro dia, por que lá na região tem muitas pedras. Por isso que o lugar é chamado de *ihõ mana kòdòna* (tradução em português: *ihõ* = espíritos que participam no final de ritual; *mana* = as pedras; *kòdòna* =, o lugar onde foram ajuntadas as pedras). Então é o lugar do final da estrada, ou seja, da pista de *ihõ*.

Os hábitos alimentares dos povos indígenas *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal, em geral, é o consumo de peixes e carne de tartaruga, carnes de porco queixadas, patos selvagens. Esses são especiais para os povos *Inỹ*.

Assim o consumo das carnes de outros animais não são tanto como esses animais citados anteriormente. Muito raramente se come cutia, caititu, pacas, macaco, quati, veado cervo, veado mateiro, veado catingueiro, anta, capivara, macaco guariba, camaleão, e os pássaros, como o jacu, mutum, mergulhão. Cada povo nas suas regiões tem seus costumes tradicionais diferenciados, ou seja, suas especificidades na realização de suas atividades sejam coletivas ou individuais. Todas as caçadas dos animais especiais

eram realizadas de forma coletiva, como as caçadas de porco queixadas, esperas de patos selvagens, as pescarias de tartarugas, e também coletas do mel silvestre.

Na cultura tradicional para todos realizarem suas tarefas, como nas caçadas, nas pescarias de tartarugas, antes dos homens saírem para alguma atividade no mato, se reuniam para fazerem cerimônia de *xiwè*, na casa de aruanã, como uma forma de oração ou reza. Eles pedem para os espíritos de aruanãs para que não aconteça algo ruim nas caçadas ou nas pescarias, como os acidentes de ferroada de arraia ou mordida de piranha e outros seres ferozes e perigosos. Porque os povos antigos pescavam as tartarugas de flechas. Então por isso que os homens se preparavam antes de irem nas pescarias. Quando os homens flechavam as tartarugas, elas afundavam dentro de águas e demoravam aproximadamente uma hora no fundo das águas e depois apareciam, ou seja boiavam. Alguns homens caíam em cima de uma tartaruga dentro das águas e pegavam no fundo das águas, mesmo no rio ou lago desconhecido e que eram perigosos.

Quando tivesse muitas tartarugas nos lagos ou no rio Javaés, os homens faziam suas pescarias dessa forma. Depois de muitos tempos chegou o conhecimento de anzol para pegar as tartarugas. Melhorou com isso as pescarias. Os povos antigos de *Làràtxi* começaram a usar os anzóis para pegar as tartarugas e depois chegou para os povos antigos de *Wari-Wari*. Esses conhecimentos vieram dos não-indígenas e começou no Araguaia. Então os *Iwayrè* (Karajá) aprenderam com os não indígenas e eles repassaram os conhecimentos de anzóis para os povos *Inỹ/Javaé*. A pescaria tradicional de tartarugas com as flechas não existe mais na cultura do povo da Ilha do Bananal *Inỹ/Javaé*.

Os povos indígenas *Inỹ/Javaé* antigamente tinham seus costumes tradicionais de deixar suas casas, ou seja, as suas aldeias (*Hawa*) e acampar nas margens de rio Javaés, nas margens de lagos ou no Riozinho. Quando era o tempo de cheia, os povos indígenas *Inỹ/Javaé* visitavam seus parentes nos outros lugares como os povos antigos de *Wari – Wari* que visitavam seus parentes de *Marani – Hawa*, e estes visitavam seus parentes de *Wari-Wari*. Os povos antigos de *Imõtxi* visitavam seus parentes de *Wari – Wari* e estes iam para a antiga *Marani – Hawa*. Os povos também visitavam os seus parentes de antigo *Karalu – Hawa*, os povos de Pataca ao norte da Ilha do Bananal.

Esses povos indígenas *Inỹ/Javaé* antigos da Ilha do Bananal se movimentavam de canoas pelo varjão nos tempos de cheias. Eles iam até o Araguaia onde visitavam seus parentes *Iwayrè* (Karajá). Na visão do não-indígena os povos antigos eram nômades. Mas não eram nômades. Eles tinham seu costume tradicional de passar o tempo da seca nas margens do rio Javé, nas praias, aproximadamente iniciando no mês de junho. Os povos antigos de *Wari – Wari* saíam de sua aldeia para o rio Javaé passar suas temporadas nas

praias. O povo de antigo *Marani – Hawa*, passavam os tempos secos na margem do Riozinho, pois era muito difícil para irem no rio Javaés. O povo de antigo *Imõtxi* também passava os tempos secos na margem do Riozinho, pois também era difícil para irem para o rio Javaés, porque a distância de *Imõtxi* para chegar ao rio Javaés era muito grande. Quando iam visitar seus parentes, só iam os homens. As mulheres e as crianças ficavam nas suas aldeias.

Os povos antigos *Wari – Wari* tinham seus costumes de passar o verão nas praias na margem do rio Javaés onde eles realizavam seus rituais de espíritos de aruanã nas praias, como se fosse nas suas aldeias, como a realização de rituais como *Ixyju kuni* (os espíritos de outros índios selvagens). Quando o rio Javaés começava a encher, os povos voltavam para suas aldeias de origem. Os povos de antigo *Wari- Wari* andavam mais do que os outros povos *Iny/Javaé* da Ilha do Bananal. Eles iam pelo rio Javaés até o *Txyreheni*, atual Canguçu, e andavam também pelo Riozinho e também fora da Ilha do Bananal. Tinha o povoado não-indígena nos lugares que existiam os garimpos (*karinbu*). Então os povos antigos iam até os povoados e pegavam as roupas, algumas ferramentas, trocavam com as tartarugas ou couros de animais. Tinha um povoado chamado Mata Verde (*Mato hereji*), onde os povos antigos de *Wari – Wari* também andavam. Naquele tempo andavam pois não existia divisão de territórios. Iam aos lugares onde eles buscavam as tartarugas com as famílias. Eles não tinham preocupação, pois não existia proibição de lugares.

Também eles andavam no rio Formoso para pescar as tartarugas. Andavam a pé e chegavam até lá no rio Formoso onde acampavam e passavam o verão nos lugares. O rio Formoso chama-se *Tori–Bero* (*tori* = não indígenas; *bero* = rio), pois o nome se refere ao rio do branco, do não-indígena. Inclusive existia uma aldeia na margem do rio Formoso (*Waije – ryna - wije* = um ser espírito de aruanã; *ryna* = o lugar onde mora o espírito de aruanã). O xamã capitão *Maluarè* Javaé foi o fundador dessa aldeia. Eles moraram com os parentes de sua esposa, a famílias de *Ijahiwa* e poucas famílias moraram lá, mas já não existem mais descendentes. Existia outra aldeia na margem de rio Formoso (*Hauteheky – Hawa*), antiga aldeia da famosa *Ijanaru* Javaé com a sua voz muito boa (*iburudo ikumawi*, voz muito linda para chorar e cantar). Ela era uma mulher e dona de uma aldeia onde morava com as suas famílias e seus parentes.

Os povos antigos de *Wari – Wari* são reconhecidos como *Ityhy* (verdadeiro, forte, original), pois eles eram muito potentes. Isso porque próximo das suas aldeias não existem os pés de coco babaçu para cobrir as suas casas com as palhas. Mesmo assim eles faziam suas casas grandes e realizavam seus rituais de iniciação de passagem de criança

para a fase adulto (*Hetohoky*) = casa grande). Existem os pés de cocos babaçus há aproximadamente 18 km da aldeia *Wari – Wari*. Então eles carregavam as palhas de babaçus para realização de seu ritual desse lugar tão longe. Assim eram os homens antigos de *Wari – Wari*. Por isso que são reconhecidos como *Ityhy*. Às vezes eles iam até *Kanðanð* onde buscavam as palhas de babaçu para realização de seus rituais como *Hetohoky*. A antiga *Wari – Wari*, era a aldeia mais populosa. Antigamente não existiam as ruas e as casas ficavam perto uma das outras. Assim eles se autodenominavam como mais importantes dos povos da Ilha do Bananal, os povos mais respeitados na cultura e seus costumes tradicionais.

Cada povo antigamente existia em seus territórios, nas regiões dos lugares onde buscavam suas sobrevivências como nas pescarias, nas suas caçadas e seus acampamentos (*syra*). Em cada região existia os recursos naturais, como as plantas medicinais onde as pessoas realizavam seus conhecimentos de remédios sobre as curas de enfermos. E também existiam os recursos naturais muito importantes na cultura do povo *Iny Javae*, como as árvores ou as taquaras que serviam para fazer suas flechas e o *pati*, para fazer seus arcos. Esses recursos naturais serviam para fazer as armas dos homens e em algumas regiões não existiam esses recursos naturais.

Por exemplo: na região de *Wari- Wari* não existe nada. Eles buscavam nos lugares longe os taquaris e os pati e embira (*tytè*). Recursos naturais que serviam de armas de homem só existiam nos lugares longe. Os taquaris só existem nas regiões de *Imõtxi* enquanto que *tytè* só existiam na região de *Kanðanð*.

Então eram esses recursos naturais que serviam para fazer as suas flechas para matar os animais, os peixes e os pássaros para sua sustentabilidade e sobrevivência. Na região de *Wari – Wari* era tudo difícil. Não existia quase nada e eles também faziam trocas de materiais para fazer suas flechas com as outras pessoas de região, como as penas de pássaros colhereiros, jaburu, gavião, arara velha e arara azul. Essas penas de pássaros são as que precisavam nas confecções de flechas. Existiam poucos os pés de árvores tarumã para fazer os seus remos. Esses, os pés de tarumã, eram abundantes na região de *Ikòrò - tòbò* (atual aldeia São João).

Os povos antigos de *Lòrèky*, em seus costumes tradicionais, eles passavam os invernos (tempo das chuvas) na aldeia da atual a mata João Queira. Lá existe muitas palmeiras de coco babaçu (*horeni*) e também as matas grandes. Também a população era pouca, mas mesmo assim tinha a realização de seus rituais de espíritos de aruanãs. Era meio difícil deles irem ao rio Javaés. Porque lá existe o rio *Lòrèky*, que cai no rio do *Sohoky* (não-indígena chamam esse lugar de lago de *Sohoky*). Lá existia aldeia temporária

na margem esquerda do lago do *Sohoky* (chama-se *Kywakò–Syrana* - tradução em português, *kywa* = jatobá; *kó* = pé, *syrana* = acampamento). O nome refere-se ao acampamento no pé de jatobá. Para não indígena é um lago, mas para indígena é um rio. A região do lago é de grande fartura de peixes pirarucus e demais peixes, além das tartarugas que existiam muitas, bem como os patos selvagens e os porcos queixadas.

O lago do *Sohoky* é um lugar em que historicamente aconteceram coisas quase inacreditáveis com os povos muitos antigos que ali viveram. Havia um bicho feroz (*hanatxiwe*) que tinha feição de gente. Ele tinha feito uma tragédia muito grande. Ele era dono da chuva e fez chover muito, provocando uma grande enchente. Com isso, todos os seres do rio escaparam e passaram a atacar as pessoas. Piranha gigante e peixe bicuda gigante passaram a correr atrás das pessoas e matá-las. As pessoas corriam para todos os lados seguidas pelos gigantes. Por isso que o formato do *Sohoky* é irregular daquela maneira, pois marca os lugares que as pessoas corriam e os peixes atacavam. Só tinha um homem que havia escapado, chamado *Buritxiwana*. Ele era atleta, pois fazia treinamentos constantes e por isso que tinha corrido muito e conseguido subir no pé de jenipapo⁸. A bicuda gigante não conseguiu alcançá-lo, mas o restante do povo tinha se acabado. *Hanatxiwe* afundou-se no lago e foi embora e até hoje continua morando no nível subaquático. Então por isso que o lago ficou daquele formato, sendo muito largo, semelhante ao tamanho do rio Araguaia. Nos tempos passados o lago era muito lindo e suas águas muito limpas. Mas hoje em dia o lago não está como antigamente. Está muito seco, sujo e cheio de mato, devido a grande quantidade de gado e devido outros tipos de capim que nasceram. Os peixes quase não são encontrados mais nos lagos. Os animais aquáticos, como as tartarugas não são encontradas mais no *Sohoky*. E os peixes pirarucus, também existem poucos no lago. Os povos antigos frequentavam sem preocupação de acabar os recursos permanentes dos lagos, que eram abundantes de peixes. Os povos não precisavam ir em os outros lugares para pescar.

Também existiam mais as moradas temporárias nas margens do rio *Lòrèky*. Lá existem os nomes de trechos do lago e também existem os espíritos de aruanãs nos lugares do nível subaquática (*bèra-hatxi-kuawèbòrò-ribi*, ou *kanawè – bòrò-ribi*). Mas também existem muitos seres ferozes no subaquático do lago como o *rèimylò*, que é a grande serpente, ou seja, boiuna.

O *hàri* (xamã) tem suas visões xamânicas pelos mundos cósmicos no fundo dos rios ou nos lagos nos lugares na Ilha do Bananal. Através dos conhecimentos dos *hàri* o

⁸ A única árvore que consegue proteger as pessoas e impedir a ação desses seres ferozes, é o pé de jenipapo.

nosso povo reconhece os lugares onde os seres ferozes ou os espíritos de aruanãs moram no nível subaquático. O ser feroz (*Hanatxiwe*), mora no fundo das águas no lago *Sohoky*. Existem também duas mulheres sem os olhos que moram no fundo das águas do lago *Sohoky*. Elas também são seres ferozes que são chamadas de *Wanymy – sekeseke* e *Bwanymy*. Elas são donas de frutos chamado de jenipapo, bem doce.

Quando *Tynyxiwè* andava pelo mundo, encontrou aquelas duas tirando os frutos. *Tynyxiwè* falou: *nossa quem serão elas?* Chegou perto delas e observou que não tinham os olhos. Então *Tynyxiwè* pensou: *nossa vou comer os frutos que elas estão colhendo*. A *Wanymy sekeseke*, jogou o fruto. *Tynyxiwè* pegou antes de cair na mão de *Bwanymy*. Ela falou para sua irmã: *cadê o fruto?* Joguei aí, disse *Wanymy*. *Aqui não está*, falou *Bwanymy*. *Tynyxiwè* comeu o fruto de jenipapo e ele gostou: *nossa que fruta doce, muito gostosa*. *Tynyxiwè* pensou: *vou comer de novo*. Foi de novo pegar a fruta. Mas desta vez *Bwanymy* tinha pegado junto com a mão de *Tynyxiwè*. Ela chamou a outra que estava lá em cima: *peguei! Lá vai outra, segura!* Então *Tynyxiwè* para escapar tinha tirado um dos dedos da mão assim para escapar dela e correu. Elas correram atrás de *Tynyxiwè*. Ele correu até se cansar. Então ele tinha pedido socorro para a anta substituir ele na corrida pois estava muito cansado. É por causa disso que temos só os cinco dedos de cada mão. Antes eram seis dedos de cada uma das mãos.

Com os conhecimentos de *hàri*, eles conseguem andar por todo o mundo cósmico em todos lugares, nos níveis celestes, no nível subaquático e aqui no mundo a fora (*ahana – òbira*). Então eles chegam na casa das duas mulheres sem olhos (*wanymy – seke- seke*) e lá existem as frutas jenipapo. Os xamãs comem as frutas de jenipapo muito doce. Antes elas moravam no mundo aqui fora (*ahana–òbira*) e depois que foram morar no nível subaquático do lago de *Sohoky*. O *hanatxiwe* morava no fundo de um buraco da terra. Depois que acabou com os povos foi morar no fundo das águas no lago. Ele também é o dono de chuvas. Quando está faltando as chuvas, os *hàri* pedem a ele a chuva. Então chove muito para encher os rios e os lagos e a ilha toda fica inundada, não só na região de *Sohoky*, mas toda a região da Ilha do Bananal fica inundada.

Assim as histórias da região de *Sohoky* são narradas pelos nossos ancestrais. Muito antigamente o *Sohoky* era do tipo de um rio estreito e a antiga aldeia era chamada de *Kujejeni – mahadu*. Depois que foi feito o lago bem maior, pelos ferozes que perseguiam as pessoas, foi chamado de *Sohoky* (tradução em português: *soo* = no meio, ou seja, fundura; *ky* = algo maior ou de muito respeito pelas as pessoas). A palavra *soo* é usada para a parte de dentro de uma canoa e também é usada para os lagos ou rios, como uma

fundura, ou seja, espaço maior. Existe hoje como o maior lago na Ilha do Bananal, que fica na região de atual aldeia *Txuiriri*, a distancia de 18 km da margem do rio Javaés.

1.3 Os povos antigos da aldeia *Txuòdè* (*txuòdè* é um capim chamado de sapé).

A parte sul da Ilha do Bananal, na margem do rio Javaés, ficou pouco habitada pelo desaparecimento dos primeiros povos, que pode ter sido pela atuação dos Bandeirantes ou por fuga. Um dos povos que se chamava *Wala* voltou para o nível subaquático do lago *Wala Ahu* (atualmente lago de piranha), na antiga área da Fundação Bradesco. Atualmente é parte dos assentamentos rurais que existem na região. Eles ficaram com medo dos *Tori uhu* (Bandeirantes) e se transformaram novamente em espíritos e voltaram para o mundo de origem.

Existia aldeia bem na margem do rio Javaés que era vizinha de antiga aldeia *Hèdèdura – luku - mahadu*, mesmo dos povos de *Làràtxi – mahadu*, fora da Ilha do Bananal. Era pouca população, mas mesmo assim eles realizavam seus rituais de espíritos de aruanãs, ritual de *ixyjukuni* (espíritos de outros indígenas selvagens). O lugar de pescarias era no rio Verdinho (*Dejuueho*; *dejuè* = o peixe matrinhã, também chamado de ladina; *ho* = o lugar onde existiam abundancia de Matrinhã). Nos lugares no rio Verdinho existem muitos peixes, qualquer tipo de peixe. Existiam também muitas tartarugas no rio Verdinho.

Existem os nomes de trechos de Rio Verdinho. Esse rio desagua no rio Javaé, abaixo de aldeia *Txuòdè*. Todas as antigas aldeias na margem do rio Javaés ficaram nos lugares baixos, pois na margem do rio Javaés abaixo da aldeia *Wari-Wari* existem poucos lugares muitos altos. Existiam as aldeias muitos antigas de *Hèdèdura – Luku*, aldeia *Txuòdè* e aldeia *Wyhy – raheto – Di – Ijarana*. Também existiu uma aldeia fora da Ilha do Bananal, chamava de *Kyrysa – Hawa*, mas que era ocupada por pouco tempo. Já a aldeia *Hèdèdura – luku* ficava na ilha e depois fizeram uma aldeia fora da ilha. A aldeia *Txuòdè* sempre ficava na ilha enquanto que a aldeia *Wyhy- Raheto – Di – Ijarana* ficava sempre fora da ilha e os povos que moravam nela ficava nas praias na margem do rio, do lado da ilha, onde passavam os meses de verão nas praias, conforme era o costume dos povos antigos.

Os povos de *Làràtxi* passavam nas praias da margem do lado da Ilha do Bananal. Esses antigos povos realizavam seus rituais de espíritos de aruanãs e ritual de *Ixyjukuni*. Então o ritual de espíritos de outros indígenas em geral nas culturas dos povos Iny/Javaé, existem em todas as comunidades nas regiões diferentes. Esse ritual não durava nem um dia inteiro, pois começa a tardezinha e termina nove horas da manhã seguinte. Esse ritual

era realizado no meio de farturas das roças e nesses momentos aconteciam *bòròtyrè*, um ritual em que as mulheres comiam as comidas de *Ixyjukuni*, para pedir algumas coisas da família dona de espírito, como alimentos ou alguns objetos. E a família dona de espíritos de outros indígenas *Ixyju – kuni, Wèdu*, davam o que as mulheres pediam.

Para os antigos povos de *Wyhy Raheto – Di – Ijarana*, os lugares de pescar eram no lago de *Walairi*. *Walairi* era um povo que surgiu na região de *Wyhy –Raheto- di-ijarana*, fora da Ilha do Bananal. Os povos *Inỹ/Javaé* que moraram nessa antiga aldeia estiveram em conflitos com os *Iwayrè – karajá*. Eram poucas famílias e os Karajá quase mataram todos os moradores de lá. Sobraram poucos e alguns deles foram morar na antiga aldeia *Karalu–Hawa* (Pataca) e *Bedeky*, no norte da Ilha do Bananal. Depois de muito tempo fizeram a aldeia *Ruku – wèbòhòna*, ou seja, *Inỹ wèbòhòna* (conhecida também como Boto Velho), o lugar onde estourou a barriga de nossos ancestrais *Inỹ*, na região conhecida também como *Tori – Bero –ijò* (a boca do Rio Formoso). A primeira aldeia foi criada fora da Ilha do Bananal, na área atual Barreira da Cruz. Quando não indígena chegou na região, mandou os povos indígenas *Inỹ/Javaé* serem retirados da sua própria aldeia e foi por isso que foram morar na Ilha do Bananal. Assim os primeiros moradores contam que os cemitérios e os lugares de casa dos homens todos foram abandonados.

1.4 Os antigos povos de Pataca (*Bedeky*)

Eles habitaram na região norte da Ilha do Bananal, conhecidos como *Bedeky – mahadu*, sendo que *Bèdè* significa espaço ou mundo, *ky* significa dentro ou meio e *mahadu* é um pov, um grupo. Teve epidemias na Pataca e os que sobreviveram vieram para morar na margem do Javaés, na região de Boto Velho. Eram poucas famílias, mas que deixaram seus lugares de origens e nunca mais voltaram aos seus territórios, onde eles viviam nos lugares diferentes nas margens dos lagos e deslocavam de um lago para outro a pé, por que não existem nenhum um rio na região. Os povos eram chamados de *Bedeky – mahadu* (o povo de dentro) pelos Javaé das margens de rio Javaés (*bero – biawa*, sendo *bero*, igual rio e *biawa*, companheiro ou amigo).

Os rituais praticados pelos *Bedeky* eram os mesmos dos Javaés das margens de rio Javaés, como os espíritos de aruanãs (*irasò*) e também existia ritual de iniciação de criança para a passagem da fase de menino para fase adulto, o ritual de *Hetohoky*. Eles realizavam desde muito tempos antigo, mas depois que o chefe de ritual faleceu nunca mais foram realizados e só existiam o ritual de *hèrerawo* (um ritual com menor duração e sem levantar a casa grande, sendo realizado apenas dentro da casa dos homens que existe na aldeia). E faziam também o ritual de espíritos de outros indígenas (*ixyjukuni*,

sendo *ixyju* o índio selvagem, ou seja, índio do mato e *kuni* significa espírito, ou alma das pessoas). As demais manifestações culturais eram da mesma região sul da Ilha do Bananal.

Só que o costume tradicional de acampamentos era muito diferente dos povos da margem do rio Javaés. Eles andavam a pé de um lugar para outro nos lagos. Eles se deslocavam de canoa só quando era tempo de enchentes, quando então iam para os lugares longe onde visitavam seus parentes, como na aldeia *Marani – Hawa*, aldeia *Imõtxi* e na aldeia *Wari – Wari*, pelo varjão alagado (*bedero*). Nos tempos passados as enchentes eram muitos maiores que hoje, pois as águas cobriam os espaços em todos nos lugares de baixadas e só ficavam de fora os lugares bem altos. Quando era nos meses de verão eles andavam por perto e iam para o Riozinho (*Wabe*), uma aldeia que foi criada depois de epidemias na aldeia *Imõtxi* na margem do Riozinho (*Hawa wèdu*, cuja liderança era capitão *Ixyjuwèdu* que era xamã (*hári*) e fundador de aldeia *Wabe*).

A região mais antiga que eles habitavam era na região da aldeia *Wararè – kòna*, uma aldeia que significa o lugar onde as ninhadas de colhereiro existiram. *Wararè* é o colhereiro e *kòna* são os ninhais nas árvores nas margens de um lago. Os povos muitos antigos habitavam nas margens do atual Lago do Mamão. Mas nunca mais voltaram a morar nestes lugares. Eles habitavam mais na margem do lago Pataca (*Karalu – Háwa*), no mesmo lugar dos povos antigos moradores da região, por que não existem os lugares mais altos. Na região existem mais os capões de mata. Quando era o tempo de enchentes, alagavam tanto *Wararè – Kòna* (atual lago do mamão) quanto *Karalu – Hawa* (atual lago da Pataca). Como nessas duas regiões não existem os lugares altos, eles passavam muitas dificuldades para fazer suas roças. Faltavam muitas coisas para o plantio da roça. Com o passar dos tempos, encontraram o lugar bem alto e era ali que eles faziam suas roças e plantavam muitas bananas, abacaxi, milho, mandioca, batatas doces, cará, etc. Esse lugar chama-se *Syrahaky*. O nome *Syra* significa quando os peixes *iuiu* (*Syra*) ficam presos no laguinho nos varjões (*haky*). Então o nome do lugar refere-se ao lugar onde muitos peixes ficam presos nos laguinhos. Este lugar é mais elevado e tem muitas matas e os espaços bem amplos, reconhecidos como coração da Ilha do Bananal.

Esses povos também fizeram outra aldeia, *Kywako-ro*, sendo que o nome *kywa* significa jatobá, *kò* significa pé e *ro* é um poção de um lago. Portanto o nome refere-se a um poção de pés de jatobá. Depois mudaram novamente para outro lugar chamado de *Rara-oky*, onde *rara* é urubu e *oky* é abundância. Só que esse nome não se refere ao pássaro urubu, mas sim porque no lugar existem muitas plantas nativas chamada de *rara-kò*, por esse motivo se chamado de *rara – oky*. Essa aldeia que foi a última deles já fica

um pouco mais perto do rio Javaés. De lá que eles vieram pelo rio *Kaxiwewo* (*Murere*), que deságua no rio Javaés. O nome *kaxiwè* se refere as plantas aquáticas nativas que ficam nas águas dos rios ou dos lagos, enquanto que *wo* significa dentro. Então eles definitivamente deixaram os seus lugares de origens (*Bedeky*), dentro do espaço do interior da ilha, e vieram morar nas margens do rio Javaés (*Bero – biawa*).

Na historia uma mulher, chamada *Mõnija*, foi fundar uma aldeia na região de Pataca (*Karalu – Hawa*) e ela era *hàri* (xamã). A origem dela era de *Wari – Wari*. Por motivo de conflitos internos, ela e seus parentes se mudaram para a região de *Karalu – Hawa* (Pataca). Porque quando aconteciam as mortes na aldeia, os parentes de mortos acusavam-na e prometiam matá-la. Quebravam as panelas e as cabaças dela e queimavam as esteiras e cobertas dela. Por esse motivo que ela mudou para o lugar bem longe para se esconder dos adversários. Então assim é a história antiga aldeia *Karalu – Hawa*. O lugar era dos povos *Iny*, nos tempos muitos antigos.

Foi nessa região que no começo do mundo aconteceu um episódio entre dois irmãos, *Ahulawari* e *Ijelawari*. *Ijelawari* namorou com a sua cunhada, esposa de *Ahulawari*. Ele falou para seu irmão *Ijelawari* subir no pé de árvore para pegar os filhotes de jaburu tuiuiú. Quando *Ijelawari* subiu, ele fez o pé de árvore subir e ficou muito alto e *Ijelawari* não conseguiu descer de volta. Ele ficou lá em cima muito tempo. A mãe de tuiuiú quase que matou ele e o pai de tuiuiú o defendeu. Assim *Ijelawari* ficou no ninho e quando os filhotes de tuiuiú cresceram e voaram, o pai de tuiuiú convidou todos os pássaros a descerem *Ijelawari* de volta. Muitos pássaros se ajuntaram e levaram ele de volta para sua família. Assim é a história contada pelos narradores *Iny/Javaé*.

A língua do povo antigo de *Bedeky* era parecida com a fala de uma criança, pois usa mais L do que o R e mais sons lábio-dentais que os sons nasais. Nesse lugar da Pataca não existiu o surgimento de um povo. As aldeias foram criadas nas regiões de Pataca. Como quase não encontravam lugar alto para fazer as roças, espaços maior de terras, por isso que eles plantavam suas roças mais cedo antes de enchentes cobrirem as suas roças. Por esse motivo os povos da região são reconhecidos também como gente sem alimentos de roça (*Irama – ijara*). Quando criaram outras aldeias em outros lugares, como na região de *Syrahaky*, lá existiam (e ainda existem) mais espaços altos e então eles cultivavam suas roças e plantavam todos os plantios.

O lago do Pataca é muito sujo. Mesmo assim os povos antigos consumiam as águas do lago. E eles pescavam no lago sujo e matavam os peixes sem ver. Só matavam pelo sinal no meio das águas no lago. O hábito alimentar dos povos eram os peixes mais gordos como o pirarucu (*budòlèkè*), pirarara (*turè*), surubim (*harètu*), tucunaré (*bènõra*).

No lago existiu muitos desses peixes e ainda existem. Também existem muitos porcos queixadas e existem muitos patos selvagens e o mel silvestre na região. O lugar tem muita fartura de peixes, animais e mel silvestres. A população sempre foi pouca, mas mesmo assim eles tinham a realização de seus rituais, como os espíritos de aruanã.

Os povos da Pataca não realizavam os rituais de *Hetohokỳ* (casa grande, iniciação de criança para a fase adulto) porque o chefe do ritual tinha falecido (*Xironai – hiky*). Depois que morreu não realizaram mais o ritual. Eles só faziam o ritual de *hèrèrawo*, também chamavam de *hijè – rurè*, feito para furar o lábio de meninos. A duração desse ritual era de poucos dias. Esse ritual é da mesma forma que *Hetohokỳ* e envolve as pessoas como os parentes mais próximos, os *hàri* e o chefe de ritual. Eles faziam também ritual de aruanã e os *lateni*. A reclusão começava dentro de casa de seus pais. Os *lateni* dançavam ao redor das casas do menino um dia e uma noite toda. Na manhã seguinte os meninos eram levados pelos seus tios maternos e tios paternos e os *lateni* vão acompanhado até no pátio dos homens onde os tios e os *latenis* seguravam os meninos para furar os lábios com o osso de macaco guariba.

Alguns meninos continuavam a reclusão na casa grande (*Hetohokỳ*) e viravam *Jyrè* (ariranha). Outros iam até o pátio dos homens só para furar o lábio e de lá voltavam para sua casa. Os tios e os *latenis* levavam de volta nas casas de seus pais e continuavam como a criança menino. Antigamente os meninos tinham que passar no ritual de furar o lábio (*hijè – rurè*), o nome *hijèti* significa lábio e *rurè* é furo. O tio que furava o lábio de seus sobrinhos e algumas crianças continuavam no ritual e passavam trinta dias de reclusão e recebiam os conselhos, dentro na casa grande, dos *worosỹ*, que são espíritos que moram no subaquático no Riozinho (*worosỹ – bero*). Hoje em dia não existe este ritual de *hijè- rurè*. Tinha acabado nos anos 1960 e nunca mais foram realizados furação de lábios. Todos os antigos povos da Ilha do Bananal, *Inỹ/Javaé* e também o *Inỹ/Karajá* e os povos *IxyBiawa* faziam este ritual de furar o lábio. Hoje em dia as novas gerações não conhecem esse ritual.

Todos os povos indígenas *Inỹ/Javaé* realizavam o ritual de *Hetohokỳ*. Primeiro acontecia a cerimonia de furar o lábio de menino e somente depois é que eram levados para dentro de casa grande. Depois levavam nos matos para cortar seus cabelos e pintar de tinta de jenipapo. Ficavam pretos e são chamados de *Jyrè* (ariranha).

Assim era o ritual na cultura do povo indígena *Inỹ/Javaé* e a nova geração (*wiji-nabòdu*, ou seja, *wijina – mahadu*), não realizam mais o ritual como era antigamente (*juhu*, antigo: *juhu – mahadu* ou *hàkyina – mahadu*, povo antigo). Então era assim na cultura dos povos *Bedeky – mahadu*. Como era mais difícil de acesso para chegar nas

margens do rio Javaés, as pescarias de tartarugas eram feitas nos lagos. Eles matavam só com flechas porque eles não tinham o conhecimento de anzol. Nos tempos passados os povos na Ilha do Bananal não tinham esse conhecimento de pescar as tartarugas com linha e anzol. Os homens pescavam de flechas nos lagos ou no rio Javaés e faziam cerimônias de uma bebida calugi para oferenda aos espíritos de aruanã, que é o dono de tartarugas nos lagos ou nos rios. Eram pescarias coletivas nas quais todos homens pescavam as tartarugas nos lugares e as pescarias eram mais demoradas e mais difícil de serem feitas.

Quando chegou conhecimento de anzol para pegar as tartarugas, melhorou as pescarias nos povos antigos. Esses conhecimentos vieram do Araguaia e não é na cultura dos povos indígenas. Foram inventados pelos não-índios que também consumiam as carnes de tartarugas. Então os povos indígenas Karajá foram os primeiros a conhecer o modo de fazer os anzóis para pescar as tartarugas (usando pedaços de ferros) e depois chegaram os anzóis de pegar as tartarugas. Os antigos povos *Iny/Javaé* buscavam nos padres, em Conceição do Araguaia (PA), materiais para fazer suas traíás para pegar as tartarugas. Hoje em dia as novas gerações não conhecem esses conhecimentos antepassados de pescarias coletivas nos lagos ou no mesmo rio Javaés.

Então cada povo *Iny/Javaé* nas suas regiões realizava seus rituais de formas diferentes, como a iniciação de meninos para fase adulta. Nas aldeias com população menor, realizava o ritual como *hèrèrawo*, ritual de duração mais curta, sem construção de casa grande. As aldeias maiores, como antigo *Wari – Wari*, não existia o ritual de *hèrèrawo*, mas sim o *Hetohokỳ* (com construção da casa grande).

Também não existia em *Wari-Wari* o ritual de *Hetohokỳ-wèkèrè*, o nome *Hetohokỳ* é casa grande e *wèkèrè* é metade. O nome se refere a metade da casa grande, pois se constrói casa pequena. Na cultura do antigo povo de *Wari–Wari* não existiu esse ritual *Hetohokỳ-wèkèrè*. Mas além *Hetohokỳ* e do *Hetohokỳ-wèkèrè*, eles realizavam ritual de iniciação de criança para a fase adulta, mais de pouca duração sem ter *lateni*, chamado *Irasò narakynahakỳ weriri ólóna*. O menino não ficava em reclusão. Os tios enfeitavam o seu sobrinho e levavam na casa dos homens no meio da brincadeira de espíritos de aruanãs, quando tem a brincadeira maior de aruanã como *kobiku* (peixe assado), ou *iwodudu* (o peixe enrolado de massa de mandioca, tipo pastel). Os meninos recebiam orientação sobre os segredos da casa dos homens e no final do dia voltavam para casa.

Só recebia o conselho de *worosy* dentro de casa dos homens e terminava. Já viravam *Jyrè* (ariranha). O povo *Marani – Hawa*, também só realizava seus rituais, como o ritual de *Hetohokỳ*, porque lá existiam uma grande população e havia também a

realização de ritual de *Iwèruhuky*, prestígio dos *iòlòs*. O nome *iwèru* é uma bebida típica do povo *Inỹ/Javaé* que se faz da fermentação de milho e de mandioca, *huky* é seio ou algo maior. Mas *huky* também usado para as pessoas com muito respeito. O ritual de *Iwèru-huky*, tem duração de mais tempo (cerca de trinta dias de ritual) e não tinha o tempo para as pessoas fazerem outros rituais. No meio desse ritual a festa de espíritos de aruanã parava. Toda tarde os homens e as crianças meninos participavam e dançavam em forma de círculos no pátio dos homens. Começavam aproximadamente pelas quatro horas da tarde indo até seis da tarde. Paravam e a noite continuavam juntos com as mulheres nas cantorias na porta da casa do *iòlò*, o conselheiro formal da comunidade.

O ritual começava após de ritual de *Hetohokỳ*, aproximadamente no mês de abril e terminava no mês de maio. Esse ritual não se realiza mais no dia de hoje. Os povos antigos realizavam esses rituais na antiga aldeia *Wari – Wari* e na antiga aldeia *Marani – Hawa*, as duas antigas aldeias que realizavam ritual de *Hetohokỳ* e ritual de *Iwèruhuky*. Então esse ritual envolve todas as personagens das comunidades, como o *hàri* (xamã), *ixy – tyby* (chefe do ritual), o nome *ixy* significa aldeia, mas também é porco queixada e *tyby* significa pai; então o nome se refere aos pais dos povos. Envolve também os *iòlòs* e as mulheres (*hawyky-mahadu*), os meninos (*uladu weryry*), sendo que também são realizadas as competições de *kòhurò*. O nome *kòhurò* é um tipo de flecha sem ponta que era arremessada com um propulsor. As pessoas que participam são aquelas preparadas, ou seja, aquelas específicas para competir com seus adversários. Essa competição envolve pessoas relacionadas por questão matrimonial. Um homem pede a sua irmã para que o marido dela faça o *kòhurò*. Esse cunhado não se nega porque é um tipo de pagamento pelo fato de ele ter se casado com a irmã de quem pediu. E também envolviam os espíritos dos seres humanos (*tyky tyby*) e envolviam as palavras maliciosas de conotação sexual entre as pessoas homens e mulheres. Não existia o ciúme. Só paravam de falar as palavras maliciosas quando terminavam os rituais.

Esses rituais vieram dos povos *Wèrè* mas também existiram na cultura dos povos *Kuratanikèhè* e *Marani – Hawa mahadu*. Estes últimos tinham grandes *iòlò*, sendo os nomes abreviados: *iò Tòlòra*, *iò Haruèsi* e *iò Timyjuy*. Então esses são *iòlòs* de *Marani – Hawa*, grande *iòlòs* na região sul da Ilha do Bananal.

Há o grande ritual *iwèruhuky*. Esse ritual envolvia muitas pessoas cada um com suas responsabilidades nesse ritual de homenagem aos *iòlòs*, ou seja, de reverências aos *iòlòs*. Nas culturas dos outros povos indígenas da Ilha do Bananal não existiu esse ritual. Só existiu na cultura dos povos *Wèrè*, assim como o ritual de *Hetohokỳ* (casa grande), ritual de espíritos de aruanãs (*irasò*). O ritual de *iwèruhuky* é feito com uma bebida típica

do povo Inỹ/Javaé, feita com milho e mandioca que era colocado para fermentar. Misturava-se um pouco de milho pisado no pilão e misturava com massa de mandioca fervida na panela. Também o ritual de espíritos de outros indígenas (*ixyju – kuni*) tem origem no povo *Wèrè*. Então foi assim que começaram os rituais nas culturas dos nossos antepassados.

1.5 *Làràtxi*

A antiga aldeia *Làràtxi*, ficava fora da Ilha do Bananal, onde atualmente é assentamento rural de Capão do Coco, com assentados sem-terra. Conforme costume tradicional, os moradores de *Làràtxi* passavam os meses de verão nas praias nas margens do rio Javaés. Os outros povos chamavam eles de *Làràtxi – mahadu*, ou de *Hèdèdura – luku – mahadu*. Na região existiram quatro aldeias: aldeia *Horeni*, atual assentamento de Capão do Coco; aldeia *Hawa-riè*; e também existiu um lugar só de uma família (*Kuriawa–Haky Hawa*) e aldeia *Hèdèdura–luku*, na margem do rio Javaés, fora da Ilha do Bananal. As três primeiras aldeias existiram nas margens de rio *Làràtxi* e a última no rio Javaés.

Esses lugares eram frequentados pelas mesmas comunidades de *Làràtxi*. Mas havia outra aldeia, situada na margem do rio Javaés, mas do lado da Ilha do Bananal, que foi abandonada pelos antigos moradores. Era a aldeia do capitão *Wahure Javaé*, que era *hàri*, que costumava alternar seu local de moradia, morando um tempo em cada uma dessas aldeias. Tinham também o costume tradicional de acampamentos nas praias, e desciam no rio Javaés e chegavam até o Canguçu (*Txyreheni*). O nome *Txyreheni*, refere-se a um espírito de aruanã, perto de foz do Riozinho perto de Rio Araguaia.

Então os povos antigos tinham seus costumes de ocupar os seus territórios, como o rio Javaés. Eles ocupavam as praias e os lagos dentro e fora da Ilha do Bananal, como Rio Formoso (*Tori-bero*) e no Riozinho, abaixo da aldeia Boto Velho, cerca de 60 km. Esses lugares eram frequentados pelos *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal, da antiga aldeia *Wari – Wari* e dos povos de antigo *Làràtxi*. Eles andavam atrás de tartarugas e também porque todos os povos antigos tinham seu costume tradicional de passar os meses de verão nas praias. Eles iam para suas aldeias quando era o tempo de enchentes.

As pescarias eram feitas nos lagos e no rio Javaés. Eles pescavam no lago chamado *Hèrèrajuà–ryna, ahu*, e *iraburè - ryna ahu*. O nome *hèrèrajuà* refere-se a um ser feroz que existe no lago (*ryna*). Então o nome significa o lugar onde o feroz existe. *Ahu* é lago e *iraburè* é um espírito de aruanã que mora no lago. Esses lagos existem no lado da Ilha do Bananal perto de antiga aldeia *Hèdèdura – luku*. O nome *Hèdèdura* refere-

se ao pássaro arara vermelha e *luku* é o ninho no oco de uma árvore. O nome da aldeia significa aldeia ninho de arara vermelha.

Pelo costume tradicional do povo de *Làràtxi*, no ritual de iniciação de criança menino para a fase adulto, levavam os meninos para a casa dos homens sem cortar os cabelos e sem pintar de tintas de jenipapo para virar *jyrè* (ariranha). Eles chamavam de *saura* o menino que ficava na casa de aruanã na condição de *worosỹ-wetxu*. O nome *worosỹ* significa um espírito que fica sempre na casa dos homens que são os espíritos de *Tabuhana* e *Ijòwryra* que se referem àqueles que acabaram com as pessoas na antiga aldeia *Iny wèbòhòna* (Boto Velho), quando fizeram os buracos e mataram todos. *Wetxu* é tipo empregado mandado pelos homens na função de buscar algumas coisas para a casa dos homens, como buscar as águas e cuidar da casa de aruanã. Todos os meninos iniciados, como *Jyré*, ficam na condição de *worosỹ-wetxu*. Nessa mesma condição ficam as mulheres que estão fazendo *bòròtyre* (acompanhante) com o menino.

Cada povo *Inỹ/Javaé* de suas regiões tem seus costumes tradicionais diferenciados, específicos. Na antiga aldeia *Wari-Wari* não existia esse ritual de *saura*. Nos outros povos indígenas *Inỹ/Javaé*, nas aldeias diferentes realizavam suas atividades culturais e sociais específicas. Como por exemplo: o espírito de *kòrèra* não existia na cultura dos antigos povos de *Wari - Wari*. Isso começou na antiga aldeia *Tabàlana*, na região de Cachoeirinha e ficava ao lado da região de água fria (*Hitxala-wo*), atual Fazenda Agua Fria fora da Ilha do Bananal. Na formação de aldeia *Tabàlana* algumas famílias de *Marani - Hawa* se dividiram e vieram nas margens do rio Javaés e escolheram este lugar para morar e também vieram algumas famílias de *Wari - Wari*.

Na mesma época fizeram aldeia Cachoeirinha (*Hèryrihikỹ*). Na formação de aldeia Cachoeirinha, algumas famílias vieram de aldeia *Wari - Wari* para morar nestes lugares. Duas famílias se juntaram na região de Cachoeirinha, sendo todas parentes. Existiam na antiga aldeia *Wari - Wari* os espíritos de outros indígenas, como o espírito de Kayapo (*karalahu*), espíritos de Tapirapé (*wou*), espíritos de Apinaje (*wabinòlè*), espíritos de *Walairi*, espírito de Xavante (*kyrysa-tyhy*), além de espírito de Avá-Canoeiro (*kyrysa*) e espírito de não indígena [branco] (*Tori*). Então esses espíritos vinham quando havia fartura das roças nas comunidades e vinham para comer os alimentos das roças, como a melancia, o milho verde, a banana, a mandioca, a cana. Também quando os homens pegavam muitas tartarugas, vinham comer as carnes de tartarugas. As crianças recebiam esses espíritos dos seus tios, como vou explicar a seguir.

Antigamente os povos se confrontavam com outros povos indígenas. Então naquela época tinha episódios de mortes e os tios tiravam os espíritos de outros indígenas

mortos e davam para seus sobrinhos que ficavam para sempre nas famílias, transmitido de geração a geração. As crianças recebiam esses espíritos (*ixyjukuni*) de seus tios como se fosse um presente. Assim acontecia nas culturas dos povos Inỹ/Javaé. Hoje em dia os tios estão dando de presentes para seus sobrinhos muitos espíritos de jacaré tinga (*kòrèra*), e também o espírito de jacaré açu (*kòbòròrò*) e o espírito de Avá–Canoeiro (*kyrysa*). Esses espíritos atuais são de pessoas não Javaé que morreram e podem ser tomados e dados de presente para uma criança.

Cada espírito tem suas pinturas diferentes, específicas. Por exemplo: o espírito de Tapirape (*wou*) é todo enfeitado com os enfeites e adornos nas pernas, nos braços e com as penugens nas coxas e nos braços; os espíritos de Kayapo (*karalahu*), só amarram as embiras nas pernas e nos braços e pintavam de riscos pretos nas coxas e no meio dos riscos passavam a tinta vermelha do urucum; e o espírito de Apinaje (*wabinòlè*), também amarravam as embira nas pernas e nos braços e pintava de urucum e carregava os filhotes de cachorro e arco e flechas e borduna nas mãos e gritava diferente; e o espírito de *walairi* tem os enfeites e adornos todos brancos, com os enfeites nas pernas e nos braços todos de branco; e o espírito de Avá–Canoeiro (*kyrysa*) anda com as flechas nas mãos e pintado de urucum e com as miçangas nos braços; o espírito de Xavante (*kyrysa–tyhy*), também anda com as flechas nas mão; finalmente o espírito de não índio [branco] (*Tori*), anda com a calça velha rasgada e com espingarda nas mãos.

Então assim é a cultura do povo indígena Inỹ/Javaé da Ilha do Bananal. Antigamente existiam muitos confrontos no meio dos povos indígenas. Por isso que aconteciam esses presentes com os espíritos. Quando o tio ou algum parente vencia nas guerras, faziam os espíritos, ou seja, transformavam o morto como espírito e davam para seus parentes como se fosse um troféu do vencedor de guerra. Também existia, ou seja, existe ainda, o espírito de um *Iwayrè* (*karajá*) de nome *Saurè* (na fala feminina *Sakurè*) vai como (*kyrysa*), que os Javaé mataram na região de Bananal Velho (*Marani – Hawa*). Aconteceu há muitos anos atrás, por que os *Iwayrè* (Karajá), se passavam de *kyrysa* (Avá–Canoeiro) ou de Xavante (*kyrysa - tyhy*), para atacar os outros povos. Assim foi narrado pelos mais velhos. Os Karajá de Santa Isabel vinham para confrontar com os povos Inỹ/Javaé. Eles iam várias vezes nas regiões de *Marani – Hawa* e o povo Inỹ/Javaé percebia que os *kyrysa* falavam quase que a língua Inỹ (*iny rybè*), língua materna. E até hoje existe esse espírito nas famílias que passam de geração a geração.

As famílias que recebem mais os espíritos dos outros indígenas, ou seja, os espíritos de aruanã, são aquelas que tem farturas de roças e também os enfeites e adornos necessários. Assim filho de homem trabalhador (*habu tyhy*) junto com sua família

(*syrodèri*), vai receber mais os espíritos e por isso chamavam essas crianças que recebiam mais esses espíritos de *uladu –tymyra*, sendo o nome *uladu* significando criança, e *tymyra* significa novo ou nova. Essa criança é um tipo classe alta, de alto prestígio.

As antigas aldeias fora da Ilha do Bananal foram todas ocupadas pelos *tori*, como a aldeia *Horeni*, onde atualmente é assentamento de Capão do Coco ou *Walairi*, que atualmente é a fazenda Brahma. *Horeni* era uma das aldeias mais antigas de todas que existiram fora da ilha. As famílias vieram de antiga aldeia *Wari – Wari* para morar nestes lugares devido a conflitos com o *hàri*. As famílias de *hàri* se separaram para morar separados porque na cultura do povo *Iny/Javaé* quando aconteciam ou acontecem a morte na comunidade, a família coloca a culpa na ação de um *hàri*. Todas as mortes, quando acontecem nas famílias, são atribuídas as ações dos *hàri*. Em função disso, foram feitas as aldeias nas regiões de *Làràtxi*, com o nome *Horeni*, (coco babaçu), devido existir no lugar muitos cocos babaçu.

O lugar já existiu com outro nome (*Làràtxi*). O nome *Làràtxi* é um nome próprio masculino. Os povos moradores antigos eram chamados de *Làràtxi – mahadu*. Existe um riozinho que desagua no rio Javaés. Chamavam esse riozinho de *Làràtxi–bero* ou *Làràtxi – wo*, a foz do riozinho era chamada de *Làràtxi – ijò*. Assim os povos antigos moradores nas regiões se estabeleciam nos territórios. Quando teve epidemias, os moradores antigos morreram e o que sobreviveram foram para aldeia *Wari- Wari*. Algumas famílias, passado algum tempo, retornaram para seus lugares de origem. O capitão *Wahure Javae (Hawa – wèdu)*, morreu no meio das epidemias que foram influenciados pela presença de garimpos de cristal dos nãos índios na região de Pium. Eram diarreias, febres e vômitos. Assim foram atingidos os povos antigos de *Làràtxi*, que também atingiu os povos antigos de *Wari–Wari*. Nesse período as famílias foram para *Wari–Wari*, mas depois de passar algum tempo voltaram seus lugares e permaneceram até os anos 1960. Quando foi instalado o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), ajuntaram os moradores para levar para aldeia *Kanõanõ*. Nesse período foram obrigados a abandonar os seus territórios e não mais conseguiram retornar para sua aldeia tradicional.

Também existiu uma aldeia chamada de *Waije–ryna*, sendo que o nome *waije* espírito de aruanã e *ryna* é o lugar onde o espírito de aruanã mora na margem de rio Formoso (*Tori–Bero*). Por motivo de conflitos por ação de *hàri*, foi fundada essa aldeia por *Maluarè Javaé*, que era *hàri*, e algumas famílias de sua esposa. O nome *ryna* significa também o lugar ou uma cadeira de sentar. Também existiu outra aldeia chamada de *Haute–Heky Hawa*, na margem de rio Formoso. Eram poucas famílias que formavam essas pequenas aldeias nas margens de rio Formoso. Por isso não teve realização de rituais

de espíritos de aruanãs e nem de espíritos de outros indígenas (*ixyjukuni*). Para a antiga aldeia de *Waije-ryna*, as famílias foram da aldeia *Wari-Wari* e para a aldeia *Haute-Heky Hawa*, as pessoas foram de aldeia *Hèdèdura-Luku*. Assim foram as duas aldeias das margens de rio Formoso.

Nas narrativas históricas dos anciãos, o nome de rio Formoso (*Tori bero*, rio dos não índio) narram também aquele rio como *Tori – uhu, bero*. Assim os narradores usam duas formas: usam tanto *Tari – bero* (em que o nome *Tari* significa o nome próprio feminino). Então o nome refere –se ao rio de *Tari* (rio da *Tari*). Os outros narradores usam os nomes *Tori – uhu bero*, no qual o nome *Tori – uhu* significa os estrangeiros. Então o nome refere –se a rio de estrangeiros (*Tori – uhu*), que podem ser os bandeirantes. Os povos antigos narravam que esses estrangeiros matavam os indígenas *Inỹ/Javaé*. Os *Inỹ* não conheciam quem eram esses estrangeiros, ou seja, os bandeirantes que matavam os povos indígenas *Inỹ/Javaé*.

Depois de muito tempo fizeram a aldeia chamada de *Tabàlana*, cujo capitão era *Habyhyjy Javaé*, que era *hawa wèdu* (dono da aldeia) e *hàri* (xamã). Na região de Água Fria, aproximadamente nos anos de 1940, os povos indígenas *Inỹ/Javaé* pescavam nos lagos de *Hitxala-wo*, atualmente chamado de lago de Água Fria, sendo essa aldeia a mais populosa. As famílias vieram de *Marani-Hawa* mas algumas famílias vieram da aldeia *Wari –Wari*. Assim essa aldeia foi formada fora da Ilha do Bananal. Na mesma época fizeram ainda a aldeia *Ijanakatu – Hawa* e que tinha como capitão *Ijawala* que *hawa – wèdu* e também *hàri*. Também ficava fora da Ilha do Bananal. As famílias foram da aldeia *Marani – Hawa* e os *hàri* foram morar nas margens de Rio Javaés com suas famílias e as famílias de suas esposas e alguns seus parentes. O riozinho Água Fria passa nessa região, onde então os povos da aldeia pescavam os peixes e as tartarugas.

Também tinha aldeia na margem do Rio Verde, que chamamos de *Bèlyby – Ijò*, o nome *Bèè* significa água e *lyby* é preta, então o nome refere –se a água preta. Nessas aldeias foram realizados os rituais de espíritos de aruanãs. Depois de todas essas antigas aldeias fora da Ilha do Bananal, os *Inỹ* fizeram primeira aldeia *Kanōanō* fora da Ilha, atualmente onde é a Fundação Bradesco, no ano de 1946. A família de capitão *Kuòruwa* (tio de meu pai) vieram de aldeia *Wari – Wari*, por motivo de conflitos internos.

O capitão *Kuòruwa Javaé* era *hàri* (xamã) e junto com seus irmãos *Ijahina Javaé* e seu irmão mais velho *Ixyjuwèdu*, que também era o chefe de ritual (*Ixy-tyby*). Deixaram sua aldeia de origem *Wari –Wari*. Depois de três anos os não indígenas chegaram na região (*tori* = branco) no ano de 1949, marcando o início da chegada dos *tori* na Ilha do Bananal. Chegaram a cavalo em tropas de animais. Na primeira vez chegaram três

peessoas que passaram três dias e depois foram embora. Passaram-se aproximadamente duas semanas, vieram muitas pessoas para procurar os lugares bem altos na Ilha do Bananal para morar. Um fazendeiro morou na aldeia dizendo-se amigo e vizinho dos índios. Depois esse fazendeiro vendeu a terra dos meus antepassados. Eles foram procurar os seus direitos ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI), na aldeia Barreira Branca (*Tahakala*). O servidor do SPI falou para os povos de *Kanōanō* para se retirarem de seus próprios lugares e morar no lado da Ilha do Bananal. Os primeiros moradores foram os meus avôs e meu pai que foram retirados de suas casas, obrigados a abandonar sua aldeia, seus cemitérios e lugar de casa dos homens. Eles tinham ali os rituais de espíritos de aruanãs e também a realização de ritual de *Hetohokỳ* (casa grande) para a iniciação de criança menino para a fase adulta.

Então, depois que *Tori* chegou na região acabou com o acesso a todos os lagos que existem nas regiões, que foram proibidos para os indígenas. E os cerrados, que era o lugar onde os povos indígenas *Inỹ/Javaé* buscavam os frutos (como os muricis grandes, oiti, mangabas), foram desmatados pelos não índios. Mesmo assim, foram frequentados nas décadas de 70 a 80, pois os homens ainda pescavam nos lagos *Ahu-huky* (lago grande ou o lago de piranha) e lago da Mata Azul (*bero – riòrè*). Existe também um lugar chamado de *hatykiyho*, em que o nome *hatykiy* significa uma fruta nativa e *ho* é abundância de frutas nativas. Era um lugar de matas fechadas, frequentado pelos homens que pescavam de arco e flecha no mês de março ou em abril, quando era época de cardumes de peixes que passavam por meio das águas, que começavam a baixar nas enchentes.

Na historia dos *Inỹ*, o lago se chama de *Wala-ahu*, em que o nome *Wala* é um povo que surgiu na região de *Kanōanō*, no início do mundo. Com o passar do tempo chegamos na situação de hoje em dia em que somos proibidos de caçar e pescar e de coletar frutos nas regiões, bem como de retirar as plantas medicinais para curar os enfermos dos indígenas *Inỹ/Javaé*. Agora essa terra é propriedade do famoso cantor sertanejo Leonardo. A região era riquíssima de recursos naturais para fazerem suas matérias de arcos e flechas e também as plantas que serviam para fazerem suas esteiras e as plantas medicinais para curar os seus enfermos. Existiam todos tipos de frutos e hoje em dia não existem mais na região. Não encontram mais pois foram desmatados na região de Mata Azul onde esta o atual assentamento de Mata Azul.

Antigamente esses vários lugares eram dos indígenas *Inỹ/Javaé* e não existiam os brancos (*tori*). Assim começou o conflito com o não índio na antiga aldeia *Kanōanō*. Os mais velhos moradores da aldeia pescavam nos lagos de pescarias coletivas. Eles iam de

madrugada e chamavam os outros para irem juntos ao lago pescar os peixes tucunarés. O lagoão era farto de peixes tucunarés e também existiam as tartarugas no lago. Hoje em dia é proibido para os indígenas de pescarias coletivos Javaé pescar nos lagos fora da Ilha do Bananal.

Existiam também os indígenas Avá–Canoeiro na região de Mata Azul, porque a mata era grande e fechada. Por isso que eles se escondiam na região. Os não indígenas os atacavam e os matavam. Com os *Inỹ/Javaé* não se encontravam e não tiveram confrontos. Os povos *Inỹ/Javaé* só tinham visto os sinais dos modos deles nas margens de lagos.

Existe um lago na região chamado de *Mana tèrè - ahu* em que o nome *mana* é pedra e *tèrè* é dura. Esse lago foi frequentado pelos indígenas *Inỹ/Javaé* de aldeia *Kanõanõ* pois havia abundancia de peixe tucunaré, pirarucu e existe também as tartarugas no lago. Então esses lugares eram frequentados pelos moradores antigos de aldeia *Kanõanõ*. Hoje em dia a fazenda Lago Grande impõe proibições para os indígenas *Inỹ/Javaé* retirar materiais necessários para suas sustentabilidades e suas sobrevivências.

No rio Formoso (*Tori – bero*), os povos moradores antigos iam de canoa quando era os tempos de enchentes para pegar as tartarugas. Mas quando eram os meses de verão, eles iam a pé e carregavam as tartarugas nos cestos de homem chamava de *bèhyra* que é um cesto de homem no qual carregavam as suas bagagens para os outros lugares distantes. Quando é o ritual de espíritos de aruanãs (*Irasò*), eles vão buscar as tartarugas para o ritual de *idòhòky*, em que o nome *idò*, é verbo usado para se referir ao ato de comer os peixes, as carnes de caças ou as carnes de tartarugas, *hòky* é algo maior ou muitos e respeitoso. Então o nome significa muitas tartarugas. Hoje em dia tem que pedir a autorização para serviços do meio ambiente (IBAMA) e não podem ser muitas tartarugas capturadas, pois quando é autorizado, já tem a quantia com número certo. Nossos antepassados frequentavam sem preocupação e usufruíram os lagos ou espaços nos diversos lugares, pois era o *hàri* que nos mundos cósmicos tinha comunicação e ligação com os espíritos de aruanãs, para aumentar mais as tartarugas nos lugares de um rio ou de um lago.

Então só tinham essas comunicações dos *hàri* com os espíritos de aruanãs, que era o dono das tartarugas nos lugares. Porque no mundo os espaços são sempre ocupados pelos espíritos de aruanã, como no mundo subaquático (*bèra hatxi kanawèbòròribi*) e nos níveis celestes (*biu wètyky*). Nessa cosmologia, as coisas são comandadas pelos espíritos de aruanãs, nos rios ou nos lagos e nas matas, assim sendo desde o mundo dos nossos antepassados. Os nossos ancestrais tinham outras formas de realizar as suas tarefas as atividades culturais nos espaços, como nas pescarias de tartarugas e as caçadas de porcos

queixadas nas matas. Todo isso acontecia conforme as comunicações entre o *hàri* e os espíritos de aruanã. Especialmente com relação aos animais como os porcos queixadas e patos selvagens, o peixe piabanha e as tartarugas e também o mel silvestre.

Assim acontecia na cultura dos nossos ancestrais. Os poderes de *hàri* eram muito grandes pelos mundos cósmicos. Através dos conhecimentos dos nossos ancestrais os homens realizavam suas caçadas e suas pescarias, tiravam os méis silvestres, todos de acordos com os pedidos de *hàri*. Quando aconteciam as caçadas de porcos queixadas, antes de irem atrás das caças, os homens faziam seu *xiwè* na casa dos homens, sendo um tipo de reza ou uma oração pedindo que as caçadas nas matas ocorressem bem. Todos os homens que iam caçar levavam seus *xiwè* para a casa dos homens, que podiam ser alguns alimentos prontos, pedindo para não acontecer algo ruim nas caçadas. Depois das caçadas, no outro dia a tarde no final do dia, os homens levavam novamente seus *xiwè* no pátio dos homens e faziam oferendas para os espíritos de ser humano (*tori kuni*) e também para os espíritos de aruanã. O chefe de ritual anuncia para *xiwè*. Depois disso os homens comem os alimentos, as carnes de porcos queixadas. Nesse meio de *xiwè*, faz um separadamente de *Tori – kuni* (espírito de não-índio), uma oferenda para o espírito de homem branco, que é maior protetor dos povos indígenas *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal.

O espírito de homem branco não deixa os porcos queixadas saírem dos lugares, por isso que eles recebem especialmente as comidas (*suru*) pelos homens caçadores, que era um tipo buchada de porcos queixada. Primeiro a comer é o espírito de homem branco (*tori – kuni*). Assim era a realização das caçadas na cultura do povo *Inỹ/Javaé*. Toda vida social do povo indígena *Inỹ/Javaé* tem suas formas de realização conforme os seus costumes tradicionais.

Todas tarefas e atividades masculinas ou femininas tem suas formas de realização. Por exemplo, quando nasce o filho, o homem não podia fazer nada. As tarefas ou atividades, se fossem realizadas, não iam prestar como a canoa que fura ou racha se for trabalhada por um homem que tem o filho recém-nascido. Por isso que o homem quando está de resguardo fica aguardando seu resguardo terminar, sem fazer nada. A mulher também quando está de resguardo não podia mexer com nada. Se ela está de resguardo, se fizer as panelas de barro, elas racham e não prestam. Enquanto está de resguardo fica com as mãos ruins. Assim é na cultura do nosso ancestrais.

Quando foram começadas as aldeias fora da Ilha do Bananal, ainda tinham algumas famílias morando na antiga aldeia *Marani – Hawa*. A família do *Kutanwe* e seus irmãos continuaram a permanecer nos lugares de origem dos povos. Depois que morreram, os descendentes vieram morar nas margens do rio Javaés. Na antiga aldeia *Wari*

– *Wari*, também tinham algumas famílias que moravam nas regiões que fizeram outra aldeia, em outros lugares chamado de *ijata – oky – hawa*, em que o nome *ijata* (banana) *oky* (bananeiras) e *hawa* (moradia ou lugar de uma aldeia). O nome refere – se a aldeia de bananeiras. Ainda nos anos de 1960 tinham as famílias na antiga aldeia *Làràtxi* e também existiam aldeia na margem do Riozinho (*Wabe*) e tinham aldeias na região de *Lòrèky*, nos lagos de *Sohoky*.

Nessa mesma época já existia aldeia Barreira Branca e também já existia aldeia Boto Velho (*Tori – bero – ijò*), na foz do Rio Formoso. Na mesma época existiu uma aldeia chamada de *Bòròrè – wa*, na margem do rio Javaés, uma aldeia onde viviam misturados Karajá e Javaé e que fica abaixo da aldeia Boto velho, aproximadamente a 80 km, na margem do rio Javaés, abaixo do lugar famoso *iròdu – iràna*, entre Canguçu e Riozinho, fora da Ilha do Bananal.

Quando começou a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), criou-se um posto PIN na aldeia *Kanōanō*. Foi então que outras aldeias vieram morar na aldeia *Kanōanō* e deixaram seus lugares e passaram a ficar só numa aldeia de *Iny/Javaé*. Mas ficou uma família na aldeia Barreira Branca (*Tahakala*) e também ficaram algumas famílias na aldeia Boto Velho (*Tori – bero – ijò*). Depois as famílias vieram para morar na aldeia *Kanōanō*. Passaram algum tempo e voltaram de novo para seus lugares de origens.

A população de Barreira Branca aumentou e o primeiro posto instalado do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), na aldeia posto Damiana da Cunha. Depois a FUNAI tomou conta de instalar criação agropecuária e tinham os vaqueiros que cuidavam dos gados. A família que ficou na aldeia Boto Velho veio para morar na aldeia *Kanōanō*. Passaram algum tempo e voltaram de novo para sua aldeia de origem. Esses acontecimentos foram na década de 1960. Então naquela época só tinham duas aldeias com as poucas famílias que moraram fora da aldeia *Kanōanō*. Algumas lideranças não se adaptaram na aldeia *Kanōanō* por isso que voltaram para seus lugares. E outras aldeias não conseguiram voltar para suas aldeias de origem como aldeia *Marani – Hawa*, a aldeia *Lòrèky*, aldeia *Imòtxi*, aldeia *Làràtxi*, aldeia *Wabe*, aldeia *Wari – Wari* e até tinha aldeia dos *Ixy Biawa*, na região de aldeia *Wari – Wari*, na margem do rio Javaés. Eles foram também morar na aldeia *Kanōanō*. Esses povos de cada região diferente vieram morar na aldeia *Kanōanō* e não conseguiram voltar para suas aldeias de origem.

Quando foi no ano de 1979, a liderança Juraci *Warasi* Javaé mudou-se para região de *Ikòròtòbò* e fez uma aldeia com os seus parentes na atual aldeia São João. Na década de 80, nossa família mudou-se para antiga aldeia *Wari – Wari*, só que não demorou muito voltamos de novo para aldeia *Kanōanō*. Na mesma década fizeram aldeia Cachoeirinha

(*Hèryrihiky*), que foi feita pela família de João *Tajuku Javaé* que foi morar na região. E na década de 90 fizeram a atual aldeia *Wari – Wari* na margem do Rio Javaés. Na mesma década desapropriaram e indenizaram os moradores não-indígenas no Porto Piauí, que era um povoado existente na margem do rio Javaés e inauguraram aldeia Txuiri.

Os anos de 2.000 tiveram muitos conflitos entre os povos indígenas *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal o que causou as mudanças de algumas famílias que criaram muitas aldeias nas margens do Rio Javaés. Isso em função do contato com o mundo do capitalismo que entrou nas nossas sociedades indígenas *Inỹ/Javaé*. Isso causou e motivou situação de perder de contatos entre os próprios seus parentes. A principal razão é que foram instalados arrendamentos de pastagens para pecuaristas da região. Com isso foram criadas as aldeias nas margens do rio Javaés, para receber os benefícios de fazendeiros.

Assim está acontecendo atualmente com o povo *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal. Antes da chegada de não-indígenas, os nossos ancestrais viviam nos seus territórios com tranquilidade. Não existiam essas preocupações como as que estão acontecendo na sociedade indígena *Inỹ/Javaé* da ilha. Com as divisões de seus territórios, ficou muito difícil para os Javaé porque os descendentes de cada região têm seus direitos nos lugares. Por exemplo, na antiga aldeia *Marani – Hawa*, quase todos *Inỹ/Javaé* são de origem descendentes ancestrais dos lugares. De acordo com o ancião *Xiari Javaé*, morador da aldeia *Wari – Wari*, a referida região é um lugar sagrado para seu povo, pois é um dos lugares de ascensão ao plano terrestre (*Iny – Òlòna*), local onde surgiu um dos ancestrais deste povo *Tòlòra* (PIN, 2014, p. 44).

Devido a separação dos espaços em que cada aldeia tem um domínio territorial em função de processo de arrendamento de pastagens, os outros descendentes que não fazem parte de uma aldeia ficaram sem direitos de usufruir daquele meio ambiente, que ficou só para uma família. E isso gera as críticas em geral entre os povos indígenas *Inỹ/Javaé*. Pergunta-se: será que só existem descendentes de uma família? Os povos *Inỹ/Javaé* estão sendo influenciados culturalmente com o modo de vida de outros povos, principalmente do mundo capitalista e financeiro.

Na década de 1950, ainda existiam as famílias morando na antiga aldeia *Marani–Hawa*. Para nossos ancestrais não existiam esses pensamentos de separar e cada aldeia ganhar os seus benefícios. E os povos antigos se deslocavam só para as outras aldeias e era raro acontecer isso. Quando isso acontecia, era por motivo de ação de algum *hàri* ou por algum outro motivo de conflito entre os povos nas comunidades.

Por exemplo, a primeira aldeia *Kanõanõ*, no lado direito na margem do rio Javaé, foi a fundada por causa de conflitos entre as famílias. A família de Capitão *Kuòruwa*, da

aldeia *Wari – Wari*, veio morar neste lugar, com seu irmão, o grande pensador Capitão *Ijahina Javaé*, para fazer uma aldeia no local na margem direita do rio Javaé, no ano de 1946, como já apontei antes. O capitão *Kuòruwa* era *hàri* muito respeitado e considerado um dos mais fortes em poderes xamânicos. O capitão *Kuòruwa* convidou o capitão *Wahuri* Javaé, que também era *hàri*, para morarem juntos na aldeia *Kanōanō*. *Wahuri* era capitão da aldeia Cachoeirinha (*Hèryrihiky*) e foi morar na aldeia *Kanōanō*, no início da aldeia. O capitão *Kuòruwa* pediu em casamento uma irmã de *Wahuri*, *Hatawaki* Javaé, sendo realizado o casamento. Depois do casamento, *Wahuri* foi embora com a sua família voltando para sua aldeia Cachoeirinha (*Hèryrihiky*). Ele se mudou porque a irmã de *Wahuri* causou o conflito nas famílias do *Kuòruwa*. Por esse motivo que o *Kuòruwa* pegou e casou com a irmã de *Wahuri*. Se *Wahuri* não deixasse sua irmã se casar, o *Kuòruwa* ia acabar com a família de *Wahuri*. Então por esse motivo que aconteceu o casamento de *Kuòruwa* Javaé e *Hatawaki* Javaé.

Assim foram os acontecimentos na família de *Kuòruwa* na aldeia *Wari – Wari*. Porque os povos antigos só iam quando era na época de cheia, por causa de Avá – Canoeiro que ficavam na região e só andavam no período seco. Quando era a época da seca, os povos não iam na região. Então duas famílias de origem da aldeia *Wari – Wari*, foram fundar uma aldeia na região perigosa. Na região do *Kanōanō* existiam muitas riquezas de recursos naturais, por isso que os povos antigos iam buscar os recursos naturais para fazer suas flechas e arcos e *Ihambé* (*tytè*), que é uma espécie de cipó que enrolam nos acabamentos de flechas. Ali também tem os cocos babaçus que é muito importante para o nosso povo, do qual tiravam o óleo para passar nos cabelos e para se pintarem com urucum. No lugar ou região não existia a divisão e todos os povos antigos iam naquela região buscar esses recursos, como os povos de antigo *Imōtxi*, o povo antigo de *Marani – Hawa*, mas era mais frequentado pelos povos do antigo *Wari – Wari*.

Assim foram usufruídos pelos nossos antepassados. De acordo com os narradores *Inỹ/Javaé*, os muitos antigos moradores dos lugares foram levados pelos *Tòri* (não indígenas) e por isso foram abandonados os seus lugares. Depois disso só os Avá–Canoeiro que permaneceram na região. Os antigos povos de *Wari – Wari* tem seus costumes de buscar as palhas no *Kanōanō* para fazerem seus rituais, uma vez que nas regiões da aldeia *Wari- Wari* não existe o coco babaçu por perto, por isso que eles vão nos lugares longe buscar as palhas dos babaçus. Os outros povos como de *Imōtxi* e dos *Marani – Hawa*, só buscavam *ihambe* (*tytè*) para fazer suas flechas. Não levavam as palhas, só levavam os cocos para tirar os óleos para usar para passar nos cabelos.

Assim era na nossa cultura tradicional. Os povos indígenas não faziam desmatamentos e destruição dos recursos naturais nestes lugares. E existiam muitos *hitxiwa* (as plantas nativas, uma espécie de capim) só que os *hitxiwa*, crescia muito alto. Os “olhos” (haste interna) de *hitxiwa*, serviam de fazer *Kòhurò*, usados no ritual de *iwèruhuky*, um tipo de flecha. Só que as flechas atiravam com o arco e *Kòhurò* atiravam com o *kòbi*, um propulsor feito de madeira. O *Kòhurò* só é usado no ritual de *Iwèruhuky*, não sendo usados em qualquer tempo. O *hitxiwa* também servia de varinha mágica de *hàri*. É com a varinha mágica que os *hàri* viaja nos mundos cosmológicos. O *Kanðanð* era abundante de plantas nativas *hitxiwa*. Sem varinhas mágicas, os *hàri* não conseguem curar as doenças das pessoas e também não vai conseguir viajar nos mundos cósmicos.

Então existiam muitos recursos naturais na região de *Kanðanð* assim como as plantas medicinais que curavam as enfermidades dos povos antigos. Existiam os pés de tarumãs (*narihi – ò*), os pés de landi (*tyèrikò*). Os tarumãs serviam para fazer os remos (*narihi*), e os pés de landi serviam de fazer a canoa (*hawò*) (Karajá., 2015.). Assim os lugares eram frequentados pelos nossos antepassados. Quando era o tempo de cheia alguns homens faziam as canoas nos matos de *Kanðanð*, por que existia os Avá – Canoeiro na região. Por causa deles os povos *Iny/Javaé* iam só quando era o tempo da cheia. Uma vez os Avá – Canoeiro se confrontaram com os povos *Iny/Javaé*, dos antigos de aldeia *Wari – Wari*, só que não tinha acontecido mortes. Os povos foram de canoa buscar a nova canoa no mato e os Avá–Canoeiro estavam de espera na chegada, ou seja, na fonte onde estava a canoa. Quando chegaram perto da fonte, os Avá–Canoeiro atiraram as flechas, mas que não acertou ninguém. E eles deixaram a canoa no mato e não foi levada. As pessoas ficaram com medo e foram embora, descendo no rio Javaés para sua aldeia *Wari – Wari*. Assim era a região de *Kanðanð*, nos tempos passados.

Quando foi feita uma aldeia na região do lado direito na margem do rio Javaés, no cerrado, nunca tiveram confrontos com os moradores. Os Avá–Canoeiro se afastaram da região e não se aproximaram mais dos povos. Eles ficavam mais na região de Morro Azul e andavam nas outras regiões. Depois que os não-indígenas chegaram na região, eles ficaram mais escondidos nos locais de Jenipapo e na Mata Azul.

Os povos indígenas *Iny/Javaé* da Ilha do Bananal, viviam com muita tranquilidade nas suas praticas culturais tradicionais nos tempos passados. Cada povo *Iny/Javaé* vivia nas suas regiões diferentes de outros lugares e com seus rituais, suas músicas e as suas vidas cotidianas. Cada comunidade local falava com os seus sotaques diferentes, como os povos de *Marani – Hawa mahadu*, em que existem seus sotaques de fala mais nasalizadas; os povos de *Bedeky – mahadu*, povo de Pataca, tinha seus sotaques

como fala de crianças, muito diferente de sotaques dos povos de *Bero –Biawa mahadu*, os povos de margem do rio Javaés. Antigamente cada povo, ou seja, cada comunidade local, tinha seu chefe de ritual (*ixy – tyby*), os seus *iòlòs*, seus compositores (*widu*), seus lutadores (*ijèsudu ou malua*) e seus atletas. Ou seja, existiam as pessoas com suas capacidades específicas, fruto das suas preparações culturais e sociais.

A competição de luta corporal, era muito praticada na cultura antiga dos povos *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal. Quando chegavam os visitantes nas outras aldeias, já começavam as lutas (*ijèsu*), praticadas pelos *malua* (lutador) e também existiam atletas que alcançavam os animais nas carreiras e os matavam com as bordunas. Tinham competições de atletas chamadas de *wyhy – raheto*, sendo que o nome *wyhy* significa flecha e *raheto* é cocar. O nome da competição então refere-se ao cocar de flecha.

A competição dos *Iwayrè-mahadu* Karajá como as lutas e as competições de atletismos, eles realizavam nas praias. Também os povos antigos competiam nos rituais de aruanãs, como através das vozes boas e os que tinham mais conhecimentos das músicas. Também competiam nos rituais de iniciação de criança menino para a fase adulto, como com as músicas de *worosỹ – tyhy*, cujas músicas são executadas em ordem, com o começo (*iòraru – na*), meio (*itya*) e final (*ikèsèna*). Os pares de cantores começavam e cantavam desde a meia noite até as seis horas da manhã quando terminavam. Então, se um dos companheiros erra, a dupla perde no conhecimento das músicas. Mesmo nos rituais houve competição.

Na cultura tradicional dos povos indígenas *Inỹ/Javaé*, nas preparações da vida, usava a pimenta malagueta, (*kaxiwèra*), as plantas nativas (*seseruty*) e os dentes de peixes feito para a riscar os corpos (*latxi*), pregados nos pedaços de cabaças para tirar o sangue velho, ou seja, sangue ruim. O *latxi* e feito de dentes de peixe cachorra (*latè*), ou dentes de peixe aruanã. Os povos antigos passavam nos processos fortes e rígidos de preparação do corpo.

Assim é na nossa cultura tradicional do povo *Inỹ/Javaé*. Para isso os povos antigos se preparavam com as plantas nativas chamadas de *seseruty*, que ficam nas margens do rio ou nos lagos. Os homens preparavam as plantas, tiravam as cascas e colocavam na água dentro de um coité (*walu*) para tomar. Alguns jovens passavam três dias sem se alimentar e só tomavam *seseruty* e passavam as pimentas nos *hetxi* (ânus) para serem bem fortes e lutadores. Um dos preparativos era escarificar o corpo (as pernas, coxas, braços, peito e as costas) e depois passar pimenta. A noite ele treinava movimentos da luta e depois ia para o rio onde passava a noite dentro da água. Colocava um tronco de uma árvore que não quebra nem cai fácil, como tronco de caraíba (*Hatxukò*) ou *Hanotitira* nos

quais se segurava dentro da água. Com isso, transmitia a dureza e flexibilidade da árvore para seu corpo. Esse tratamento também servia para ficarem com a voz boa e para ser lutador (*ijèsidu*), ou atleta, ou trabalhador na vida cotidiana dos homens. Passavam nesses processos nos quais precisavam muitas pimentas na preparação do corpo do ser humano na cultura dos povos indígenas *Iny/Javaé*. Essas plantas serviam para todos os momentos na vida dos homens nos tempos antigos.

As competições de atletas estão quase extintas há muitos anos e não são mais intensamente praticadas na cultura. Hoje em dia as novas gerações praticam mais futebol. Então nesse meio é que se demonstra quem tem mais potencia e habilidade de correr nos campos de futebol. As preparações dos povos indígenas *Iny/Javaé* eram mais dolorosas. Passavam três dias, ou mais, sem se alimentar e só tomavam o *sesseruty*. Essas plantas ardem muito e são amargas. Em toda a preparação escariicavam o corpo e passavam as pimentas e também tomavam os caldos grossos de pimentas, sempre muito ardidos.

A luta corporal ainda existe na cultura dos povos indígenas *Iny/Javaé*. Quando era a realização de ritual de *Hetohokỳ*, os tios maternos de crianças competiam com os *worosy*. Os espíritos dos primos míticos *Tabuhana* e *Ijòwyrá* sempre estão na casa dos homens. Eles lutam contra os tios maternos. E as pessoas que querem se preparar para ter alguma habilidade na sua vida, passa nesses processos. E também não podia dormir com sua esposa e não podia ter relação sexual várias vezes numa noite. As pessoas como o lutador (*ijèsudu*), os atletas (*ijaradu*) e os cantores das vozes boas (*kumawi* ou *ikumawi*, onde o nome *kuma* significa a voz, então *ikumawi* refere-se as pessoas que tem sua voz boa,) elas não podiam ter as relações sexual várias vezes. O recomendado era fazer sexo na madrugada e depois se levantar logo cedo. Não podia dormir até mais tarde. E se não faziam isso, as potências das pessoas diminuíam. Para isso eles tem que fazer suas preparações. Também não podiam comer muito. Eles consumiam só as bebidas chamado de *iwèru* (calugi) da fermentação de mandioca e milho. Eles sempre ficavam de jejum (*inarèhè*) e vomitavam quase todos os dias (solteiros, pela manhã, e casados no final da tarde). Tomavam os *sesseruty* só para vomitar (*hylòì*), o que era condição necessária para ter voz boa.

Os processos de preparação eram feitos pelos pais ou pelos avôs. E não era qualquer pessoa que riscava os corpos das pessoas. Só alguém que era o lutador ou atleta ou trabalhador fazedor de roça e fazedor de canoa que faziam, para poder transmitir suas potencias ou habilidades para o jovem. São essas pessoas que riscam os corpos de jovens para terem um futuro de lutador ou atleta. Algumas pessoas que era lutador ou atleta

repassa as habilidades de lutar ou atletismo. Então os povos antigos competiam entre si com as outras pessoas e com os *mahadu - Iwayrè - Karajá* ou *bero-hoky- mahadu*. Eles tinham mais potências de lutar, ou seja, mais habilidades dos conhecimentos de luta. Era uma competição válida e muito respeitada, por isso que os homens se preparavam e passavam nos processos muito dolorosos, através dos quais repassavam os conhecimentos das naturezas, como as águas de rio ou dos lagos e as águas do rio Araguaia.

Hoje em dia os mais jovens não se interessam pelos conhecimentos e aprendizagem dos nossos antepassados. As novas gerações se interessam na cultura ocidental, mas não aprenderam as formas de vida dos não-indígenas. Em geral o mundo atual dos indígenas está praticamente diferente do passado. Hoje os jovens se interessam mais por questões de aprendizagem da língua portuguesa e as comunidades incentivam mais as novas gerações para aprenderem a língua portuguesa. As vezes os indígenas praticam mais as coisas que não servem para a comunidade.

Na cultura tradicional dos povos *Iny/Javaé* da Ilha do Bananal tinham a roça tradicional (*koworu*). O não indígena chama roça de toco. O primeiro plantio feito era semear melancia, milho, abóbora. Depois eram plantadas outras plantas como a rama de mandioca, mudas de banana, várias espécies de cará, amendoim, feijão andu, a batata-doce, cana, croá. As mulheres eram responsáveis pelo plantio da roça com as sementes de melancia, abóbora, croá, amendoim, as ramas de batata doce, cará e as sementes de algodão. Nas divisas de roças eram plantadas as sementes de urucum para demarcar as divisas. Nos cantos da roça era plantado açafraão.

As partes de tarefas e atividades masculinas de plantios da roça eram as sementes de milho, as ramas de mandiocas, os “olhos” de canas, as mudas de banana e as mudas de abacaxi. Os homens também faziam as limpezas das roças. Assim era a forma de plantar a roça tradicional na cultura dos povos *Iny/Javaé* no tempo passado. Quando era a primeira colheita de melancia e de milho, os sogros eram os primeiros a comer; depois os cunhados (*labuna*, sendo o nome *labu* significa relação sexual do ponto de vista feminino⁹ e *na* é o lugar). Então o nome refere-se o lugar de fazer o sexo. A mulher convidava seus primos para comer primeiro alimentos que seu esposo trouxe para a família, como um pagamento de seu corpo. Ajuntavam seus parentes, seus tios e primos, e a mulher os colocavam em cima uma esteira e colocava uma bacia de barro grande cheia

⁹ A relação sexual, do ponto de vista masculino é *hòd*.

de fatias de melancia. Então todos comiam na maior alegria e felizes, com as pessoas rindo e brincando e depois cada um vai embora para sua casa. Assim acontecia na cultura tradicional do povo *Iny/Javaé*. Ainda existia *labuna* na aldeia *Kanōanō*, na década de 70 e 80.

Hoje em dia as atividades culturais dos povos indígenas *Iny/Javaé* esta cada vez ficando mais enfraquecidas. Devido a entrada do mundo globalizado, as roças tradicionais quase não são praticadas nos povos atuais. Nossos hábitos alimentares estão totalmente mudados. Nas décadas de 70/80, os hábitos alimentares ainda eram fortes. Ainda eram feitas as roças, como o arroz, o feijão que eram plantados nas roças de tocos e havia muita fartura de alimentos das roças. Hoje em dia os nossos alimentos vêm da cidade, todos enlatados, embalados. As novas gerações têm consumido os alimentos do *tori* e isso causa impactos na saúde das pessoas.

No passado, quando um rapaz não podia fazer a roça, ele só pescava e caçava. As tarefas de atividades de fazer a roça, pescar, caçar e carregar as lenhas eram partes de atividades do homem casado. O rapaz e a moça não podiam trabalhar igual os casados. Eles faziam poucas atividades. As moças faziam mais os enfeites e adornos. Quando um jovem pratica, ele fazia mais os utensílios de casa para alguma atividade, como fazer os balaios femininos (*wèriri*), ou então os *bèhyra*, cesto masculino para carregar as coisas das roças. Praticava fazer os abanos, as flechas, os arcos, uma lança ou balaio de homem, chamado *warabahi*, usado para guardar seus materiais de fazer as flechas, as penas de pássaros e os ferrões de peixes¹⁰ e os ossos de animais¹¹, e um balaio só para guardar as coisas de mulher (*lala*) ou balaio para guardar coisas de bebê (*tarihàna*), como o óleo de babaçu e o óleo de tucum e os urucum e resinas de alméscar. Então essas eram atividades praticadas pelos jovens rapazes depois de se tornar *jyrè*.

E a moça tinha como tarefas as atividades de fazer os enfeites adornos, como os enfeites que são usados nas pernas (*dekobutè*), feitos de linha de algodão que amarra abaixo do joelho e tem uma linha apenas pendente na frente. As moças praticavam quando estavam na reclusão. Elas praticavam fazer as esteiras e a fiar algodão para fazer enfeites

¹⁰ Como esporão de arraia ou de surubim, usados como ponta de flechas para matar animais como onça, veado, porco queixada.

¹¹ Como osso do macaco guariba para furar lábios dos meninos e osso de macaco prego para fazer ponta de flechas para matar peixes, tartaruga. Osso de onça era usado para fazer ponta de lança para guerra ou para matar animais, como porco queixada.

das pernas (*kurawo*), que são amarrados abaixo do joelho, mas cobrem toda a perna. Elas faziam também os enfeites usados nos braços (*dexi*) e as treinavam fazer as pinturas corporais. Esses aprendizados e conhecimentos de pinturas corporais era destinada para os dois sexos. Tanto os homens como as mulheres precisavam aprender os conhecimentos de pinturas. Na cultura dos *Inỹ/Javaé* os jovens não podiam fazer as atividades dos homens casados como, por exemplo, o rapaz não busca as lenhas e pesca todos os dias, porque isso na cultura é feio. A moça não podia ir na roça buscar as coisas das roças e carregar os balaios. Só as pessoas que já estão preparadas para casar cuidar das suas famílias, por isso que havia o casamento tradicional na cultura. Eram os pais que realizavam casamentos de seus filhos quando eles estavam preparados. Não existiam os casamentos de jovens bem novinhos. Assim era o casamento tradicional (*harabiè*), ou seja, casamentos arrumados pelos pais.

Na cultura antiga acontecia que as moças não saiam da casa dos pais para ir a algum lugar passear. E os rapazes também ficavam sempre dentro da casa dos pais. Primeiro tem que aprender a fazer as tarefas femininas, como os artesanatos, os enfeites adornos e fazer as panelas de barro, as pinturas corporais, as esteiras, e os cobertores tradicionais feitos com linha de algodão em um tear manual. O rapaz também é preparado para fazer suas tarefas sozinho, como fazer suas flechas e arcos, remos, canoas e *bèhyra*, cestos de homem carregar as suas bagagens ou carregar as produções de roça e pescar nos rios ou nos lagos. Então antigamente os pais preparavam seus filhos para sua vida futura, como cuidar da sua família. E também sobre os lugares que eles vão pescar e os horários das chegadas de pescarias. Isso porque os recém-casados não podiam chegar atrasados, ou seja, muito tarde na casa da família de sua esposa, pois depois de casar ele morava com a família da sua esposa. É feio na cultura o rapaz chegar tarde em casa. O homem novo tem que chegar das pescarias por volta de meio dia. Quem chegava das pescarias muito tarde eram os velhos.

Nas pescarias na cultura tradicional do povo *Inỹ/Javaé*, os homens saiam de madrugada para alguns lugares longe. Eles retornavam ao meio dia (*txu-tya*), ou uma hora da tarde (*txu-ròkèsè*). Só existiam as pescarias de arcos e flechas, mas tinham outras técnicas de pescar e matavam muitos peixes para sustentar a suas famílias. Tinha a forma de pescarias chamada *ruirèsy* que eram pescarias nas bocas de uma vazante nos lagos. Os homens cercavam essa “boca” do lago com folhas ou com os galhos de árvores ou, quando tiver, com as palhas de babaçu. Colocavam as canoas atrás dessa barreira, formando uma armadilha. Quando os peixes pulavam, caiam dentro da canoa. Essas pescarias

aconteciam nos tempos das enchentes. Era feita de madrugada e pegavam os peixes piabanha, tucunaré e demais peixes. Assim pegavam os peixes mais facilmente e os homens chegavam bem cedo para sua casa com os peixes para as famílias.

Outras formas de pescarias nos tempos passados. Em tempos de enchentes ou tempo de cheia, alguns homens faziam uma estrada, ou seja, uma pista para os peixes entrarem nesse caminho, tipo esgoto, ou canal. Quando vinha a enchente, cobria os caminhos e os peixes passavam nesse caminho, que se chamava de *kòwò*. No final do caminho de peixe, os homens faziam um tipo de escada para ficarem a espera dos peixes. Essas pescarias aconteciam quando eram os tempos das enchentes, mas hoje em dia não se pratica mais na cultura dos povos *Inỹ/Javaé* na Ilha do Bananal.

Tinha outra forma de pescarias chamado *kòhuò*. Era da mesma forma que o *kòwò*, só que nessa pescaria, no final do caminho, os homens faziam uma casa e ficavam de espera dentro de casa e jogavam as ceras de abelha (*tòbòra*), para chamar os peixes. Quando os peixes entravam, os homens flechavam. Outra forma de pescaria era chamado de *axi*, que eram as pescarias de timbó (*axidè*), a planta nativa venenosa que mata os peixes. Porém essa pescaria acontecia nos tempos secos e sem chuva (*wyra*), nos laguinhos perto do rio Javaés. Antes de realizar essa pescaria os homens se reuniam para buscar, ou seja, tirar a planta nativa timbó nos matos e cada um levava de *bèhyra* (cesto masculino) para o laguinho e faziam suas pescarias coletivas. Vai muitas pessoas nessa pescaria, com participação das mulheres e das crianças. Quase todo mundo participava das pescarias de *axi*.

Então nos dias atuais houve mudanças na cultura tradicional e não existem mais pescarias de *axi* (timbó). As novas gerações não se interessam de aprender os conhecimentos de formas de pescarias dos tempos dos antepassados. Antes da chegada dos não índios no nosso povo, os antigos viviam sem preocupação de quase nada, sem medo de perder a sua cultura e suas terras.

Hoje em dia os povos indígenas *Inỹ/Javaé* já estão mudados na sua vida cotidiana, como as formas de pescarias. Atualmente só existem as pescarias de rede, anzol e as tarrafas. Então, por esses motivos, acabou a utilização de arcos e flechas nas pescarias. Nos anos de 1970 a 1980, a cultura era bem forte e aconteciam várias vezes as pescarias de timbó (*axi*), nos laguinhos. Eu já presenciei as pescarias de timbó (*axi*), nas margens do rio Javaés na região de *Kanðanð*. Aconteceram várias vezes e todo mundo pescava e havia muita alegria. Mas as novas gerações não se interessam mais na cultura, sendo que

o próprio povo está deixando sua cultura e os conhecimentos tradicionais dos nossos antepassados, por motivo de entradas de estilo de vida do mundo globalizado nas sociedades indígenas *Iny/Javaé* da Ilha do Bananal.

Hoje em dia as novas gerações tiveram acesso e viram alguns desses acontecimentos tradicionais através de alguns temas contextuais, nos projetos extraescolares dos alunos professores indígenas da Licenciatura Intercultural da UFG, como as pescarias de timbó (*axi*), a brincadeira tradicional *ihih*. De acordo com a pesquisa do Romildo Javaé, ex-aluno da UFG, na aldeia *Kanōanō*, as danças e as músicas dos homens foram realizadas no pátio dos homens (*marakasi*). Também foi realizado na aldeia *Kanōanō* a fabricação da canoa tradicional do povo *Iny/Javaé*, de acordo com a pesquisa do Robson *Haritianã* javaé. Já as lutas corporais foram feitas de acordo com a pesquisa do Enivaldo *Tahakana* Javaé. Também foi realizado na aldeia *Kanōanō* a fabricação das panelas de barro, de acordo com as pesquisas do *Ijau* Javaé. Na aldeia *Kanōanō*, também a comida típica do povo *Iny/Javaé* foi realizada através da minha pesquisa com os mais velhos da aldeia *Txuir* com o senhor *Burahi* Javaé, como os tipos de assar os peixes nos tempos passados. Havia três formas de assar o peixe, como o *bururu*, embaixo de brasa com o cinza quente para assar mais rápido; o *wèwòsi* ou *wòsi*, em cima de um fogo, sendo mais rápido para assar os peixes e *kobiku*, bem assados em cima um jirau para conservar por mais de uma semana.

As pinturas corporais ainda existem na cultura. Só que houve muitas pinturas inventadas e isso não existia nas culturas passadas nos povos *Iny/Javaé*. Assim foram vistos através das pesquisas dos alunos da UFG, que envolveram as pessoas da comunidade que gostaram. Os mais velhos sempre estão se preocupando com os acontecimentos na cultura. Assim está a cultura do povo *Iny/Javaé* no dia de hoje, os povos são os mesmos povos de antigamente, só que não é mais como era antigamente na cultura. Os jovens solteiros não estão mais praticando de fazer suas tarefas cotidianas como os antigos, como as moças e rapazes faziam antes de se casarem. Porque hoje em dia houve muita invasão da língua e também houve muitos empréstimos linguísticos. E algumas coisas da cultura também foram inventadas, ou seja, houve mudanças na cultura.

Então, hoje em dia a escola ficou como a responsável pela cultura do povo *Iny/Javaé*, como quando foram realizadas as atividades tradicionais através de pesquisas com os mais velhos das comunidades dos nossos antepassados. De acordo com as pesquisas, as atividades eram praticadas e os conhecimentos eram transmitidos pelos

interlocutores e sujeitos na prática ritual e não através dos papéis nem nas câmeras fotográficas e filmadoras. Hoje em dia foram registrados os conhecimentos dos nossos mais velhos, já que o povo *Inỹ Javé* atual, corre risco de perder as suas culturas e suas línguas.

O que causa esse risco de perder as culturas? Devido a entrada de mundo globalizado na sociedade indígena *Inỹ/Javaé*. Na década de 1970 começou a realização de rituais como iniciação de criança menino para a fase adulto chamado *Hetohokỳ*. Logo após começou o ritual de *Iwèruhuky* (o nome *iwèru* é o calugi, uma bebida típica dos povos *Inỹ/Javaé*). Eles foram realizados na aldeia *Kanðanð* na cultura do povo *Inỹ/Javaé*. Desde muito tempo atrás que os rituais não foram realizados porque o chefe de ritual havia falecido na primeira aldeia *Kanðanð*, ao lado direito na margem do rio Javaés (atual Fundação Bradesco). O nome do chefe de ritual era *Ixyjuwèdu* Javaé, que estava na origem de aldeia *Wari – Wari*. Ele era irmão mais velho do capitão *Kuòruwa* Javaé. A partir da morte do chefe de ritual, nunca mais foi escolhido um novo chefe de ritual (*ixy – tyby* - tradução em português, significa pai dos povos).

Quando, nos anos de 1970, meu pai José *Wèrèumari* Javaé escolheu seu primo *Kumahira* Javaé como um novo chefe de ritual (*ixy – tyby*), foi então que os rituais voltaram a ser praticados na cultura dos povos *Inỹ/Javaé*. E foram realizados os rituais de *Hetohokỳ* e logo depois foi feito o ritual de *Iwèruhuky*, uma bebida típica do povo *Inỹ/Javaé*, em homenagem aos *iòlò*. Quando foram realizados os rituais, quase todos homens participaram do ritual de *Hetohokỳ*. Foi muito bem respeitado, com a realização feita de forma correta pelo chefe do ritual. E logo depois teve a realização de ritual *Iwèruhuky*, que também teve grande participação dos homens e das mulheres. A última realização de *Iwèruhuky*, foi nos anos de 1980. Depois, logo meu tio *Kumahira* Javaé faleceu. Depois do falecimento dele, nunca mais foi realizado o ritual de *Iwèruhuky*.

O ritual de *Hetohokỳ* ainda existe na cultura dos povos *Inỹ/Javaé*, mas não como era antigamente. Houve muitas mudanças no ritual e os jovens não se interessam de participar, como nas danças e nas músicas com as regras e formas corretas de ser praticada. No ritual de *Hetohokỳ* os participantes são divididos em dois partidos: *Hirètu* e *Saura*. Há uma regra de qual lado que os *Hirètu* e os *Saura* ficam dentro de casa grande no ritual. Então, essa forma não esta sendo bem praticada nos povos atuais. Além disso, houve introdução de muitas bebidas alcoólicas no meio do ritual e por isso está acontecendo muitos problemas na cultura tradicional do povo indígenas *Inỹ/Javaé*. As

lideranças e os caciques não se preocupam com esses acontecimentos que atrapalham a vida nas comunidades. As lideranças e os caciques atuais competem mais com as festas que não são da cultura tradicional, como os cantores (e bandas) não indígenas convidados pelos caciques da aldeia para realizar as festas dançantes. Cada cacique realiza sua festa com os cantores mais reconhecidos pelos mais jovens. Isso acaba com os rituais tradicionais dos povos indígenas *Iny/Javaé*.

Então as lideranças incentivam os mais jovens para aprenderem a consumirem as bebidas e outras coisas que não prestam nas vidas dos jovens. As novas gerações vão crescendo e vendo isso aprendem e não se interessam naquilo que está acontecendo nas comunidades atual. Então isso acaba com as suas próprias culturas. Quando acontecem os rituais nas comunidades, os mais jovens não participam mais, porque não praticam as danças e as músicas. Por isso que os jovens de hoje estão ficando sem saber de nada da sua própria cultura.

Quando acontecem as competições de torneio de futebol nas comunidades, os mais novos se alegram para participar. Quase todos os jovens participam e isso será mais importante que a participação nas suas culturas. Nas décadas de 1970 a 1980, a cultura tradicional era mais respeitada e mais praticada.

Os rituais de espíritos de aruanã eram muito desenvolvidos nas comunidades. Quando era a brincadeira de espíritos de aruanã, as pessoas das comunidades participavam, sejam os homens ou as mulheres. Era muita alegria pessoal. Todos se divertiam, as mulheres dançavam. Quando acontecia a brincadeira de espíritos de aruanã, aconteciam também as brincadeiras maiores, como a brincadeira de *kobiku* (os peixes assados) e a brincadeira de *iwodudu* (tipo de pastel, com os peixes enrolados de massa de mandioca). Então quando aconteciam essas brincadeiras de espíritos de aruanã, as comunidades ficavam alegres, os espíritos de aruanãs dançavam as noites todas. Eu presenciei essas brincadeiras na aldeia *Kanðanð* nos anos de 1970. A cultura tradicional era bem forte. Já tinha começado a prática do futebol na cultura, mas não era como atualmente. Tinha competição com os times da Fundação Bradesco e era só com esses times que os povos indígenas *Iny/Javaé* competia.

Na cultura do povo *Iny/Javaé* houve muitas mudanças sendo que algumas são totalmente diferentes dos anos anteriores. As datas comemorativas estão muito influenciando na cultura e está presente nos meios da convivência nos povos atuais, como

a Independências do Brasil, no dia 7 de setembro; dia 12 de outubro; dia 19 de abril; festas juninas e algumas festas como as datas de aniversários de um filho de um cacique.

O maior encontro dos povos indígenas da Ilha do Bananal é a data de Independências do Brasil, o dia 7 de setembro. O cacique da aldeia convida todos os povos indígenas da Ilha do Bananal, como os *Iwayrè – mahadu*, Karajá de todas as regiões do Araguaia e também convidam as outras etnias, como os povos Xerente (*Iny-ròdu-mahadu*) e os povos *Ixybiawa* Karajá (*Xambioa*), o povo *Wou-mahadu* (Tapirapé de Mato Grosso) e também convidam os não indígenas. Assim está acontecendo nas vidas dos povos indígenas *Iny/Javaé*. A cada ano, mais os caciques competem com as suas festas, com os cantores de maior valor de pagamento. Então será que isso é benefício para as comunidades? Com certeza que não. Isso é maior gastos sem necessidades e as vezes acontecem as desgraças no meio da festa. Essa é a vida das lideranças nas comunidades.

Então nesses dias as lideranças se encontram ou se reúnem e algumas pessoas se encontram. Por esses dias, visitam seus parentes no meio das festas. As pessoas se interagem com os outros povos. Isso causa muitas perdas na cultura tradicional. Isso será incentivo a fortalecer a cultura? Os espíritos de aruanãs no meio das festas dançam, ou seja, se apresentam algumas horas. Só que é para a mídia fazer seus comentários. Isso não existia nas culturas dos nossos antepassados. Isso é um crime na cultura. As lideranças de cada comunidade não se preocupam com os acontecimentos na cultura. A cada vez mais as influências dos não índios estão acabando com as culturas dos povos indígenas *Iny/Javaé* da Ilha do Bananal.

Então, tradicionalmente os espíritos de aruanãs dançavam desde cedo até ao meio dia. Essa era a primeira parte. A segunda parte (ou o meio) era na período da tarde (*kèrè*) das três até cinco horas. A terceira parte começava por volta de sete da noite e terminava por volta de onze horas da noite. O que está acontecendo nos dias de hoje não existia na cultura do povo *Iny/Javaé*. Os espíritos de aruanã só dançam alguns momentos só para mostrar para as mídias. As lideranças realizam as danças de espíritos de aruanã como se for uma brincadeira qualquer. As novas gerações, vendo isso, eles estão aprendendo dessa forma.

Na tradição, os espíritos de aruanãs só dançam quando tem as festas nas aldeias. Durante um dia qualquer, os espíritos de aruanã não dançam. Então para os mais velhos da comunidade não existe respeito com seus conhecimentos na cultura tradicional. Assim está a vida dos povos *Iny/Javaé* atual. As lideranças olham para as comunidades como se

fosse algum objeto. Eles pensam só em si. Através das comunidades eles conseguem resolver as questões financeiras mais rápido, como as cobranças de pedágio de carros nas travessias da Ilha do Bananal, as entradas dos turistas pescadores e maior arrendamentos dos pastos nativos nas regiões de Ilha do Bananal. Acontecem várias vezes nas comunidades. As lideranças falam nas reuniões com o senhor procurador da república do Estado do Tocantins que os arrendamentos de pastagem são para beneficiar as comunidades. Será que as comunidades têm seus benefícios próprios com os arrendamentos de pastos nativos? Quais benefícios que as comunidades estão recebendo?

Não existem benefícios nenhum nas comunidades! Algumas lideranças moram nas cidades. Eles humilham as pessoas das comunidades e são eles próprios que se beneficiam com os lucros de arrendamentos de pastagens. As lideranças ao invés de buscar os benefícios para as suas comunidades, eles pensam neles e alguns deles só pensam de fazer festas. Gastam muito dinheiros com os cantores. Será que é isso benefícios das comunidades? Para os povos indígenas *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal isso não é benefício. Isso é o gasto sem benefícios para ninguém.

Então, qual a função das relações com as lideranças nas comunidades? Será que os caciques realizam as reuniões com as suas comunidades para as discussões para as melhorias das condições de benefícios para as comunidades? Quais são os benefícios das comunidades locais? Onde estão aplicados os lucros dos arrendamentos de pastagens? Será que alguma comunidade local na Ilha do Bananal tem seus problemas atendidos pelos recursos gerados pelo recurso dos arrendamentos? Em geral as comunidades indígenas *Inỹ/Javaé*, não sabem quantos valores são lucrados de arrendamentos de pastagens para bovinos, nem quanto que as associações recebem. Quem sabe esses valores só o presidente das associações e seus membros. Isso dói. As comunidades são usadas como se fosse um objeto para garantir suas intenções particulares. Só as lideranças se beneficiam com os dinheiros dos arrendamentos, com carros, as casas na cidade, as motos. Assim está acontecendo na Ilha do Bananal nos povos *Inỹ/Javaé*.

Alguns caciques não moram nas comunidades. Eles moram na cidade enquanto as comunidades enfrentam as dificuldades quando os tempos de cheias aumentam os insetos muriçocas, as lamas e as chuvas. Algumas aldeias não existem os cocos babaçus para cobrir suas casas com as palhas. Em vez das lideranças tomarem as providencias nas comunidades, nada acontece de melhoramentos dos poderes administrativos dos caciques. As nossas culturas tradicionais se perdendo pelas lideranças de cada

comunidade preocupadas em adquirirem as festas do não índio. Isso causa as perdas de convivências das novas gerações dos povos *Inỹ/Javaé* na Ilha do Bananal.

Algumas lideranças não se relacionam com as suas comunidades. Tudo aquilo que foram conseguidos através das comunidades, era para permanecer nas aldeias como as canoas de alumínio e os motores de popas, assim como os carros. Em vez de ficar nas comunidades, são usados pelos caciques. Então isso eu considero como egoísmos, como uma questão de desejo de poder no meio dos povos *Inỹ/Javaé* da Ilha do Bananal.

Quando, nas décadas de 1970 a 1980, a FUNAI era responsável pelos arrendamentos de pastagem nativas nas Ilha do Bananal, os indígenas *Inỹ/Javaé* não sabiam que existiam arrendamentos de pastos nativos. A FUNAI tinha feito as barreiras nas travessias de gados na ilha. Começa de cima, como a barreira Jaraguá descendo o rio Javaé abaixo, barra do rio Verdes, Barreira do Piqui, Porto Piauí, Barreira Patrocínio, e Barreira de Cristalândia. Quando chegava no mês de junho, já instalavam as barreiras nas travessias de gados e dos carros. Então foi começado dessa forma de arrecadamentos na Ilha do Bananal. A FUNAI fornecia os transportes para cada povo indígena, como o trator, o carro, a canoa de alumínio, motores de popas 25 Hp e também foram instaladas umas serrarias nas comunidades, os projetos de lavouras e tinha ferramentas e os gados nas comunidades. Com o passar dos tempos a FUNAI não fornece mais os objetos de valores para as comunidades indígenas.

E as lideranças atuais também não estão usando os recursos que vem dos arrendamentos de pastagens em benefício das coletividades.

Capítulo 3 – Nomes de curvas e trechos do rio Javaés

O rio Javaés é um lugar socialmente construído na cultura do povo indígena *Inỹ-Javaé*. Conhecer seus lugares, seja cachoeira, corredeira, praia, poção ou curvas, bem como os nomes que lhes são atribuídos, é fundamental para entender como é a visão *Inỹ-Javaé* sobre o meioambiente e suas relações especiais com a existência permanente dos lugares (Tuan, 1983).

O povo *Inỹ-Javaé* no tempo passado vivia e frequentava habitualmente o rio Javaés no tempo de tracajá e tartaruga desovar nas praias. Os povos antigos desciam ou subiam no rio Javaés para acampar nas praias. Iam até a foz do Riozinho e de lá voltavam à sua aldeia de origem *Wari – Wari*, principalmente os antigos povos de *Wari – Wari*, que eram os mais navegadores do rio Javaés. Esse era seu costume de acampar nas praias e navegar até a foz no rio Araguaia (para o norte) e, para ao sul, eles iam até atual aldeia *Kanoanõ*. Iam e voltavam para suas aldeias, pescavam as tartarugas e peixes, caçavam porco-queixada e coletavam mel silvestre.

O rio era abundante de tartarugas e peixes. Os grupos das diversas aldeias iam no mês de junho antes dos Avá-Canoeiro virem na margem do rio Javaés, uma vez que já sabiam que os Avá-Canoeiro existiam naquela região de pesca de pirarucú e na região da Mata Azul. Os *Inỹ-Javaé* começavam a descer e navegar no rio Javaés novamente no tempo de tartarugas, no mês de outubro, nos mesmos trechos, navegando no rio até o atual Canguçu e de lá voltavam para suas aldeias. Assim, os povos antigos conheciam os nomes de trechos do rio e das praias. Os *hàri* (xamã) ajudavam com os conhecimentos cosmológicos dos espíritos de aruanãs existentes no nível subaquático, sendo que alguns lugares são sagrados, como por exemplo: no lugar de tartarugas não se pode pescar só de uma pessoa, tem que ser de pescarias coletivas.

Esse é o costume tradicional do povo indígena *Inỹ-Javaé* da Ilha do Bananal. Os *hàri* faziam cerimônia de *calugi* para oferecer aos espíritos de aruanãs, que é o dono de tartarugas no fundo das águas. Porque sem fazer as cerimônias de *calugi* pode acontecer algo ruim nas pescarias de tartarugas. Essas pescarias tradicionais hoje estão só nas memórias. Atualmente não acontecessem mais essas cerimônias que se chamava de *bètò*. Uma bebida é feita de fermentação de milho ou de mandioca para ser oferecida aos espíritos de aruanãs nos lugares do rio Javaés. Assim aconteciam na cultura dos nossos antepassados. Eles conheciam todos os lugares do rio como se fosse uma moradia, onde os espíritos de aruanãs moram e também conheciam onde os seres ferozes moram. Os povos antigos tinham muitas e mais fortes ligações com a natureza do que hoje.

Até hoje existem esses costumes tradicionais do povo *Inỹ-Javaé* de acampar nas praias, mas não como antigamente. Diminuiu os tempos de pescarias de tartarugas por causa de crianças não perderem as aulas nas escolas. Além disso, não vão mais nos lugares longe dos rios. Por isso que os jovens não conhecem mais os nomes dos trechos de rios e as praias. Os jovens não se aproximam com a natureza, como faziam os jovens no passado. Os grandes conhecedores já não estão mais vivos nos dias atuais. Então, o que os jovens estão olhando e pensando sobre a natureza? O que é o rio na nossa cultura e para o nosso povo? Será que os jovens pensam no rio só para beber as águas, para os banhos e para pegar os peixes e as tartarugas?

Esses seres (peixes, tartarugas e jacarés) fazem parte, mas o rio é de onde nossos antepassados surgiram a partir do além no fundo das águas no nível subaquático, que vieram ao mundo aqui fora. Por isso que o rio é um lugar socialmente construído, onde os espíritos de aruanãs moram. Nossas alegrias começam dos rios e dos lagos nos rituais. Mas alguns espíritos de aruanãs moram no nível celeste (*Biu*), que se chamam *biu mahadu xiburè*. Eles ajudam a curar as enfermidades das pessoas, atuando quando os grandes *hàri* conseguem entrar em contato com os *xiburè*.

Os grupos que vivem nas margens de rio Javaés pescavam (e ainda pescam) de anzol para pegar as tartarugas. Nas pescarias de tartarugas os homens vão de madrugada. De manhã cedo, a tarde ou a noite (até meia noite), os homens não podem falar que vão pescar as tartarugas. Se falarem, as tartarugas vão ouvir as falas dos homens se não pegam as tartarugas. Esses costumes existem na cultura do povo indígena *Inỹ/Javaé*.

Existem as cachoeiras no rio Javaés. Começa da aldeia Cachoeirinha, depois tem a cachoeira da aldeia *Kanōanō* e da aldeia *Wari – Wari*. Essas cachoeiras foram feitas pelo *Tynyxiwè*. Depois que conquistou o sol do urubu-rei, no começo do mundo, *Tynyxiwè* andava pelo mundo. Ele mantinha em cativeiro seus peixes douradas. Um dia ele falou para sua mulher *Myreikò* dizer para o cunhado dele (irmão dela) para ir alimentar os peixes, mas disse que era para colocar comida fora do cercado onde os peixes estavam. Com isso, os peixes escaparam para pegar as comidas e se espalharam pelo rio. *Tynyxiwè* fez isso porque queria mesmo ir embora e usou essa desculpa para deixar *Myreikò*. *Tynyxiwè* então andou pelo rio para alcançar seus peixes, as douradas, que seu cunhado deixou escapar. Por isso que *Tynyxiwè* foi fazendo as barreiras em alguns trechos do rio para impedir a fuga dos peixes e para que eles voltassem ao lugar, formando assim as cachoeiras de pedras no rio Javaés. Quando *Tynyxiwè* fazia a barreira de terra, as cachoeiras (*Hurè* = cachoeira) viravam as pedras pretas. Por isso que existem as

cachoeiras no rio Araguaia com as pedras pretas. E nas cachoeiras no rio Javaés não existem as pedras pretas (*mana lyby*), em que o nome *mana* é pedra e *lyby* é preta.

O rio Javaés tem suas histórias e acontecimentos com as suas importâncias para os *Inỹ/Javaé*. Também alguns riozinhos tem as cachoeiras como o rio Verde, no qual a cachoeira forma um tipo de ponte sobre o rio, pois tem pedras nas duas margens do rio. E também tem cachoeira no Riozinho, no centro da Ilha do Bananal. Então as cachoeiras nos rios em geral foram feitas pelo *Tynyxiwè*. O Rio Araguaia tem mais cachoeiras de pedras pretas.

1. Nomeação dos trechos do rio e identificação dos lugares para o povo Javaé.

Quando as famílias acampam nas praias, nos lugares do rio Javaés, as pessoas sabem que lugar que as famílias estão acampadas. De vez em quando algumas famílias visitavam seus parentes Karajá e os Karajá-Xambioa. Também o rio Araguaia tem seus nomes. Nossos antepassados iam de canoa e essas visitas eram muito demoradas. Podia durar alguns meses ou mesmo alguns anos. Eles faziam um tipo de intercâmbio nestes acampamentos e nas viagens. Algumas vezes os Karajá e os Karajá-Xambioá vinham visitar seus parentes Javaé. Assim a cultura do povo indígena Javaé, Karajá e dos Xambioá faziam os intercâmbios, interações de conhecimentos e das aprendizagens, seja pelo rio Javaés, seja pelo rio Araguaia. Nestes encontros também aconteciam os intercâmbios e aprendizagem das músicas e dos rituais.

A relação do povo indígena *Inỹ/Javaé* com a natureza, como os rios Javaé e Araguaia, acontecia da seguinte maneira. Quando o *hàri* vai passando e navegando pelo rio ele identificava os lugares onde os espíritos de aruanãs moram e também os seres ferozes que existem nos fundos das águas no nível subaquático. Assim surge o conhecimento tradicional do povo indígena *Inỹ/Javaé* pelo rio Javaés. O rio é como uma moradia para os aruanãs e outros seres, mas também como um caminho para os nossos povos.

Como começou e quando começou? Porque existem os nomes dos trechos de rio e da praia? Será que esse conhecimento de nomes de trechos do rio é importante para as novas gerações?

Na cultura alguns nomes dos lugares de rios e das praias estão relacionados ao surgimento de um povo, outros estão ligados a lugares de moradias de seres, outros a acontecimentos e pessoas. Por exemplo: *Kanōanō*. O nome *Kanōanō* era o nome de uma liderança do povo *Tòròhòni*, um povo que habitou na Ilha do Bananal, onde atualmente

esta a aldeia *Kanðanð*. A margem direita do rio Javaés, onde está a escola de Fundação Bradesco, é o lugar onde o povo *Tòròhòni* surgiu no fundo das águas, no nível subaquático, sendo reconhecido o nome do lugar tradicionalmente como *Tòròhoni – ryna*, onde o povo *Tòròhòni* saiu para o mundo a fora (*ahana –òbira*). Alguns lugares do rio Javaés são sagrados. Em cada curva do rio existem os espíritos de aruanãs tendo características diferentes uns dos outros, como as músicas e as danças. Esse aruanã é o dono de uma curva do rio. Quando têm muitas tartarugas, elas são as comidas, ou seja, os alimentos daquele aruanã.

Os *hàri* tem suas cosmovisões desses mundos espirituais tanto no subaquático como também no celeste. É através dos conhecimentos dos nossos ancestrais e dos *hàri* pelos rios e os lugares e seus nomes, que nosso povo indígena *Iny/Javaé* conviveu e convive com o rio Javaés atualmente. Nos dias de hoje queremos fortalecer e resgatar essa nossa cultura tradicional, trabalhar com as novas gerações nas escolas indígenas, como um dos saberes indígenas, porque o rio Javaés é um dos lugares muito importantes na nossa cultura. É onde começam as alegrias das comunidades, pois a maioria dos espíritos de aruanãs vem do rio, comandados pelos *hàri*. Por isso que considero os lugares dos rios como sendo espaços socialmente construídos, pois é o lugar de morada dos espíritos de aruanãs, que vem do rio aqui fora.

Os mais velhos ensinavam os nomes das curvas do rio porque os nomes estão relacionados com os acontecimentos de algumas coisas. No lugar, por exemplo, abaixo de *Tòròhòni – ryna*, na margem esquerda do rio se chama de *sènadu – rubuna*. Esse é o lugar onde uma velha *Tori* morreu, pois *sènadu* = velha, *rubuna* = um lugar onde uma velha morreu. Hoje em dia as novas gerações não praticam e não se interessam de conhecer os nomes das curvas de rio na cultura tradicional. Por isso surgiu essa ideia de fazer as pesquisas tomando como tema o rio Javaés, os nomes das curvas e os nomes das praias e também alguns nomes do Riozinho na Ilha do Bananal. Porque ainda existem alguns nomes dos trechos de rio Javaés que são conhecidos na cultura do povo Javaé.

Mas a maioria dos nomes dos trechos do rio Javaés, entre aldeia *Kanðanð* e aldeia *Txuiiri*, quase não existem mais na cultura. Por exemplo: no ano de 2.000, surgiu uma praia de temporada no mês de julho e frequentada pelos *tori* (não-indígena) que chamam de Recanto da Ilha. As novas gerações reconhecem esta praia como o Recanto da Ilha. Porém o nome deste trecho ou da praia na cultura Javaé se chama *Hatoxiri* (nome de uma árvore que cresce na praia). Nas décadas de 70 e 80 o povo Javaé passava e navegava e chamava esse lugar de *Hatoxiri*, sendo que o nome na cultura era muito forte. Hoje em

dia as novas gerações identificam os rios e seus trechos pelos nomes de alguns moradores não-indígenas.

Abaixo da praia de Recanto da Ilha também surgiu uma praia de temporada no mês de julho, a qual chamam de Praia Grande, na margem direita do rio, ou seja, o nome que foi dado por um morador local, chamado Jaime. As novas gerações reconhecem esse lugar só com esse nome, mas culturalmente esse lugar é chamado de *Wakahiwa-ixèna kÿnÿra*, *Wakahiwa* é o nome de homem; *ixèna* é o lugar onde *Wakahiwa* caía dentro das águas para pegar ou matar os pirarucus, *kÿnÿra* é praia.

O trecho abaixo desse lugar chama-se Quebra Linha, mas o nome na cultura Javaé é *Malua-Lohoji-iràna*. *Malua* é nome de um homem lutador. *Lohoji* significa numeral um, *irà* é grito e *na* é lugar. É o lugar onde um lutador sozinho chamou os outros para lutar. Mas hoje esse lugar, na margem esquerda, é conhecido como praia do doutor Abdala. Na margem esquerda está a fazenda do Batista Araújo Tuxa¹², dentro da Ilha do Bananal.

Mais a jusante, está a Praia do Afonso, que era um fazendeiro morador na margem direita do rio. Mas tem o nome na cultura: *Haluruni kÿnÿra*, ou *Haluruni bero- rèhè* ou ainda *Haluruni- Haute ou Laute*. *Haluru* é uma orquídea; *ni* = falso; *bero* = rio; *kÿnÿra* = praia; *rèhè* = comprido, ou seja, longo; *haute* = ilha. Hoje em dia a ilha de *Haluruni* se chama a ilha da Deuzelia. O trecho abaixo, à margem direita do rio, é conhecido hoje como do fazendeiro morador Furtunato e ao lado esquerdo está a praia da Marcia *Waharu*, assim já chegando na aldeia Txuiri. Mas, no passado, todo esse trecho era chamado de *Haluruni*

Esses trechos ainda são frequentados de barcos ou conoa de alumínio, usados com os motores rabetas ou motor 15 HP, assim na cultura atual do povo Javaé.

¹² Esse Tuxá é funcionário aposentado da Funai e foi para a Ilha do Bananal, provavelmente para o trabalho de atração dos Avá-Canoeiro. Instalou-se nesse lugar onde mantém ainda hoje uma fazenda de criação de gado.

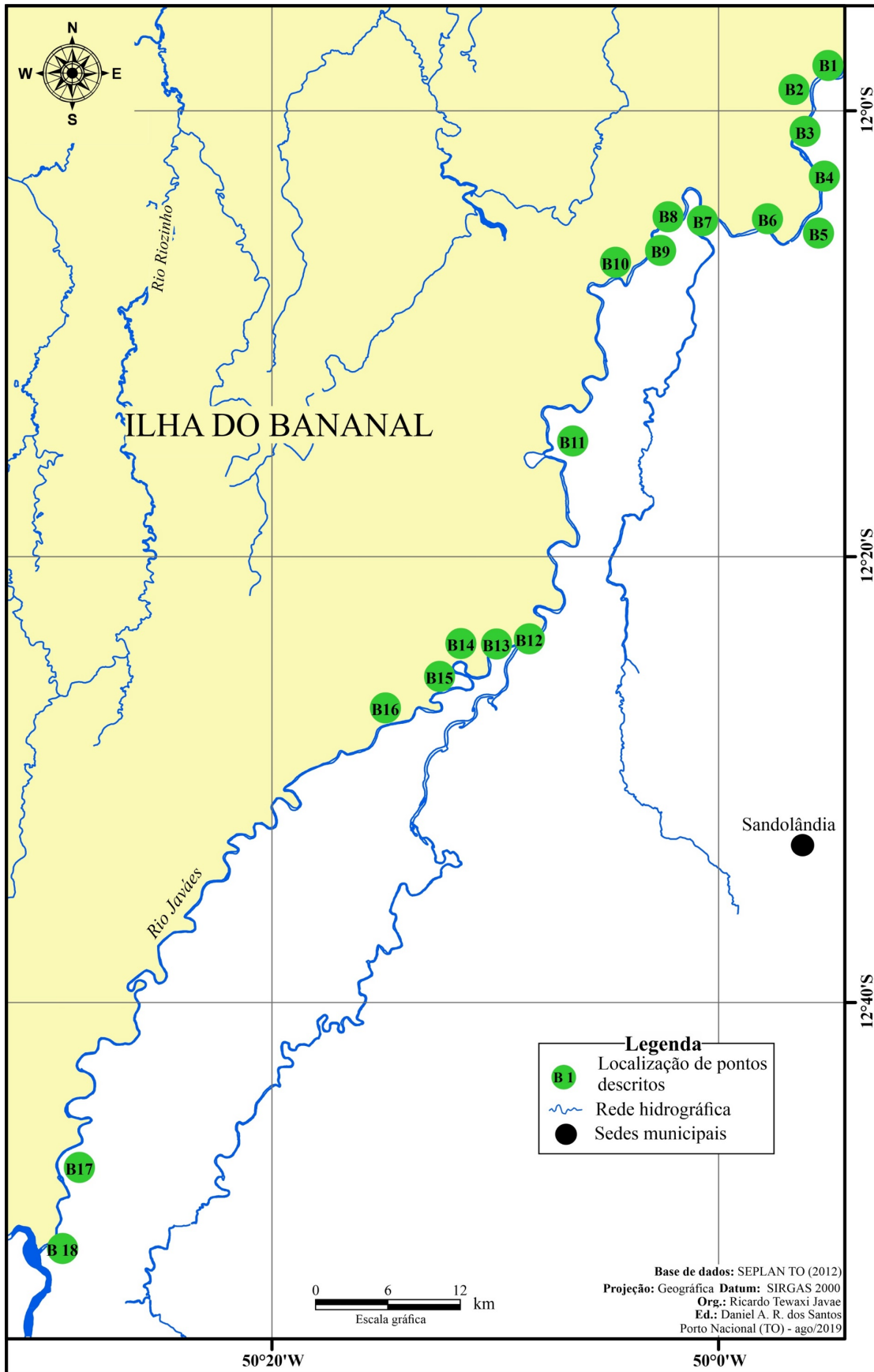


Figura 4 Curvas e trechos do rio Javaés a montante de Kanõanõ

Figura 5 - Quadro com os pontos descritos a montante da aldeia Kanðanð no rio Javaés

Código do mapa	Trechos descritos no texto
B1	1
B2	2
B3	3 a 5
B4	6
B5	7 e 8
B6	9 a 11
B7	12 a 16
B8	17
B9	18 a 25
B10	26 a 30
B11	31 a 41
B12	42
B13	43 a 45
B14	46 e 47
B15	48 a 63
B16	64 a 71
B17	72
B18	73

2 - Descrição dos trechos do rio Javaés

Os rituais de espíritos de aruanã, os *worosỹ* no ritual de *Hetohokỹ*, todos vêm do fundo das águas do Riozinho que se chama de *worosỹ bero* (*worosỹ* = espíritos de alguns animais, de passaros ou de peixes), *bero* (rio). Os *worosỹ* moram perto de antiga aldeia *Marani – Hawa*. E os *lateni* todos vem do rio. Eles moram no nível subaquático. Os espíritos de aruanã e dos *lateni* são comandados pelos *hàri* e os *worosỹ* são comandados pelo chefe de ritual (*Ixỹ tyby* que significa pai do povo).

O descobrimento de conhecimentos de espíritos de aruanãs e de *worosỹ* vem dos *Wèrè*. Eles são *hàri* (xamã) e os conhecimentos de músicas e danças de aruanãs ou de *worosỹ*, vem dos *hàri Wèrè*. Todos os rituais que existem na cultura do povo Inỹ/Javaé vem do povo *Wèrè*. Assim eram os conhecimentos dos nossos ancestrais pelos mundos e com a natureza e também dos rios.

Em entrevista com a minha mãe Nilda *Mytara Javaé*¹³, na aldeia Kanðanð, sobre os nomes das curvas do rio, começando de aldeia Kanðanð, subindo o rio Javaés, ela me relatou o seguinte:

1. *Bero- riòrè- ijò- ti*. O barranco alto de um laguinho próximo ao rio, que recebe esse nome de "riozinho" (*Bero- riòrè*).

2. *Kòwòruhukÿ*. *Kòwòru* = arvoré, *ky* = maior. Nessa curva havia uma grande árvore.

3. *Ryho - bero – rèhè*, ou *ijòti*. O trecho longo (*bero –rèhè*); *Ijòti* (barranco alto); peixe cari (*ry*); *ho* (abundância). Nome de um lugar de barranco alto no rio Javaés onde tem muito peixe cari. Nesse lugar atualmente existe a aldeia *Mahani Hawa*,

4. *Latèkòwò*. Nome de uma árvore que é abundante nesse trecho do rio Javaés.

5. *Horenikò*. *Kò* (pé de planta), *horeni* (babaçu). Nesse lugar havia apenas um pé de babaçu. Mas hoje não existe mais babaçu nesse lugar.

6. *Wyhy Ijarana*. *Wyhy* (flecha), *Ijara* (jogando), *na* (lugar). O nome do lugar se refere a um episódio histórico de conflito entre os *Inÿ/Javaé* e os *Avá–Canoeiro*. Os dois grupos se encontraram no lugar, mas cada um estava de um lado do rio: os *Inÿ/Javaé* do lado da Ilha do Bananal, na margem esquerda do rio Javaés, e os *Avá–Canoeiro* na margem direita do rio. Os *Inÿ/Javaé* e os *Avá–Canoeiro* flecharam–se mutuamente, mas ninguém foi atingido. *Wyhy Ijarana* corresponde à atual Barreira do Tingui.

7. *Asukò*. Nome da árvore embaúba, que é abundante no local. O lado da Ilha do Bananal é conhecido pelos não-índios como Barreira do Pequi, onde existiu um vilarejo de posseiro até meados dos anos 90.

8. *Manatèrè*. A palavra significa “pedra (*mana*) dura (*tèrè*). As pedras eram utilizadas para fazer o fogão (*Kòdò*), que auxiliava os *Inÿ/Javaé* no cozimento das refeições. Essas pedras eram abundantes no lugar antes de ser descaracterizado pela ação de desmatamento e gradeamento das terras do lugar. Atualmente, o local está ocupado pela sede da Fazenda Lago Grande, que destruiu as pedras e os antigos cacos de cerâmica com seus tratores.

¹³ Várias descrições dos lugares a seguir, foram coletadas por Patrícia Mendonça Rodrigues na década de 1990. Essas descrições nunca foram publicadas e foram gentilmente cedidas por ela para minha pesquisa, às quais acrescentei novas informações com os anciãos atuais.

9. *Ikòrò Tòbò Hawa*. Sítio histórico da atual aldeia São João fundada em 1979, que foi ocupado originalmente pelos antepassados dos *Inỹ/Javaé* até o século XVIII, quando a aldeia foi extinta pela ação dos Bandeirantes. *Ikòrò tòbò* é o que foi lambido (*tòbò*) pela raposa (*ikòrò*), expressão que tem relação com a existência de muitos abacaxis selvagens (*hanona*) no lugar, bastante apreciados pelas raposas. Segundo uma outra versão, a expressão teria relação com os ovos de tartarugas que as raposas comiam na praia local. O lugar foi habitado temporariamente por famílias *Inỹ/Javaé* na década de 1940.

10. *Ahu Raru ijò*. “Boca” *ijò* do lago *Ahu Raru*. Nome do lugar onde o lago *Ahu Raru* ou Lago do Adenor (nome atual), que fica fora da ilha, se liga ao Rio Javaés.

11. *Kotxueni* ou *kotxuheni*. Nome da planta macambira, que é abundante no local.

12. *Hìtxala Ijò*. Boca (*ijó*) do rio Água Fria (*Hìtxala*). O lugar onde o rio Água Fria cai no rio Javaés.

13. *Hatxukò*. Nome da árvore “caraíba”, que é abundante no local.

14. *Horenikò*. Pé (*kò*) de babaçu (*horeni*). Assim como no trecho anterior com o mesmo nome, não existe babaçu no lugar, mas no passado existia um único pé dessa palmeira no local. É lugar de morada do Laira Javaé. Um homem com esse nome morreu e foi transformado em espírito de aruanã que se chama *Ijareheni*.

15. *Mahakabuku*. O nome da pessoa que pegava ou tirava os ovos de tartarugas nas praias.

16. *Hùrèkèrè*. Metade (*kèrè*) de cachoeira (*hùrè*). Lugar de pedreiras que formam cachoeiras no Rio Javaés. O nome se refere ao fato de que as pedras não atravessam o rio inteiro, de uma margem a outra, mas se localizam apenas em parte ou metade do rio.

17. *Tabàlàna Hawa*. Lugar da primeira aldeia *Tabàlàna*, situada na margem direita do rio Javaé.

18. *Hèryrihiky Hawa*. Lugar da atual aldeia Cocheirinha, ocupado originalmente pelo povo de *Hèryri* há séculos atrás e retomado pelo líder *Habàhyjà* Javaé nos anos 1930. A palavras *hèryrihiky* significa muitas (*hiky*) macaúba (*hèryri*), em razão da grande concentração de pés de macaúba no lugar até hoje.

19. *Aõni tyhy ryna*. Lugar (*ryna*), *aõni* (ser feroz), *tyhy* (de verdade). *Aõni tyhy* é o nome de um *aõni* (ser antropomorfo invisível e canibal) muito forte existente nesse lugar, que habita um o nível subaquático em um poço do Rio Javaés.

20. *Ijòti Hawa*. Aldeia (*hawa*) do barranco alto (*ijóti*). Nome muito antigo do sítio alto e seco, do lado da Ilha do Bananal, fundado por *Tatxiroa* Javaé, morador de *Marani Hawa* para passar o inverno ocasionalmente, quando fazia expedições mais longas ao rio Javaés.

21. *Kurà wyòti*. Nome muito antigo de um lugar onde existia e ainda existem muitas plantas goiabeiras nativas (*kurà*) na beira do Rio Javaés. O local era um ponto tradicionalmente de descida dos moradores de *Marani Hawa* ao rio Javaés na estação do verão. Eles iam ao rio para pescar tartarugas e às vezes passavam o inverno no sítio vizinho de *Ijòti Hawa*. No mesmo lugar se chama *Waxina bò Ijòti*. *Waxina* nome de um homem; *bò* se refere ao babaçu ou cocal. Cocal do *Waxina*.

22. *Budòè ròna*. Lugar (*na*) onde comeram (*rò*) o veado (*budòè*). Nome que faz referência a um episódio ocorrido no lugar.

23. *Ruku Ijarana*. Lugar (*na*) onde a barriga grande (*ruku*) correu (*ijarana*). *Ruku* é a palavra para cabaça e pode ser usada no sentido metafórico de barriga grande. O nome se refere a um episódio em que uma mulher idosa, que tinha a barriga grande, correu do lugar com medo de uma onça.

24. *Hejuka tyby wabèdè*. Lugar do enterro (*wabèdè*) do pai (*tyby*) de *Hejuka*. Nome do local onde um grupo de primeiro morador da aldeia *Ikòrò Tòbò* foi enterrado. Ele morava onde existe a atual aldeia São João. Após uma epidemia, *Hejuka tyby* fugiu de *Ikòrò Tòbò* mas morreu logo em seguida. Seu corpo foi enterrado e o lugar ficou conhecido por *Hejuka tyby wabèdè*.

25. *Kòtu wè ròna*. Lugar onde (*na*) comeram (*rò*) o tracajá (*kòtu*) gordo (*wè*). Nome do lugar onde algumas pessoas comeram o tracajá gordo.

26. *Mõtõ Lòwòry*. O nome se refere ao início de uma passagem fluvial *lòwòry* de canoas que leva a uma lagoa onde existe as plantas aquática *mõtõ*. Atualmente aldeia Taimy.

27. *Ahateni*. Lugar onde existe a palha piaçaba (*ahatè*) falsa (*ni*).

28. *Iroa Haky waxina*. Lugar (*na*) do anzol (*waxi*) de *Iroa*. Nome do lugar onde *Iroa* pescou tartarugas com anzol.

29. *Wòrè* (masc.) ou fala feminino *Wòkòrè lyty*. Ninho (*lyty*) do jaburu (*wòrè*). Nome do lugar onde o jaburu fazia o seu ninho.

30. *Woixina Ijòt*. Barranco alto (*ijòti*) das raízes medicinais (*woixina*). Nome de um barranco alto da margem direita do rio Javaés onde se inicia uma maior concentração e diversificação de plantas medicinais em direção ao cerrado de *Ijanakatu Hawa*. Nesse lugar há jazida de pedra preta de amolar. Até a década de 1970 as pessoas iam buscar pedras nesse lugar. Como está fora da ilha, hoje não é permitido o acesso a esse lugar.

31. *Bero Ikotxi*. Atalho (*ikotxi*) do rio (*bero*). Nome do lago da Ferradura situado na Ilha do Bananal, junto ao rio Javaés, também conhecido como *Bero Tyby*; rio (*bero*) velho (*tyby*). Trata-se da curva de um antigo rio que se emendou e formou uma espécie de lago.

32. *Wakareni ryna* ou *Warini ryna*. Lugar (*ryna*) do *Wakareni* ou *Warini*. Nome de um aruanã que habita nas profundezas invisíveis do nível subaquático do rio nesse local.

33. *Saco Ixena*. Lugar onde caiu (*ixena*) um saco. A expressão se apropria de uma palavra do português e se refere a um episódio ocorrido no lugar. Um aruanã estava cantando um canto que mencionava um pássaro que carregava um saco nas pernas. Esse aruanã caiu enquanto dançava na praia e por isso ficou a memória desse episódio.

34. *Iradèsò ryna*. Lugar (*ryna*) do aruanã de cabelo vermelho (*iradèsò*). Nome do poção no rio Javaés em cujas profundezas invisíveis do nível subaquático habita o aruanã chamado *Ijareheni Iradèsò*.

35. *Ijanakatu Hawa*. Lugar no rio Javaés paralelo ao nome de *Ijanakatu Hawa*, que está no interior da Ilha do Água Fria.

36. *Berixa Haky kynyra*. A praia (*kynyra*) da *Berixa* muito respeitada (*Haky*). *Berixa*, nome de uma mulher (atual retiro Jatobá).

37. *Macambira waxina*. Lugar onde (*na*) *Macambira* pescou as tartarugas com anzol (*waxi*). Nome do lugar onde um Karajá que vivia no meio dos *Iny/Javaé*, conhecido como *Macambira*, pescou com anzol.

38. *Jyrè rubuna*. Lugar onde (*na*) mataram (*rubu*) um animal que se chama de ariranha (*jyrè*). O nome do lugar onde mataram uma ariranha.

39. *Òwòru Huky*. Nome de uma árvore (*òwòru*) grande (*huky*). No tempo mítico essa árvore era gente (um homem) que namorava com uma filha do Sol, que era esposa de *Ijanakatu*. Este descobriu a traição e foi matar *Òwòru*. AS flechas de *Òwòru* eram peixes que saltavam e caíam na canoa de *Ijanakatu*. As flechas de *Ijanakatu* não atingiam

Òwòru. Quando a canoa estava quase afundando, uma irmã de *Ijanakatu* tomou o arco dele e atirou, acertando *Òwòru* e o matando. Por isso o lugar ficou com esse nome sendo abundante de algodoeiro.

40. *Iratòkòtòkò ryna*. Nome do poção no rio Javaés onde na profundidade invisíveis do nível subaquático habita o aruanã *Iratòkòtòkò*.

41. *Ryni ryna*. Nome do lugar (*ryna*) onde o aruanã *Ryni* (peixe cari) mora.

42. *Bèlyby Ijò*. Nome o lugar onde cai o Rio Verde. *Bèè* (água), preto (*lyby*), boca (*ijó*). A boca do Rio Verde onde é a atual aldeia Barra do Rio Verde, comunidade Karajá que habita na área Javaé.

43. *Kywi Luku*. Nome do lugar (*na*), *kywi* é uma coruja da noite, *luku* é ninho. O nome do lugar onde a coruja *kywi* fez ninho. Atual aldeia *Waritaxi*, comunidade Karajá que habita na área Javaé.

44. Macaúba. Nome do lugar onde existem os pés de macaúba (*hèryri*).

45. *Wytyri Tyby róna*. Nome do lugar (*na*) onde a piranha (*róna*) comeu ou mordeu pai de *Wytyri*.

46. *Waka Rawo*. Nome do local da baixada (*rawo*) de *waka* (pássaro mergulhão). Se refere a uma baixada onde tem mergulhão, atual volta grande.

47. *Hèdèdura rubuna*. Nome do lugar (*na*) onde a arara vermelha (*Hèdèdura*) morreu. *Hèdèdura* (arara vermelha), *rubuna* (lugar onde morreu).

48. *Tahakala*. Nome de primeiro morador do lugar. Atual aldeia Barreira Branca. Foi abandonada por muito tempo e depois retomada pelo líder de uma comunidade *Inỹ/Javaé*, *Ijawala* Javaé.

49. *Tohokuani Ryna*. Nome do lugar onde (*Tohokuani*) mora no local. *Tohokua* bebê ou criança novinho, (*ni*) falso. *Tohokuani* é um aõni (ser feroz) com formato de bebe que vive no nível subaquático nesse lugar.

50. *Tòkèra Lamana*. Nome do lugar onde existia a abóbora. *Tòkèra* (abóbora) *lamana* (lugar onde foi plantado).

51. *Mana-Ro*. O lugar do rio Javaés onde é um poção de pedreiras. *Mana* (pedra) *ro* (local de poção).

52. *Ryrie Ho*. Lugar de muito (*ho*) peixe cari (*ryrie*). Nome de um lugar de muito peixe cari.

54. *Watxiwi Lamana*. Lugar onde a panela de barro existiu no local. *Watxiwi* (panela de barro); *lamana* (lugar). É também reconhecido como *Kywakoro*. *Kywa* (jatobá) *ro* (poço). Nome se refere ao poço de jatobá.

55. *Hèmylalani*. Nome do lugar onde um *aõni* na forma de cobra grande (*hèmylalani*), habita no local de poço. *Ni* (falso) Trata-se de um ser com formato de cobra, mas que não é uma cobra, mas sim im ser feroz (*aõni*).

56. *Worosỹ Tyhy Ryna*. Lugar (*ryna*) onde *worosỹ tyhy* mora. *Worosỹ* (um espírito), *tyhy* (original ou de verdade ou respeitado).

57. *Kuèsè Kynyra* - Nome do lugar (*kuè*) capivara, (*sèè*) mãe (*kynyra*) praia. O nome de praia se refere a praia da mãe da capivara.

58. *Ahateni Riòrè*. Nome do lugar onde existia piaçabinha. *Ahatè* (piaçaba), *ni* (falso), *riòrè* (filho ou menor). Atualmente estão chamando o local de predinho, pois um fazendeiro construiu uma edificação no local.

59. *Waira Haky Rasyna*. O lugar onde o *Waira* se passou em um ritual para fase adulto. *Waira* é o nome de um menino, *ky* (com muito respeito, ou seja, grande).

60. *Ahateni Hiky*. O nome do lugar onde existia piaçaba (*ahate*), falso (*ni*), grande ou com muito respeito (*hiky*). O nome se refere ao pé maior de piaçaba.

61. *Dòrè Tyina*. Nome do lugar (*na*) onde o papagaio (*dòrè*) dormia (*tyi*).

62. *Bidi Ho*. Nome do lugar de abelha (*bidi*) em abundância (*ho*). O lugar onde existiram muitos enxames de abelhas que os povos tiravam muito mel .

63. *Txunõhõ Ryna*. Lugar (*ryna*) no Rio Javaés onde um aruanã (*txunõhõ*) mora no nível subaquático.

64. Macauba. Atual aldeia Cristo Rei.

65. *Tarijurã*. Nome do lugar da batata purga. O lugar onde existiam as batatas purga (*tarijurã*).

66. *Irariti Ryna*. Nome do lugar do aruanã *Irariti* da cabeça pintada. *Irarati* (nome do aruanã), *ryna* (lugar). Onde o aruanã *Irariti* mora no nível subaquático abaixo do Rio Javaés.

67. *Juasa ni* - O nome do lugar de *juasa* (espécie de um bambu ou taboca de fazer as flechas muito perigosas), *ni* (falso). *Juasa* é uma planta nativa, espécie de um bambu, ou também chamada taboca, utilizada para fazer as flechas e sendo muito perigosa. Se

alguns animais ou mesmo as pessoas se machucar com essa planta, poderá vir à morte. O lugar onde existiu o *Juasa*.

68. *Raradokoro*. Nome do lugar da *Raradokò* (árvore canjerana), *ro* (poção) no rio Javaés. O nome se refere a poção de canjerana.

69. *Manaro* – O poção de pedra. *Mana* (pedra), *ro* (poção). Pedreira no Rio Javaés.

70. *Rinðhðky*. O nome do lugar da cana-de-macaco (*rinð*), grande (*hðky*). O lugar onde existia a uma planta nativa que se chama cana-de-macaco.

71. *Bàjàrè Tyby Waxina*. O lugar onde *Bàjàrè* (o nome de um homem), *tyby* (pai), *waxi* (anzol), *na* (lugar). O lugar onde pai de *Bàjàrè* pescou as tartarugas de anzol.

72. *Dy Hawa*. O nome do lugar do *Dyy* (cupim). *Hawa* (um lugar de moradia). Atual Barreira Jaraguá. O lugar onde existia muitos cupins.

73. *Bero Ijò*. *Bero* (rio), *ijò* (a porta). Lugar onde o Rio Javaé começa, como braço menor do do Rio Araguaia, ou seja, o Rio Javaés se separa do Araguaia, dando início a Ilha do Bananal.

3 - Os lugares, suas histórias, seus acontecimentos e suas importâncias na cultura dos povos indígenas Iny/Javaé da Ilha do Bananal (TO).

3.1 - **Antiga história de *Kanðanð***, (*Tòròhòni* mahadu), um povo que habitou na Ilha do Bananal.

O povo que surgiu na pedreira da atual escola de Fundação Bradesco, à margem direita do Rio Javaé, foi o povo *Tòròhòni*. A aldeia tinha formato de círculo e a cultura era semelhante do povo *Wèrè*: a língua, costumes tradicionais, as músicas, as danças e também os espíritos de aruanãs. Só existiam 3 aruanãs: 1) *dòrè-my-kò* - *dòrè* é o papagaio, *kò* ou *ó* é a palavra para rosto (*kó* é na fala feminina; *ó* é fala masculina; 2) *bisa-my-kò* - *bisa* é a arara, *kò* ou *ò* é o rosto; 3) *hykyna* é um espírito de povo mais antigo. Esses três aruanas são *ijareheni*.¹⁴ E também tinha o ritual *iwèruhuky* e seus hábitos alimentares, com as comidas típicas: peixe, inhame, mandioca, batata, amendoim.

O primeiro morador de aldeia rio abaixo se chamava *Byna* e o lugar é reconhecido como *Byna Hawa* - o lugar onde o *Byna* morou, ou ainda *Byna Hawa-ijò*. A palavra *ijò*

¹⁴ Existem nove grupos de aruanãs de acordo com as características das máscaras, das pinturas, das danças e das músicas. São: *ijareheni*, *ijakuhi*, *iraburè*, *iòbèsè*, *wèru*, *dèbò*, *waije*, *hakiriri* e *txyreheni*. Além desses, existem também os *Lateni*.

se refere à porta ou a boca, ou entrada de uma vazante¹⁵ de *Byna*, ou ainda *Byna Hawa-wo*, sendo a palavra *wo* significando dentro do rio ou lago de *Byna*.

Kanðanð é o nome de um homem, liderança de povo *Tòròhòn mahadu*. Ele era chefe do povo. *Kanðanð* banhava no rio de madrugada e ficava algumas horas dentro da água. Todos os dias algumas coisas passavam embaixo das pernas e das coxas dele. O *Kanðanð* pensou: *vou descobrir o que está passando todos dias nas minhas pernas*. Ele tinha feito uma redinha tradicional que se chama *rutyky* e foi banhar. Amarrou a rede nas pernas esperando o que atentava ele e pegou na rede. Era o milho. E *Kanðanð* falou quem era ele e respondeu que é *mai* (milho). Ele pegou a espiga de milho e cortou em pedaço dividindo a espiga e com isso transformou esse milho original e diversas variedades. *Inỹ mai* é milho de *inỹ*. *Mai-sirara* (*sirara* - rápido ou apressado), milho de dois meses para chegar ao tempo de colheita. *Tori-mai* (milho de Tori). *Wararè - mai* (milho vermelho) pois o nome *wararè* é do pássaro colhereiro. *Rysi-mai*, o nome *rysi* é o ovo de peixe cari, portanto milho de grãos miúdos e roxo. *Mai-ty-ura*, grãos de milho brancos - *ty* (grão), *ura* (branco). *Mai-judi* (milho pipoca) - *mai* (milho), *ju* (dente), *di* (verbo ter), portanto milho de dente, ou seja, o milho que tem dente.

Assim o milho apareceu na cultura do povo indígena *Inỹ/Javaé*. Quando foram feitos os plantios de milhos, o *Kanðanð* sempre estava vigiando todos os dias e deu os nomes para as fases do plantio. Assim, quando estava começando a nascer se chama de *hui-ju*. O nome *hui* é o peixe traira e *ju* é dente. Ele fez comparação de tamanho de planta, que tinha o tamanho de dente de traira. Quando cresceu mais um pouco ele deu nome de *biri-tu*, (*biri*) periquito, (*tu*) calda ou rabo. O nome se refere o tamanho de calda de periquito ou rabo de periquito. Quando cresceu mais de um palmo fez a comparação de tamanho de *wairèhè-rasi*. O nome *wairèhè* é o pássaro arapapá que se alimenta de peixe e *rasi* é penacho. O nome se refere o tamanho de penacho de arapapá. Quando cresceu mais na altura de joelho das pessoas ele deu nome de *nawakiè-riòrè*. O nome *nawakiè* (ema), *riòrè* (filho ou filhote de alguns animais). A comparação de tamanho de planta se refere tamanho de filhote de ema. Quando cresceu muito até a altura de cintura das pessoas, o nome que ele deu foi *inỹ wètyamy*, *inỹ* (gente, ou seja, a pessoa) e *wètya* (cintura), *my* (tamanho). O nome se refere ao tamanho de planta na altura de cintura da pessoa. Quando já estava florando, chamou de *ròbòtò-ti-dèsèra*) o nome se refere já está soltando as flores. Quando no mesmo tempo estava soltando espigas, chamou de

¹⁵ Vazante aqui tem o sentido de um canal de ligação de um lago com o rio.

reàsinyra, ou seja, *rarunyra*, o nome *reàsinyra* são os cabelos de milho e *rarunyra* ou *iru* (espiga). Quando está quase na hora de colheita, chamou de *teàsi rejujura*. O nome *teàsi* é cabelo de milho e *rejujura* significa caiu. O nome se refere a que o cabelo de milho caiu. Quando está na hora de colheita, chamou de *mai rukura*) o nome *mai* (milho) *rukura* (maduro). Significa que já está na hora de colheita.

Mai-bò é o nome de milho verde pois *mai* (milho) e *bò* (verde, não maduro). Quando já está mais duro o nome é *mai wosò*. Quando fica bem seco o nome é *mai-rarubura*. O nome *rarubura* significa seco ou secou. Os milhos já estão secos.

Assim o *Kanðanð* fez a divisão dos plantios de milho na cultura do povo indígena *Iny/Javaé*. Só no começo os milhos foram plantados pelo líder *Kanðanð*, depois não precisava plantar os milhos novamente. Os milhos nasciam e cresciam sozinhos. Depois que o periquito (quando era gente, na forma de mulher) não deu mais conta de carregar o balaio de milho, ela reclamou que sua testa ficou muito careca de tanto carregar os milhos. Por isso que os milhos pararam de nascer e crescer sozinhos. O milho veio na nossa cultura do fundo das águas do Rio Javaés.

3.2 - História de *Lykyni*.

Ele fazia as canoas maiores de todos dos povos indígenas da Ilha do Bananal. O *Lykyni* era um dos moradores mais reconhecidos historicamente na cultura do povo indígena *Iny/Javaé*, assim como a história de *Kanðanð*. Acontecia todas as noites de uma pessoa se deitar na esteira com o *Lykyni*. E o *Lykyni* estava sem saber com quem que dormia todas as noites. Ele decidiu descobrir a pessoa que dormia com ele. *Lykyni* pediu a sua irmã para preparar tinta de jenipapo para fazer as pinturas no seu corpo inteiro e dormiu sem tomar banho, com isso intencionava passar a tinta no corpo da outra pessoa. A pessoa apareceu para dormir com o *Lykyni* e a pintura passou no corpo da outra pessoa. No outro dia ele descobriu que era própria sua irmã. Ela se chamava *Hanabururu*. O *Lykyni* tinha ficado muito decepcionado e pensou que não iria viver mais no mundo *ahana – òbira* (o mundo aqui fora). O *Lykyni* transformou uma fruta verde (*tariruku-wèbò*), em passarinho que se chama *xukuru-xukuru*. O *Lykyni* ensinou passarinho a cantar quando os homens se aproximam dele (*xukuru! xukuru! xukuru!*). *Lykyni tèry wana rabirèny!* *Lykyni tèry wana rabirèny, iny tèrè syna!* "O *lykyni* namora com a própria sua irmã sem saber". Depois do que tinha acontecido, *Lykyni* foi-se embora para sempre de tanta vergonha. Desceu no rio na cachoeira de *Kanðanð* e se transformou em um espírito de aruanã (*irasò*). Ele se foi cantando (*warijo, warijo, hãhã!*; *warijo, warijo, hãhã!*; *Warijo! Warijo! Iny rubehekeremy!*). Assim ele se foi embora mudando de lugar para o mundo

Bèra – Hatxi: *bèra*, as águas; *hatxi*, fundo. E sua irmã *Hanabururu* também foi embora para sempre e se transformou em uma sucuri. Ela desceu no rio acima da cachoeira e ela foi cantando: *katahu, katahu, katahu, katahu!* Por isso que a sucuri é pintada na barriga, pois passou a pintura do seu irmão *Lykyni*. O lugar onde ela desceu é atualmente conhecido como *ihõ –ry*. O nome *ihõ* refere-se aos espíritos que vem no final de ritual de *Hetohokÿ*. *Ry* significa estrada. O nome se refere a estrada de *ihõ*. No lugar onde a *Hanabururu* se transformou existem muitas sucuris no rio Javaés.

3.3 - História de Tori–Uhu.

O nome Tori (branco ou não indígena). *Uhu*, os ancestrais falavam que eram os alemães, que guerreavam e matavam o povo de *Tòròhòni mahadu*, também se chamam de *Kanðanð mahadu*. Uma mulher, chamada de *Myrihoko Tòròhòni Mahadu*, matou um *tori* com uma mão de pilão. Ela tinha acertado uma pancada de mão de pilão no joelho do *Tori Uhu* e seus irmãos ajudaram matar. Por isso que existe o espírito de *Tori – kuni* (o nome *tori* significa branco ou não indígena e *kuni* significa, espírito). O nome se refere ao espírito de *tori*. Esse fato aconteceu no meio da guerra dos bandeirantes. O espírito de *tori* se tornou o maior protetor do povo indígena *Inÿ/Javaé*. Quando há enfermidades nas pessoas, os *hàri* pedem a sua ajuda para curar a doença das pessoas. Também quando estiver acontecendo ataque de alguns seres ferozes (*aõni*) no lugar, o *hàri* pede a sua ajuda. Espírito de *tori* protege as pessoas nos lugares, como na mata, o *hàri* pede a proteção do *tori uhu*. Assim é na cultura do povo *Inÿ/Javaé*.

E também aconteceu do pessoal de *Tòròhòni mahadu* matar um Karajá que se chamava de *Wajurema*, que era pai de *Koxibia*. Os Karajá vinham de *Kunahija*, antiga aldeia dos Karajá na margem do Rio Javaés. Os Karajá vinham para pegar os milhos, bananas e mandioca nas roças dos *Tòròhòni mahadu*. Quando era vez de pai de *Koxibia* ele achou as mulheres, moças muito bonitas e cometeu um erro de mexer com as mulheres. O marido e os pais das moças se ajuntaram e o mataram. Ele tinha caído no laguinho e cortaram o seu pescoço com dentes de piranha preta. Por isso o nome ficou reconhecido como *Koxibia tyby ra kèrèsyna*. O nome *Koxibia*, o nome de uma mulher, *tyby* (pai), *ra* (cabeça), *kèrè* (pedaço ou metade), *syna* (lugar). O nome se refere o lugar onde a cabeça do pai de *Koxibia* foi cortado. Ele não voltou para a sua aldeia. Porque só na *Tòròhòni mahadu* tinha os plantios da roça como o milho, banana mandioca, por isso que os povos vinham muitas vezes para *Kanðanð*.

E na região de *Kanðanð* teve dois surgimentos de povos: o povo *Tòròhòni* surgiu na pedreira, na margem direita do Rio Javaés, só que habitaram na Ilha do Bananal, e o

povo *Wala* surgiu um pouco longe de margem do rio Javaés, ficando mais perto do lago que se chama de *Wala ahu*. O nome *Wala* (um povo) e *ahu* (lago). Esse lago hoje recebe o nome de *lago de piranha* e está nas terras da fazenda do cantor Leonardo. Esses dois povos tinham as suas culturas semelhantes à do povo *Wèrè*: as línguas, músicas, rituais, *Hetohokỹ*, *iwèruhuky* e os enfeites e adornos. O povo *Wala* tinham seus enfeites só da cor vermelha. Essas histórias aconteceram nos tempos mais antigos com nossos ancestrais na margem do Rio Javaes, na região de *Kanõanõ*.

Algumas pessoas narram esses acontecimentos históricos do povo *Inỹ/Javaé* e os seus lugares. Os *Wala* se transformaram em espíritos de aruanãs voltando para o mundo do nível subaquático, no lago que se chama *Wala ahu*. E o povo *Tòròhòni mahadu* foi levado pelos Bandeirantes, de batelão pelo rio e alguns foram levados de animal a cavalo. Assim, na história, os *Tòròhòni* foram retirados de seu lugar de origem.

O lugar de *Kanõanõ* é onde aconteceram vários episódios contados pelos narradores *Inỹ/Javaé*. Quem permaneceu nos lugares foi o *Hèdèdura* com sua família na região da atual mata de Cocô e *Asarika* com sua família, que escaparam, ou seja, fugiram, dos Bandeirantes para um pouco mais longe da margem do Rio Javaés. Os lugares reconhecidos como o nome deles é *Hèdèdura Hawa* (*hawa* é o lugar de moradias, uma aldeia ou uma cidade). O nome se refere o lugar onde o *Hèdèdura* morou. E na região do atual Morrinho, é conhecida como *Asarika Hawa*. O nome se refere o lugar onde *Asarika* morou. Essas duas famílias sobreviveram fugindo dos Bandeirantes.

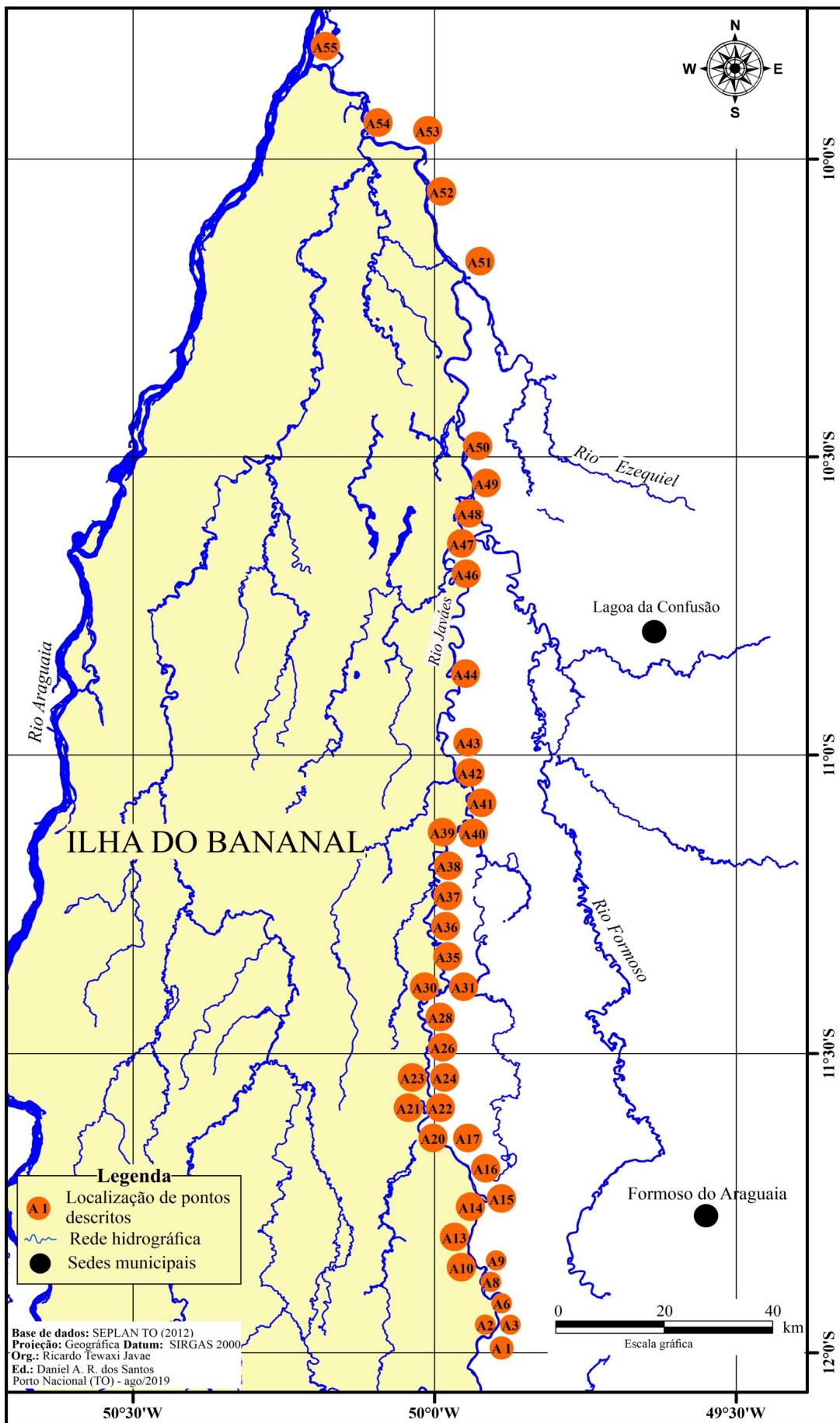


Figura 6 - Curvas e trechos do rio Javaés a jusante de Kanõanõ

Figura 7 - Quadro com os pontos descritos a Jusante da aldeia Kanðanð no rio Javaés

Código no mapa	Trechos descritos no texto	Código no mapa	Trechos descritos no texto
A1	1 a 5	A29	56 a 59
A2	6 a 8	A30	60 e 61
A3	9 e 10	A31	62
A4	11	A32	63 e 64
A5	12	A33	65 e 66
A6	14	A34	67
A7	15	A35	68 a 72
A8	16	A36	73
A9	17	A37	74 a 77
A10	18	A38	78
A11	19	A39	79 a 87
A12	20	A40	88 a 90
A13	22	A41	91 a 94
A14	24 a 27	A42	95, 96
A15	28	A43	97 a 104
A16	29 e 30	A44	105
A17	31	A45	106 a 108
A18	32	A46	109 a 118
A19	33 a 35	A47	119 e 120
A20	36 e 37	A48	121
A21	38	A49	122 a 126
A22	39	A50	127 a 134
A23	41 e 42	A51	135 a 138
A24	43 a 45	A52	139 a 141
A25	46 a 48	A53	142 a 145
A26	49	A54	146 a 151
A27	50	A55	152
A28	51 a 55		

4. Descrição dos trechos do rio Javaés.

Após narrar algumas histórias que aconteceram no lugar onde hoje está a aldeia *Kanðanð*, passo a seguir a descrever os trechos do rio Javaés, a jusante da aldeia.

01. *Kanðanð hùrè*. O nome *Kanðanð* refere-se a um homem, um líder. *Hùrè* é cachoeira. O nome se refere a cachoeira de *Kanðanð*.

02. *Kanðanð kynyra*. *Kynyra* (praia). O nome se refere a praia de *Kanðanð*.

03. *Kanōanō haute* ou *laute*. *Haute* ou *laute* é ilha. O nome se refere a ilha de *Kanōanō*.

04. *Tòròhòni ryna*. *Ryna*, o lugar ou uma cadeira de sentar. O nome se refere onde o povo *Tòròhòni* ficava no nível subaquático, no poção de pedra da Fundação Bradesco, à margem direita do Rio Javaés.

05. *Senadu rubuna*. O nome *senadu* (velha), *rubu* (morrer), *na* (lugar). O nome se refere ao lugar onde uma velha morreu. Essa velha era *tori* moradora de um lugar na Ilha do Bananal.

06. *Hùrè – kèrè*. O nome *hùrè* significa cachoeira e *kèrè* significa metade. O nome se refere metade de cachoeira pois nesse lugar a pedra que da origem a cachoeira está em apenas metade do rio Javaés. Atualmente esse lugar se chama *Kurania sè Hawa* ou *Kura – sè Hawa*. *Kurania* é nome de um homem. *Sèè* significa mãe. Esse nome se refere a uma grande narradora, por nome de Maria *Hùiriru* Javaé que morou nesse lugar na década de 80. Ela era mãe de *Kurania* (Juarez) e já faleceu e ficou só a sua memória no nome do lugar que continua habitado por suas netas. O nome *Kurania* é o nome do filho mais velho de *Hùiriru* Javaé e ele era chefe de ritual de *Hetohokỹ*. Ele também só ficou na memória.

07. *Hùrè – kèrè haute* ou *laute*. O nome *hùrè* (cachoeira), *kèrè* (metade), *haute* ou *laute* (ilha). O nome se refere a ilha de metade de cachoeira.

08. *Hùrè – kèrè kynyra*. O nome *hùrè* (cachoeira), *kèrè* (metade), *kynyra* (praia). O nome se refere a praia de metade da cachoeira.

09. *Harara – luku*. O nome *Harara* (arara azul) e *luku* (ninho no pau oco). O nome se refere ao lugar onde arara azul fazia o ninho.

10. *Harara - luku – ro*. O nome *harara* (arara azul) e *luku* (ninho no pau oco), *ro* (poção). O nome se refere ao poção onde a arara azul fazia ninho. O lugar no poção era de pescaria de tartarugas no tempo passado. Hoje o lugar é reconhecido como a bomba, pois tem uma bomba d'água para irrigação e abastecimento da Fundação Bradesco.

11 *Byna Hawa ijò*. O nome *Byna* é o nome de uma pessoa e *hawa* é o lugar de moradia. *Ijò* é entrada ou a boca. O nome se refere a entrada do lago da morada de *Byna*, atual *mana Hawa ijò*. O *Byna* era morador do lugar. O trecho do rio Javaés, abaixo da entrada do lago, é chamado *Byna Hawa bero rèhè*. O nome *Byna* é de um homem, *hawa* (o lugar de moradia), *bero* (rio), *rèhè* (longo ou comprido). O nome se refere ao trecho longo do rio onde morava *Byna*.

12. *Kòròbi – dèbò*. O nome *kòróbi* (macaco) e *dèbò* (mão). O nome se refere a mão de macaco. *Kòròbi – dèbò kynyra*. O nome do lugar da praia de mão de macaco. *Kòròbi – dèbò – ro*. Poção de mão de macaco. Também lugar de pescaria de tartarugas no tempo passados.

13. *Hakotxianaru – kynyra*. O nome *Hakotxianaru* é o nome de uma mulher e *kynyra* e praia. O nome se refere a praia de *Hakotxianaru*.

14. *Hatoxiri*. O nome *hatoxiri* significa uma espécie de árvore que existem na margem de rio ou nas praias. *Hatoxiri kynyra*, a praia de *hatoxiri*. Atualmene ali se instala a praia de temporada no mês de julho, chamada de Recanto da Ilha. O lugar onde era acampamento de Avá–Canoeiro, nos tempos passados.

15. *Ahatè – Hetxi, ijó* e *Ahatè – Hetxi – kynyra*. O nome *Ahatè* (piaçaba), *hetxi* (curva ou ressaca) e *hetxi* também é ânus, *kynyra* (praia). O nome se refere a praia de ressaca de piaçaba. O nome *ijò* é a porta ou a boca. O nome se refere a boca, a entrada da ligação de piaçaba. Essa vazante é que faz ligação para aldeia Kanðanð ou vai para Sohoky, quando no tempo de enchente. *Ahatè – Hetxi, Haute* ou *Laute*, o nome se refere a ilha da boca de piaçaba. Manoel *Ikulari* Javaé matou sua terceira esposa, *Karela* Javaé, nessa praia de *Ahate- hetxi*. Atualmente chama esse lugar também de Casa de Tábua.

16. *Bòtòè sōna*. O nome *bòtòè* é o pássaro que se chama de pomba, *sō* é queimada, (na) lugar. O nome se refere o lugar onde a pomba foi queimada. *Bòtòè sōna kynyra* é a praia onde a pomba foi queimada, que fica na margem direita do Rio Javaés.

17. *Wakahiwa Ixèna*. O nome *Wakahiwa*, (nome de um homem), *ixè* (queda), *na* (lugar). O nome se refere ao lugar onde o *Wakahiwa* caiu dentro de água para pegar o pirarucu com *dèòrèru* ou *bèrèwy* (a rede tradicional). *Wakahiwa Ixèna kynyra*. A praia onde *Wakahiwa* caía dentro da água. Atualmente esse é o lugar da Praia Grande, uma praia de temporada no mês de julho. É também reconhecido como Jaime, que é o nome de morador do lugar a margem direita do Rio Javaés, que aluga espaços nessa praia para a temporada.

18. *Malua Lohoji iràna*. O nome *Malua* (nome de um lutador), *lohoji* (só ou apenas um), *irà* (gritando ou chamando), *na* (lugar). O nome *Malua* é também um nome próprio. O nome se refere o lugar onde um só lutador chamou os outros para lutar. Atualmente é o lugar Quebra Linha, ou a fazenda do doutor Abdala, na margem direita do Rio Javaés. Na margem esquerda esta a fazenda do Batista Araújo Tuxá (ver nota 12).

O lugar onde os povos pescavam as tartarugas e pirarucus que eram abundantes nesse lugar.

19. *Haluruni*. Nome *Haluru* é uma espécie de uma orquídea e *ni* é falso. *Haluruni kynyra*, é a praia; *Haluruni bero rèhè*, *bero* (rio), *rèhè* (trecho longo, ou seja, comprido); *Haluruni haute ou laute*, *haute* ou *laute* (ilha). Atualmente é conhecida como ilha de Deuselia.

20. *Waharu Hawa*. O nome *Waharu* (nome de uma mulher), *Hawa* (lugar de moradia). O nome se refere o lugar onde *Waharu* morou alguns tempos. Atualmente é o retiro da *Waharu*. Na margem direita esta a fazenda do Furtunato.

21. *Mana-ro*. O nome *Mana* (pedra) e *ro* (poção de pedra).

22. *Ixati tyby kynyra*. O nome *Ixati* (nome masculino), *tyby* (pai), *kynyra* (praia). O nome se refere a praia de pai de *Ixati*. Atualmente é lugar de bomba onde os não indígenas fizeram irrigação para as lavouras. Existiu a lavoura de plantio de arroz na região de Porto Piauí, décadas atrás, e atualmente a área é pastagem.

23. *Naria Hawa*. O nome *Naria* (nome próprio de uma mulher). O nome se refere o lugar onde a *Naria* mora. Ela é casada com o *tori* que se chama Paulo do Né. O lugar antigamente tinha o nome *Budòè rònna kynyra matyrè*. O nome *budòè* (veado mateiro, ou seja, catingueiro), *rò* (comer), *na* (lugar), *kynyra* (praia), *matyrè* (próximo). O nome se refere ao lugar onde as pessoas comeram a carne de veado. A praia fica na margem direita do rio. *Sewerehi Hawa*. O nome *Sewerehi* (nome de um homem), *hawa* (lugar de moradia). O nome se refere o lugar onde *Sewerehi* mora. É no começo da aldeia Txuiri pra cima do rio Javaés .

24. Atual aldeia *Txuiri*. O nome *Txuiri* é o nome de um homem. O lugar era chamado de *budòè rònna kynyra*. O nome se refere a praia onde os povos comeram a carne de veado mateiro ou catingueiro. Os primeiros moradores desse local não eram índios. Eram principalmente maranhenses atraídos pela fartura de pastos nativos, o que permitia criar gado bovino com grandes lucros. Esses moradores cresceram em quantidade e chegaram a ser mil moradores nessa região (Jacobs, 2000). Em 1995 algumas famílias indígenas mudaram – se para Porto Piauí e no dia 19 de abril aconteceu a inauguração da aldeia, o que estava representado por casas construídas no meio das ruas. Aconteceu então, em dezembro do mesmo ano, a desocupação das terras indígenas e com isso os moradores não- índios foram embora. Esta comunidade é caracterizada por tentar manter

sua cultura e seus saberes tradicionais, mesmo diante do desafiador convívio / contato com o não – indígena (Tori), que se consolidou ao longo do tempo.

25. *Txuiiri – hina bero rèhè*. O nome *Txuiiri* é o nome de um homem, *hina* é choro de homem, *bero* é rio e *rèhè* é longo ou comprido. O nome se refere ao lugar do rio longo, onde o homem chamado de *Txuiiri* chorou e ficou muito cansado de remar de canoa.

26. *Wajuahatè- ry- kynyra*. O nome *wajuahatè* é arco, *ry* é estrada, boca ou um peixe cari, *kynyra* (praia). O nome se refere a praia de estrada de arco, que era onde as pessoas pegavam a planta pati para fazer arco.

27. *Korixà – hàky herina*. O nome *Korixà* (nome próprio de uma mulher), *hàky* (grande ou com muito respeito), *herina* (lugar de deitar). O nome se refere ao lugar onde *Korixà* deitou. *Korixà hàky herina – ro*. O nome *ro* é poção do rio, no local. Era lugar de pescaria das tartarugas e também existe um *ãoni* (ser feroz) no local. Esse ser se chama doreni. O nome *dòrè* é papagaio e *ni* é falso. Na cultura e visão cosmológica Javaé, doreni é uma figura com metade do corpo de gente e metade de peixe, lembrando uma sereia.

28. *Wyhy bò ruirèsy*. O nome *wyhy* (flecha), *bò* (verde ou branco), *ruirèsy* é pescaria tradicional na boca de um córrego ou lago. O povo antigo fazia barreira com os galhos das árvores ou com as folhas de babaçu para barrar os peixes no lugar. Por isso se chama *ruirèsy*. *Ruirèsy kynyra* a praia de *ruirèsy*, ou praia de pescaria tradicional. No mesmo lugar rio abaixo se chama *Haluku-Huky*. O nome se refere o lugar onde existe grande buraco no nível subaquático. *Haluku-Huky kynyra*. O nome se refere a praia de buraco grande e também o lugar onde *reimylò* existe no nível subaquático, sendo que o nome *reimylò* é a cobra grande ou buiuna.

29. *Kuekoro*. O nome *kuè* (capivara), *kò* (rosto), *ro* (poção). E também uma árvore se chama de *kuèkò* (piranheira). O nome se refere ao lugar onde há abundância das árvores nativas na margem do rio. E também era lugar de pescaria as tartarugas no tempo passado.

30. *Hawalò bero rèhè*. O nome *Hawalò* é morro ou montanha, *bero* é rio e *rèhè* é longo ou comprido. Na região do *Hawalò* na margem direita do Rio Javaés. Por isso se chama *Hawalò*. Nesse trecho de rio existem três ilhas no meio do rio, conhecida como *Hawalò Haute* ou *Laute*. O nome *Hawalò* é morro, *haute* ou *laute* é ilha. O nome se refere, ao rio do morro e as ilhas de morro.

31. *Awihè bero*. O nome *Awihè* (inajá), *bero* (rio). O nome se refere o rio do inajá. Atualmente é o local da aldeia Imõtxi 02. É também reconhecido como o nome de um

proprietário da fazenda Sinobim. Também faz nesse lugar a barreira para travessia dentro da Ilha do Bananal para ir ao Estado de Mato Grosso. *Awihè bero rèhè*, o nome se refere o rio longo do inajá.

32. *Taratyky – Tèrè Ijò*. O nome *Taratyky – Tèrè* é um passarinho que vive nas praias no tempo de verão, uma espécie de gaivota pequena. *Tèrè* (dura), *ijò* (porta ou a boca). Tem uma vazante que faz ligação para o lago Sohoky no tempo da enchente. Nesse lugar também tem a moradia de um ser feroz (*kōrini*), no nível subaquático. O nome *kōri* (anta), *ni* (falso). Na fala masculina (*ōrini*). Atualmente as pessoas associam o *kōrini* com o hipopótamo. *Tori* dizem que não existem os hipopótamos no Brasil. Nas visões cosmológicas dos pajés, existem animais como os hipopótamos no nível subaquático do rio Javaés, ou em alguns lagos na Ilha do Bananal. As pessoas afirmam que escutam os sons do *kōrini*, gritando no fundo das águas.

33. *Nōtxièsa*. O nome *nōtxiè* (gaivota), *sa* (branco ou manchado). *Nōtxièsa kynyra* (praia da gaivota). O nome se refere gaivota branca e a praia de gaivota branca. Atualmente é conhecido o lugar como viúva, pois que tem uma viúva que mora ali numa fazenda. Também chamado de bomba, pois na década de 1980 tinha uma bomba de puxar as águas para irrigar as lavouras de arroz. Também era lugar de pescaria das tartarugas no tempo antigo. Atualmente não existem muitas tartarugas nesse lugar.

34. *Taijana waxina*. O nome *taijana* (hábito, maneira, jeito), *waxi* (anzol), na (lugar). O nome se refere ao lugar onde um homem pescou a tartaruga na sua maneira de pegar as tartarugas. O homem que pescou no local se chamava *Mahaku* Javaé. Por isso que se chama de *taijana waxina*. Quando *Mahaku* pescou uma tartaruga, os companheiros falaram para tirar logo. Ele se recusou dizendo que faria do seu jeito. (*Waijana idi watxirèri*). A tartaruga escapou do anzol e foi embora. A turma de companheiros riu dele. Atualmente é a fazenda do ex-prefeito da cidade de Formoso do Araguaia (Domingos Pereira), na margem direita do Rio Javaés.

35. *Hawò di Ixèna*. O nome *hawò* (canoa), *di* (passagem), *ixè* (queda), *na* (lugar). O nome se refere ao lugar onde os povos passavam de canoa para o rio Javaés. É o lugar onde existe o ser feroz (*rèimylò*) serpente ou buiuna que mora no lugar, na margem direita.

36. *Iwory hyky ijò*. Nome *iwory* (vazante), *hyky* (maior), *ijó* (porta ou a boca). O nome se refere a boca ou entrada da vazante maior, que faz ligação para antiga aldeia *Lòrèky* e também para o lago do *Sohoky*. São três pajés que morreram assassinados no local. *Mahaku* Javaé foi morto pelo *Weria* Javaé na praia. *Waitxari* Javaé morreu matado

pelo Andre *Kalàriki* Javaé e meu avô materno *Kukusi* Javaé também morreu matado pelo *Kuriaru* Javaé. Esse lugar ou caminho faz a ligação de quase todas antigas aldeias pela terra até chegar ao Rio Araguaia. *Iworyhyky ijò bero rèhè*. O nome se refere ao rio longo abaixo da entrada maior.

37. *Halòè Ahu*. O nome *Halòè* (onça) *Ahu* (lago). O nome se refere ao lago da onça.

38. *Kyna Ahu*. O nome *kyna* (embira), *ahu* (lago). O nome se refere lago do embira. *Kyna ahu kynyra* é o nome da praia de lago de embira. *Kyna ahu ro*, poção do rio no lugar de pescaria de tartarugas. Até hoje existem as tartarugas no poção, onde também existem vários seres ferozes (aõni) além de existirem os espíritos de aruanãs no nível subaquático, segundo os conhecimentos cosmológicos dos pajés.

39. *Tèru-Tèru ryna*. O nome *Tèru-Tèru* é um pássaro chamado tetéu ou quero-quero. *Ryna* é o lugar de moradia, mas também significa uma cadeira de sentar. Um espírito de aruanã que tem o nome de *tèru-tèru* mora no local no nível subaquático. O nome se refere ao lugar onde o espírito de aruanã *tèru-tèru* mora no subaquático. É também o lugar de pescaria de tartarugas.

40. *Weryry ijarana*. O nome *weryry* significa uma criança gênero masculino, *ijara* (carreira ou correu) e *na* (lugar). O nome se refere ao lugar onde o menino correu. *Weryry ijarana kynyra* significa o nome do lugar da praia onde o menino correu. Esse lugar também tem pescaria das tartarugas no local de poção.

41. *Bero Rèa*. O nome *bero* (rio) *rèa* (furo de um rio). O nome se refere ao furo de um rio. Esse lugar tem abundância de tartarugas e de pirarucus. Hoje em dia a pescaria se realiza nesse lugar onde as pessoas pescam as tartarugas.

42. *Kuèsè kynyra*. O nome *kuè* (capivara) *sè* (mãe) *kynyra* (praia). O nome se refere a praia da mãe da capivara.

43. *Wyhynõ bero rèhè*. O nome *wyhy* (flecha), *nõ* (emenda), *bero* (rio), *rèhè* (trecho longo). O nome se refere o rio longo da emenda de flecha. No lugar existe planta *wyhynõ* com a qual se faz ponta de flechas. Atualmente é conhecido também como Lote 01. Quando a terra era da escola agrícola Fundação Bradesco era chamado de lote 01 e permanece com esse nome até hoje.

44. *Õrini ryna*. O nome *õri* (anta), *ni* (falso), *ryna* (o lugar ou lugar de sentar). *Õrini* na língua do povo Javaé é interpretado como hipopótamo. O nome se refere ao lugar onde o *Õrini* (hipopótamo) mora.

45. *Kòwòruhuky*. O nome *kòwòru* (árvore), *huky* (maior, gigantesco). Uma árvore nativa que se chama de algodoeiro. O lugar era abundante de algodoeiro.

46. *Wiwijo*. O nome *Wiwijo* (uma árvore nativa) que se chama barriguda. Atualmente é chamado de bomba porque essa área esta na margem direita do rio Javaé, sendo propriedade particular de uma grande fazenda dos portugueses, a COBRAPE, projeto de lavoura grande produtor de arroz na margem do rio Javaés. *Wiwijo kynyra*, a praia do *wiwijo*.

47. *Kurè kòna*. O nome *kurè* (camaleão) e *kòna* (lugar onde os camaleões faziam os ninhos). O nome se refere o lugar onde os camaleões faziam os ninhos.

48. *Bero konana ry*. O nome *bero* (rio), *konana* (final), *ry* (estrada, boca e peixe cari). O nome se refere o caminho que vai para o final do rio *Wari – Wari*.

49. *Kōri dèburèna*. O nome *kōri* (a anta), *dèburè* (valente), *na* (lugar). O nome se refere o lugar onde a anta ficou furiosa.

50. *Adàhà ry*. O nome *adàhà* (espécie de cará, nhamé), *ry* (estrada, boca ou peixe cari). O nome se refere a estrada de *adàhà*.

51. *Ixybiawa dèhèmyna*. O nome *Ixybiawa* (povo Xambióa), *dèhèmy* (chegada ou chegou), *na* (lugar). O nome se refere ao lugar onde o povo *Ixybiawa* chegou no local na praia para visitar seus parentes. Atualmente é o lugar da aldeia Boa Esperança.

52. *Rurãoky*. O nome *rurã* (árvore nativa que fica na margem do rio), *oky* (abundância de árvore nativa no local). O nome se refere ao lugar onde havia abundância de árvores nativas chamadas de *rurã*, na margem do rio Javaés. O povo de *Wari-Wari* a passou ultima temporada na praia do lugar. Houve um episódio na família de Capitão *hàri Kuòruwa* Javaé, irmão de *Ixujuwèdu* Javaé e de *Ijahina* Javaé. Eles eram três irmãos que foram antigas lideranças de aldeia *Wari-Wari* e estiveram envolvidos em episódio de morte de *Ikukana* Javaé nesse lutar, como castigo pelo fato que ele era *hàri* e foi acusado de ter molestado uma filha de *Kuòruwa*.

53. *Wou Bèrèna*. O nome *Wou* (Tapirape ou Guerra), *bèrè* (acabou ou algo pendurado), *na* (lugar). O nome se refere o lugar onde os Tapirape se acabaram, ou seja, morreram no local.

54. *Aximani kynyra*. O nome *Aximani* (o nome de um homem), *kynyra* (praia). O nome se refere a praia de *Aximani*. Esse local era moradia temporária dos povos antigos de *Wari-Wari*. *Aximani kynyra ratòkò*. O nome *Aximani* (um homem), *kynyra* (praia)

ratòkò (morrinho de areia na praia). O nome se refere ao morrinho de areia na praia de Aximani.

55. *Xiniwè herina kynyra*. O nome *Xiniwè* (o nome de um homem), *herina* (lugar de deitar, ou de sepultar), *na* (lugar), *kynyra* (praia). O nome se refere o lugar onde *Xiniwè* se deitou ou foi sepultado.

56. *Rytãmyra*. O nome *ry* (estrada, boca ou peixe cari), *tãmyra* (novo ou nova). O nome se refere a estrada nova. Lugar da atual aldeia *Wari-Wari*. O lugar é também onde *Kyrysa* matou *Myxiwari Javaé*. Essa praia era morada temporária dos povos de Wari–Wari. A antiga aldeia Wari- wari fica aproximadamente 12 km de margem do rio Javaés. O povo que habitou nos lugares era *Kuriawaku mahadu*.

57. *Ijararè Ryna*. O nome *Ijararè* (um espírito de aruanã), *ryna* (lugar ou uma cadeira de sentar). O nome se refere ao lugar onde o espírito de aruanã chamado *Ijararè* mora no nível subaquático na cachoeira. *Ijararè-ryna kynyra* é o nome da praia de *Ijararè*.

58. *Kuèkoro*. O nome *kuèko* (a árvore nativa que existem nos lugares que não-indígena chama de piranheira). *Ro* (poção). O nome se refere o lugar onde há abundância das árvores nativas que se chama de *kuèkò*. *Kuèkoro kynyra* é o nome a praia de *kuèkoro*.

59. *Kyrysa ijarana kynyra*. O nome *kyrysa* são os Avá–Canoeiro, *ijara* (correu ou aconteceu), *na* (lugar), *kynyra* (praia). O nome se refere a praia onde aconteceu o episódio em que o povo *Iny/Javaé* se confrontou com os Avá–Canoeiro. Um Avá–Canoeiro morreu no meio de confronto. Foi o rapaz *rahetodu Ijoriwè* tinha matado um Avá–Canoeiro de *tõnõri* (lança de madeira com ponta de osso de onça parda). Os *Iny/Javaé* não tiveram nenhuma morte ou ferimentos. O nome *rahetodu* significa um rapaz formado que usa o cocar. *Tõnõri* (lança). Esse lugar de praia onde as pessoas de Wari – Wari passavam temporada nas praias, nos tempos mais antigos.

60. *Ihetxiwo*. O nome *ihetxiwo* é uma curva do rio bem torta.

61. *Kuriaru ira*. O nome *Kuriaru* é nome próprio de um homem, *ira* é um canal de passagem de canoa na rasura no rio Javaés. O nome se refere ao lugar onde o *Kuriaru Javaé* fez um canal de passagem de canoa no raso de rio.

62. *Makuku kynyra*. O nome *Makuku* é um nome próprio masculino, *kynyra* é praia. O nome se refere a praia de *Makuku*. A praia era morada temporária dos povos de Wari – Wari. *Makuku ijò*. Esse nome se refere a boca de vazante de *Makuku*. A vazante entra na margem direita do rio Javaés. *Makuku kynyra ratòkò*, o nome se refere ao morrinho de areia da praia de *Makuku*. *Makuku bero rèhè*, o nome se refere ao longo

trecho do rio do *Makuku*. Atualmente o lugar se chama Sisi, que é o nome de um fazendeiro morador do local na margem do rio Javaés.

63. *Kulahuri Kòwòrù ritina*. O nome *kòwòrù* (árvore), *riti* (pintura ou escrita), *na* (lugar). O nome se refere ao lugar onde um homem chamado *Kulahuri* pintou o pé de uma árvore. Reconhecido como *kòwòru ritina*, não se usa mais atualmente o nome de *Kulahuri*. A praia era morada temporária dos povos de *Wari-Wari*. Meu pai, José *Wèrèumari* Javaé, era conhecedor e narrador dos conhecimentos do rio Javaés e contava essas histórias. *Kòwòru ritina kynyra*, o nome se refere a praia de árvore pintada. *Kòwòru ritina kynyra matyrè*, significa a praia emendada na outra (*matyrè*). O nome se refere a segunda praia da árvore pintada. Na década de 90 os povos Kraho-Canela, habitaram por alguns anos esse local. Depois que desabitaram, o lugar virou um retiro com aluguel de pastagem para gado bovino.

64. *Hatxukò*. O nome *Hatxukò* é uma árvore nativa que se chama caraíba. Atualmente é lugar da aldeia Bela Vista. No lugar existem muitas árvores nativas caraibas. *Hatxukò kynyra*. A praia da caraíba.

65. *Mana ruty*. O nome *mana* (pedra), *ruty* (pedrinhas ou cascalhos). *Mana ruty bero rèhè*, o nome se refere ao trecho longo do rio onde tem de cascalho. Atualmente o lugar se chama Barreira Patrocínio, nome de um fazendeiro morador do local. A barreira faz ligação para o interior da Ilha do Bananal. A praia era morada temporária dos povos de *Wari-Wari*.

66. *Worèkè dèhèmyna*. O nome *Worèkè* (o nome de um homem), *dèhèmy* (chegada), *na* (lugar). *Worèkè dèhèmyna kynyra*. O nome se refere a praia onde *Worèkè*, um homem karajá, chegou para visitar o povo *Iny/Javaé*.

67. *Hatoxiri kynyra rèhè*. O nome *hatoxiri* são as árvores que ficam na margem de rio ou da praia, *kynyra* (praia), *rèhè* (longo). O nome se refere a praia longa de *hatoxiri*.

68. *Bero kòè*. O nome *bero* (rio), *kòè* (torto). *Bero kòè kynyra*. O nome se refere a praia de rio torto. Era morada temporária dos povos *Wari-Wari*. Na região de *Wari-Wari* algumas praias eram moradas temporárias dos povos no verão.

69. *Harureni bèmuna kynyra*. O nome *harureni* é um espírito de aruanã, *bèè* (água), *na* (lugar), *kynyra* (praia). O nome se refere a praia onde o espírito de aruanã bebeu a água no meio da dança. Esse lugar de praia era moradia temporária dos povos de *Wari-Wari*, sendo lugar do rio Javaés bom para pescaria de tartarugas.

70. *Kaxiwé tòrò kynyra*. O nome *kaxiwé tòrò* (murere, uma planta aquática), *kynyra* (praia). O nome se refere a praia de murere.

71. *Kujà kynyra*. O nome *kujà* (mucura), *kynyra* (praia). O nome se refere a praia da mucura, atual retiro da *Mahiru Javaé*.

72. *Kòtèhyrè kynyra*. O nome *kòtè* (plantas nativas de cipó), *hyrè* (amargo), *kynyra* (praia). O nome se refere a praia de cipó amargo. Essas plantas nativas das ramas de cipó que ficam na margem das praias. Esse é um lugar de pescaria de tartarugas.

73. *Hawykyhyky labuna kynyra*. O nome *Hawyky* (uma mulher), *hyky*, (maior, ou seja, forte), *labu* (sexo), *na* (lugar), *kynyra* (praia). O nome se refere ao lugar de praia onde uma mulher grande ou forte fez relação sexual. O lugar é bom para pescaria de tartarugas.

74. *Kywakò bero rèhè*. O nome *kywakò* (pé de jatobá), *bero* (rio), *rèhè* (longo). O nome se refere ao trecho longo do rio que tem jatobá. O lugar é bom de pescaria de tartarugas.

75. *Biri ixèna*. O nome *biri* (periquito), *ixè* (queda), *na* (lugar). O nome se refere ao lugar onde periquito caiu.

76. *Kyrysa Hawa*. O nome *kyrysa* (Xavante), *hawa*, lugar de moradia uma aldeia ou a cidade. Muito antigamente os Xavante moravam no local. Depois que os Xavante foram embora, tornou-se se aldeia Javaé com o nome *Kyrysa Hawa*. O lugar alto de moradia fica a aproximadamente 2 km de rio Javaés. A praia era morada temporária do povo *Iny/Javaé*.

77. *Bòdòlèkè sò ryna*. O nome *bòdòlèkè* (pirarucu), *sò* (vermelho), *ryna* (lugar ou um lugar de sentar). O nome se refere ao lugar onde pirarucu vermelho mora. O pirarucu, ou piroscá, é o maior peixe de águas doce que existe no rio Javaés. Esse *Bòdòlèkè sò ryna* é um ser feroz (*aõni*) e vive no nível subaquático abaixo do rio Javaés.

78. *Harakati*. O nome *harakati* é uma curva bem torta. *Harakati kynyra* é o nome da praia (*kynyra*) de uma curva bem torta do rio. *Harakati wo*, *harakati* (uma curva bem torta), *wo* (dentro). O nome se refere a praia de curva torta do rio.

79. *Bero tyby*. O nome *bero* é rio e *tyby* é velho ou pai. O nome se refere rio velho. Atual barreira Cristalândia. Nesse local funcionava uma barreira como passagem de gados e também de transportes. A Funai controlava essa barreira. Os fazendeiros pagavam as porcentagens para a FUNAI.

80. *Ixênõa dò*. O nome *Ixênõa* é nome próprio de um homem e *dò* é algo de comer, se referindo aqui às tartarugas. O nome se refere ao pai de *Ixênõa* que pescou muitas tartarugas no local. Por isso que nome do trecho do rio ficou reconhecido como *Ixênõa dò*. *Ixênõa dò kynyra* é o nome da praia de *Ixênõa*.

81. *Waka kòna* O nome *waka* é o pássaro mergulhão, *kòna* são os ninhos e *na* é lugar. O nome se refere ao lugar onde os mergulhões fazem os ninhos.

82. *Harabiè bero*. O nome *harabiè* é planta nativa e *bero* é rio. O nome se refere o rio de *harabiè*. As pequenas plantas nativas nascem como hospedeira e que ficam nos galhos de árvores. O mesmo nome se utiliza para nome de casamento tradicional (*harabiè*).

83. *Iòlò dèhèmyna*. O nome *Iòlò* é um título de uma pessoa masculina muito destacada e de muita honra. É um tipo de rei ou príncipe. O nome se refere ao lugar onde o *Iòlò* chegou para visitar os povos *Inỹ/Javaé*.

84. *Asukò bero*. O nome *asukò* (árvore embaúba) e *bero* (rio). O nome se refere ao trecho do rio que tem muitos pés de embaúba na margem.

85. *Hèrèrajuà ryna*. O nome *hèrèrajuà* é um ser maior feroz (*aõni*), na forma de peixe e *ry* é boca, estrada ou peixe cari e *na* é o lugar. O nome se refere ao lugar onde o feroz peixe grande mora. Os seres humanos comuns não conhecem esse peixe grande. Só quem sabe sobre eles são os *hàri*. Através de conhecimento cosmológico dos *hàri* os seres humanos sabem o lugar onde o *Hèrèrajuà* mora. *Hèrèrajuà ahu* se refere ao lago de *Hèrèrajuà*.

86. *Taratykytèrè*. O nome *taratykytèrè* se refere a uma gaivota pequena. O nome se refere ao rio de gaivotas pequenas.

87. *Saura dò*. *Saura* é nome de um grupo cerimonial cuja principal ação se dá nos momentos rituais, sobretudo no *Hetohokỹ*; *dò* pode ser um peixe ou tartarugas. O nome se refere ao lugar onde as pessoas do grupo *Saura* comeram a tartaruga. Por isso que o nome do trecho de rio se chama de *Saura dò*.

88. *Làràtxi Ijò*. O nome *Làràtxi* é nome próprio, *ijò* (a porta ou a boca). O nome se refere a boca (foz) do rio *Làràtxi* no rio Javaés. *Làràtxi Ijò kynyra*, o nome se refere a praia da boca de *Làràtxi*. A região de Capão do Coco se chama de *Làràtxi*. Os povos *Inỹ/Javaé* antigos que habitavam no local se chamavam de *Làràtxi mahadu*. Era local da antiga aldeia dos Javaé do capitão e pajé (*hàri*) *Wahure* Javaé, sendo o atual assentamento

de Capão do Coco. Também tinham mais aldeias na região, na margem do Rio *Làràtxi*, como aldeia *Hawa Riè* e *Kuriawa Haky Hawa*, que é o lugar onde o *hàri Kuriawa* morava.

89. *Hèdèdura luku*. O nome *hèdèdura* (arara vermelha), *luku* significa buraco. O nome se refere o lugar onde arara vermelha fazia o ninho. Antiga aldeia do capitão *Wahure* Javaé que fica na margem esquerda do rio Javaés mas também existia aldeia na margem direita do rio Javaés. *Hèdèdura luku kynyra*, o nome se refere a praia onde arara vermelha fazia ninho.

90. *Hawyky tòla*. O nome *Hawyky* significa mulher e *tòla* uma “ressaca” de rio, pois forma uma reentrância do rio.

91. *Txuòdè*. O nome *txuòdè* significa capim sapé. Muito antigamente era uma aldeia dos Karajá.

92. *Koxihèru Bèdu dò*. *Koxihèru* é o nome de uma mulher, *bèdu* (forma respeitosa de chamar uma pessoa baixa), *dò* significa uma forma específica de mencionar a comida relacionada às caças ou aos peixes ou a tartaruga. O nome se refere ao lugar onde o pai de *Koxihèru* pescou as tartarugas no rio.

93. *Waderikò*. O nome *Waderikò* refere-se a uma árvore nativa. Os não-indígenas chamam esse lugar de furo de pau, devido à divisão do rio, formando uma ilha, no formato de uma forquilha.

94. *Kèrè luku*. O nome *kèrè* significa o pássaro Martin Pescador e *luku* é um buraco. O nome se refere ao lugar onde o pássaro Martin Pescador fazia o ninho.

95. *Dejueho Ijò*. O nome *dejueho* é peixe matrinxã, *ijò* é porta ou a boca. O nome se refere a boca rio de matrinxã. É a atual barra do Rio Verdinho.

96. *Raha ni Ijò*. O nome *raha* (abelha), *ni* (falsa), *ijò* (porta ou boca). *Raha ni* é marimbondo. O nome se refere ao trecho rio que tem marimbondo.

97. *Wyhy Raheto di Ijarana kynyra*. O nome *Wyhy* significa flecha, *raheto* (cocar), *ijara* (carreira, corrida), *na* (lugar), *kynyra* (praia). O nome se refere ao lugar de praia onde os atletas competiram no ritual de *wyhy raheto*, que era uma competição de corrida entre dois corredores. Disputavam carregando, cada um, uma flecha sem ponta, enfeitada com penugens e com uma pena de arara na ponta. Esse lugar era antiga aldeia dos povos *Inỹ/Javaé*.

98. *Bòtoreni*. O nome *bòtòrè* (taquari com qual se faz flecha), *ni* (falsa). O nome se refere ao taquari falso, porque existia espécie de bambu parecido com o taquari que se faz flecha.

99. *Harikiri ho*. O nome *harikiri* significa peixe caranha e *ho* é abundância. O nome se refere o lugar onde havia abundância de caranha.

100. *Waòtyna*. O nome *Waò* significa meu rosto, *ty* (espinha), *na* (lugar). O nome se refere a espinha do meu rosto.

101. *Halòè ahu*. O nome *halòè* (onça), *ahu* (lago). O nome se refere ao lago de onça.

102. *Wadurè*. O nome *Wadurè* é uma espécie de planta nativa chamada de bananeira brava.

103. *Kohojikò*. O nome *kohoji* é alméscar, *kò* (pé). O nome se refere o pé de alméscar.

104. *Wèsiru huky roxina*. O nome *Wèsiru* é nome de uma mulher, *huky* (respeito), *roxi* (comer), *na* (lugar). O nome se refere ao lugar onde *Wèsiru* comeu.

105. *Hariò*. Atual aldeia *Waòtyna*. O nome *hariò* é uma espécie de tucum, uma planta espinhosa. O nome se refere ao lugar onde existem muitos os pés de tucum.

106. *Wari-Lamana*. O nome *wari* significa o nome do pássaro maguari, *lamana* significa o lugar onde o maguari fica. Esse *wari* desse lugar é um *aõni* que vive no nível subaquático. Na margem direita do rio está a Fazenda Campo Guapo.

107. *Rama oro*. O nome *rama* é a planta que se chama pequi, *oro* é poção no rio. O nome significa poção de pequi.

108. *Sòkòròwè Bero*. *Sòkòròwè* é o nome próprio de um homem Tapirapé que viveu muitos anos com os *Inỹ/Javaé*. *Bero* é rio. O nome do lugar é um trecho do rio chamado de rio do *Sòkòròwè*.

109. *Hajutoro*. O nome *Hajuto* é um tipo de girau feito sobre uma “boca” de uma vazante, forma de ponte para poder cercar as tartarugas ou para poder ficar em cima para flechar tartarugas e peixes. *Ro* (poção).

110. *Wairèhè sirèna*. O nome *wairèhè* é um pássaro que se chama arapapá. *Sirè* é despensar e *na* é o lugar. Lugar onde despenaram o arapapá.

111. *Woni. Wòò* significa fogueréu. *Ni* é falso. O lugar se chama falso fogos. Acontece de pessoas verem algum fogaréu, mas quando vai verificar, não há sinais de queimada. Atribui-se isso a uma ação de algum *hàri*.

112. *Hatômôò*. O nome *hatômô* é uma planta nativa se chama inhare. *Ò* (pé). O nome refere ao pé de inharé.

113. *Yrarè lyty*. O nome *yrarè* é gavião Hárpia, *lyty* (ninho).

114. *Asuò*. O nome *asu* é a embaúba, *ò* (pé). O nome do lugar do pé de embaúba.

115. *Kajuri dò*. *Kajuri* é o nome próprio de uma mulher. *Dò* pode ser comendo tartaruga ou peixe. O nome do lugar onde *Kajuri* comeu peixe ou tartaruga.

116. *Waa Rawo*. O nome *waa* é o passáro mergulhão, *rawo* é baixada. O nome refere se a baixada do mergulhão.

117. *Hèdèdura lorarina*. O nome *hèdèdura* significa arara vermelha, *lorari* significa gritar, *na* (lugar). O nome do lugar do trecho do rio onde arara vermelha gritou.

118. *Kaxiwe ijó*. O nome *Kaxiwe* significa as plantas nativas que se chama murere, *ijó* é a boca. O nome se refere a boca do rio Murere.

119. *Kuduho*. *Kudu* é o peixe branquinha. *Ho* significa lugar de abundância. *Kuduho bero rèhè* é o nome do trecho longo rio onde tem bastante peixe branquinha. O lugar é reconhecido também como Martins Gamas que é o nome de primeiro morador não-indígena da região, na margem do rio Javaés.

120 *Dèdè Wyhy*. *Dèdè* (espinhento). *Wyhy* (flecha). O nome se refere a flecha de espinho.

121. *Wou Lòwò Mynyna*. O nome *Wou* significa guerra. *Lòwò* (canoa deles), *mynyna* (lugar onde foi pego). O nome refere se ao lugar onde foi pego a canoa do povo de guerra (Karajá). Nesse lugar do rio Javaés muito antigamente um homem se transformou em *Makolokolo* e morava com sua avó nos galhos de jatobá quando os antigos Karajá vieram para aldeia *Kanõanõ* guerrear com os povos de *Tòròhòni mahadu*. O *Makolokolo* foi tomar a canoa deles e eles caíram no meio do rio Javaés. *Makolokolo* colocou a canoa nos galhos de jatobá. Ele e sua avó viviam dentro da canoa em cima de galhos e ele colocava sua bunda para cima ao ar livre e voltada para o sol. Ele botou os ovos e se alimentava comendo seres ferozes *aõni* como *reimylò* (cobra grande). Nesse lugar do rio Javaé existiam muitos *kòtuni rarèa*. *Kòtuni* é tartaruga, *raa* é cabeça e *rèa* significa duas emendadas. Das tartarugas de duas cabeças *Makolokolo* matava as

menores, mas ele queria matar a maior. A avó dele falava muito que era perigoso e ele teimava e foi pegar a maior. Não conseguiu tirar a maior de dentro das águas e morreu. Aí avó dele foi buscar *Txuriòrè* (*Txuu* é sol, *riòrè* é filho). O nome refere-se ao filho do Sol) para matar as tartarugas de duas cabeças. *Txuriòrè* matou todas elas, despedaçando-as. Boioaram os pedaços de cascos e o povo *Kuriawaku* ajuntou os cascos quebrados, emendou e formou as tartarugas atuais. Por isso que nesse lugar do rio Javaés existem muitas tartarugas. A avó ficou só, dentro da canoa nos galhos de jatobá com os ovos. Um dia, nasceu primeiro filhotinho de *Makolokolo* que é gaviãozinho bem pequeno, chamado caburé, que logo saiu para caçar e só matou calangos. A avó dele mandou caburé embora porque ela esperava que ele trouxesse os seres ferozes. Assim, todos gaviões são gerações de *Makolokolo*. O ultimo a nascer foi o *kobiku* (inhuma). Ele foi caçar e chegou com *reimylò* (boiuna). Sua avó gostou muito. “Nossa, você puxou pra seu pai”, dizia. Assim foi indo e mataram todos os bichos ferozes. Então avó dele não o deixava ele caçar rio abaixo. Um dia ele pensou: “por que a minha avó não deixa eu ir nesse lado?” E ele foi lá e encontrou um homem. Ia matar ele, mas era *Tynyxiwè*. O *Tynyxiwè* jogou a praga de que ele nunca mais iria matar os seres ferozes. A partir daí só vai se alimentar das plantas que ficam na margem dos lagos ou se alimenta de lama. Quando voltou lá para avó dele só com as folhas nas garras, aí avó dele percebeu que foi atacar o *Tynyxiwè* e o mandou embora. Assim foi a formação dos pássaros gaviões na cultura Javaé.



Figura 8 - Foz do rio Formoso com o Javaés.
Autor Ricardo Tewaxi - maio/18



Figura 9 - Aldeia Boto Velho. Autor: Ricardo Tewaxi - maio/18

122. *Tori bero ijò*. O nome *tori* é o não-indígena. *Bero* é rio e *ijò* é a boca. O nome se refere a foz do rio de *tori* (rio Formoso, fig. 8), próxima da atual aldeia Boto Velho

(fig. 9). O nome da aldeia na cultura *Inȳ/Javaé* é *Inȳwebohona* (lugar onde estourou barrigas das pessoas). A partir da aldeia Boto Velho para baixo, são 60 km até chegar na foz do Riozinho, que fica fora da ilha, no lugar chamado de *irodù iràna*.

123. Aldeia *Hòròtòry Hawa*. Mesma região do *Tori Bero ijò*. Fica entre boca do rio Formoso e Aldeia Boto Velho.

124. *Lateni–Ixèna Bero Rèhè*. O nome tradicional era *Kunahija*. O nome *Lateni* significa o espírito de um aruanã que vem no ritual de *Hetohokỳ* como guardião dos meninos que estão no processo de iniciação de criança para a fase adulto. *Ixèna* é o lugar onde caiu. *Bero* (rio), *rèhè* (longo). O lugar era antiga aldeia dos Karajá a muito tempo. *Lateni* tinha caído do barranco no rio e ele morreu. Quem estava dentro de máscara era *Òròhòbè* Karajá. Por isso chama se *lateni ixèna*. O nome refere-se ao lugar onde o *lateni* caiu. O lugar é atual retiro do Cacique Wagner *Mairea* *javae*.



Figura 10 - Benoi Temanaku Javaé (esq), Tewaxi (centro), Bitxiweru (dir). Autor: Ricardo Tewaxi - mai/18



Figura 11 - Hadori Javaé (sentado) e Tewaxi (em pé). Autor: Ricardo Tewaxi - mai/18

125. *Asuò*. *Asuò* é nome da árvore embaúba. O nome refere-se ao trecho do rio da embaúba. Esse lugar é morada de *aõni kuaji* (*aõni*, ser feroz). Esse ser feroz também moram no nível subaquático tanto nas lagoas quanto no rio. Eles se incomadão com a presença de ser humano nos lugares de desmatamento e irrigação, com os barcos fazendo barulho no rio. Isso porque no tempo passado eles viviam no seu espaço, nas profundezas do rio ou no lago, sem presença de homens. E nos dias atuais, devido a destruição do meio ambiente, os ferozes vão se afastando mais de seus lugares. Quando eles se afastam, ocorre mudança no nível das águas, deixando os rios e lagos mais rasos. Por isso

acreditamos que os *aõni* também ajudam a manter a profundidade nos espaços do rio. Segundo a visão cósmica dos *hàri*, os seres ferozes estão perigosamente ameaçando de atacar as pessoas, por causa de rasuras nos rios. Cada vez mais os seres ferozes ficam mais próximos dos *Inyã*, pois com a rasura o nível subaquático se aproxima do aquático. O *aõni kuaji* é um dos mais perigosos que existem nos lugares. Quando ele se incomoda, ele faz acontecer de aumentar o nível da água do lago ou de um rio. Ele provoca um estrondo e depois pode engolir as pessoas. Então essa mudança provocada pelos *tori* no meio ambiente, esta sendo mais perigosa. Essa é visão do *hàri*, alertando as pessoas onde existem um ser feroz, para elas conhecerem os lugares para que não aconteça uma tragédia com as pessoas. O povo *Inyã/Javaé* sabe todos os lugares do rio onde os ferozes moram.

O *aõni kuaji*, quando se esquentam ao sol, aparece o seu reflexo no espaço, formando o que os *tori* chamam de arco-íris. Então, dessa forma, quando ele aparece no espaço acima de nós, as pessoas sabem o lugar onde ele mora sem precisar de ajuda de *hàri*. Pelo entendimento do nosso povo sobre a natureza, seres vivos e meio ambiente, é muito importante o lugar onde os ferozes moram. Esse *kuaji* também ajuda a fazer acontecer a chuva, pois quando *kuaji* aparece ou sai para fora do nível onde ele vive, todos sabemos que aumenta a chuva.

126. *Hariò*. *Hariò* é uma planta tucum espinhosa. Nesse trecho existem muitos *Hariò* na margem do rio na região.

127. *Narybyò*. *Naryby* é uma planta nativa de uma espécie de jatobá. *Ò* (pé). Essa planta dá os frutos que são consumidos pelos seres humanos ou pelos animais. *Narybyò bero rèhè*, refere-se a um trecho longo do rio de *Narybyò*.

128. *Harèwèò*. o nome *Harè* é um povo que habitou na Ilha do Bananal. *Wèò*, um pássaro chamado acuã. *Harèwèò bero* refere-se ao rio do *Harèwèò*.

129. *Manabùrè*. *Mana* (pedra), *bùrè* (cor rosa). *Manabùrè ijòti rèhè*, o nome *ijòti* (barranco). E o atual retiro São Domingo sendo o último morador na ilha do Bananal. O nome refere-se ao barranco alto de pedra rosa. É a atual roça do Sr. *Benoir Temanau Javaé*, conhecedor de nome dos trechos do rio Javaés.

130. *Hariwatò*. Nome do peixe pacu.

131. *Ybyràra dèbùrèna*: *Ybyràra* (onça vermelha), *dèbùrèna* (o lugar onde ficou muito zangado). O nome refere-se ao lugar onde a onça ficou brava.

132. *Hariwatò riòrè. Hariwa* (peixe pacu), *riòrè* (filho, ou seja, menor). O nome refere-se ao peixe pacu nome.

133. *Walu. Walu* é a planta que se chama coité. *Walu Bero* refere-se ao rio de coité.

134. *Waurihi kynyra. Waurihi* nome refere-se a um lugar onde em que um *Inỹ/Javaé* mediu o tamanho da praia com o próprio "pé" (*waa*).

135. *Iròdu Iràna* (Figura 12). O lugar onde os animais gritaram chamando a *Hawyky Wènõna* para ser esposa. É o nome do lugar onde existiu morada de animais quando eles eram gente. O nome *iròdù* significa animais selvagens. *Irà* significa grito. *Na* é o lugar. O nome *Hawyky* (nome de uma mulher), *wènõna* (linda ou bonita). *Hawyky Wènõna* era esposa de um *Iòlò*, que se chamava de *Iòlò Tatxiwana*. No meio de ritual de *Hetohokỹ*, *Iòlò Tatxiwana* foi incorporado de *Inỹ ni*. *Inỹ* (gente), *ni* (falsa). É chamado também de *Nego d'água* e se incorporou no corpo de *Ióló* que se transformou em bicho feroz (*aõni*). *Hawyky Wènõna* tinha observado seu esposo, porque quando ele chegou do mato, veio abraçando ela na frente de todo mundo e ela achou estranho, porque na cultura de povo Javaé não se pode abraçar sua esposa na frente de suas famílias, pois é considerado um ato feio. E um *Ióló* não pode quebrar essas regras sociais. Então ele não deixava sua esposa em paz. Ele dormiu no colo dela e foi então que ela descobriu pois viu os dentes saindo por atrás da cabeça dele. Quando os homens chamaram ele lá na casa de ritual *Hetohokỹ*, para comer sua comida de ritual, quando chegou lá comeu de verdade, sendo que *Iòlò* não pode comer sua comida de ritual. Ele só faz *xiwè* (o nome *xiwè* é uma forma rezar ou oração, expresso assim: *hãã hereinihè*). Foi nessa hora que *Hawyky Wènõna* fugiu com sua irmã *Hirari Wènõna*. Ela pediu ao *hawydyra* (tatu-peba) para cavar um buraco para elas entrarem no buraco e fugir. Assim elas fugiram do seu esposo *Iòlò* (fala feminino *Ikòlòku*) *Tatxiwana*. Quando saíram no outro lugar, elas encontraram um pássaro chamado de socó. A esposa do *ióló* pediu para o socó engolir elas para se esconderem de seu esposo dentro de barriga de socó. Esse foi o segundo escoderijo de *Hawyky Wènõna* e sua irmã *Hirari Wènõna*. Ela tinha papagaio chamado de *mana-manakè*. Ela ensinou o papagaio para se *Ióló Tatxiwana* procurar elas, era para ele falar que elas foram na roça buscar a lenha, que foram defecar no mato e buscar água. Quando *Ióló Tatxiwana* voltou da casa dos homens, procurou por elas e perguntou *a mana manakè* onde foram suas mães? Ele respondeu que elas foram na roça. Ele foi atrás delas na roça, mas não as encontrou por lá. *Ióló Tatxiwana* voltou falou e disse ao papagaio que elas não estavam por lá. O papagaio foi dando as informações falsas, como tinha sido

orientado. Na última vez, *Ioló Tatxiwana* pegou o rabo dele e arrancou as penas, dizendo que ele estava mentindo. É por isso que o papagaio tem cauda curta. *Ioló Tatxiwana* procurou e encontrou o buraco onde elas entraram e foi no rastro delas. Quando saiu no outro lugar encontrou só o socó. Perguntou ao socó por elas, se ele tinha visto elas. Socó falou que não. *Ioló Tatxiwana* insistiu dizendo que o rastro delas tinha terminado onde estava o socó. Ele pediu para ele vomitar para tirar dúvidas. Aí vomitou e quase que saiu enfeites delas. *Ioló Tatxiwana* aceitou que socó não estava mentindo. *Ioló Tatxiwana* voltou para aldeia e matou quase a metade do povo. *Hawyky Wênõna* tinha prometido ao socó uma noite com ele em troca do favor de escondê-las. *Hawyky Wênõna* ofereceu sua irmã *Hirari Wênõna* para passar a noite com ele no lugar dela. Eles passaram a noite juntos e tiveram filho pintadinho (como filhote de socó). Elas continuaram seguindo a viagem. No caminho encontrou um rio onde tinha um homem que era *Hijewe*. O pênis dele tinha o tamanho da canoa. Elas gritaram para ele trevessar elas. E ele respondeu que era para elas sentarem em cima da ponta do pênis dele. *Hawyky Wênõna* mandou sua irmã *Hirari Wênõna* sentar. *Hijewe* atravessou elas para o outro lado do rio. *Hijewe* achou o filho dela muito lindo, pintadinho. Perguntou o que fizeram para ele ficar daquele jeito. Elas responderam que queimaram ele de fogo, na brasa de casca de landi. Aí ele queria que elas fizessem com ele. As duas irmãs fizeram fogos e colocaram ele em cima da brasa. Ele foi gritando de dor e elas falavam para ele ficar quieto senão a pintura dele ficaria ruim e ele acabou morrendo. Saiu muita gordura do pênis e elas colocaram essa gordura no casco seco de landi. Deixaram essa gordura ali e foram embora. Quando estavam no meio de caminho *Hirari Wênõna* falou para sua irmã, *Hawyky Wênõna*: *Wanymy* (irmã mais velha) *wadohoku rarira* (meu brinco ficou onde queimaram *Hijewe*). *Hirari Wênõna* voltou para trás e ela bebeu a gordura de pênis de *Hijewe*. Ela voltou várias vezes, inventando sempre uma nova razão para voltar. E sua irmã *Hawyky Wênõna* desconfiou que ela estava bebendo a gordura de pênis de *Hijewe*. Na última vez que ela voltou, ela se transformou em uma onça. Então *Hirari Wênõna*, na forma de onça, esturrando. *Hawyky Wênõna* pediu a uma árvore chamada *bisaô*, para que se abaixasse para ela sentar nos galhos e depois para subir novamente, para escapar da onça. Quando a onça chegou lá perguntou como que *Hawyky Wênõna* subiu nos galhos das árvores. Ela respondeu que era subindo de costas para o tronco da árvore. A onça tentou subir no pé de árvore, mas não conseguiu. Ela tentou várias vezes e não conseguiu subir. A onça voltou novamente para beber a gordura do pênis de *Hijewe*. Depois que a onça foi embora, *Hawyky Wênõna* desceu e deu o enfeite adorno de seu finado esposo, usado nas orelhas chamado *dohoruè*, para essa árvore. *Hawyky Wênõna* seguiu em direção de *Iròdù Hawa*

(aldeia dos animais). A cada vez que a onça voltava, depois de beber a gordura, *Hawyky Wènõna* pedia para uma árvore socorrer ela. A cada vez ela ia pagando esses favores, ia distribuindo os seus enfeites adornos para cada árvore. No final não tinham mais pés de árvores para ajudar *Hawyky Wènõna*. Só tinha pé de tucum espinhoso. *Hawyky Wènõna* pediu ao pé de tucum para se abaixar. Quando a onça chegou lá, perguntou como que ela subiu. *Hawyky Wènõna* novamente falou que subiu de costas. A onça tentou e caiu encima dos espinhos de tucum. O espinho entrou no pescoço e o quebrou. Por isso que a onça tem pescoço curto. Ela seguiu a viagem com o filho de sua irmã. No meio do caminho menino estava com sede e não tinha águas. *Hawyky Wènõna* pediu o *Wyky* (espécie enguia) para ele dar água de ânus dele para menino beber. Fez isso cavando um buraco na terra e pedindo que ele desse água. A água saiu e eles beberam. Ela tinha prometido passar uma noite com *wyky*. Uma noite o *wyky* foi mas ela não deixou ele copular e *wyky* voltou e ficou com raiva dela. No outro dia o menino chorou de novo, sentindo a sede. *Hawyky Wènõna* cavou o buraco e gritou para o *wyky* dar *hetxi syrybè* (água do seu ânus). Ele não deu mais água porque *Hawyky Wènõna* não cumpriu a promessa. O menino chorou com muita sede e se transformou em um pássaro pequeno chamado *kamitxĩ*. *Hawyky Wènõna* ficou sozinha e chegou lá no *Iròdù mahadu*. Quando ela chegou lá, os *Iròdù mahadù* ficaram sabendo e ficaram alegre para casar com ela. O primeiro que chamou ela foi a anta. Ela não aceitou. O segundo foi a onça, ela não aceitou. Terceiro foi veado cervo, não aceitou. Quarto foi a ema, também não aceitou. O ultimo foi raposa. Ele pegou os enfeites de cada um dos outros animais e foi todo enfeitado para chamar ela para casar. Então ela aceitou e casou com a raposa. Os outros falaram: *ihetxi mōhō*. O sufixo *i* é pronome dele. *Hetxi* é ânus e *mōhō* é bicheira. Por isso que na raposa existia bicheira no ânus. Então por isso que se chama esse lugar de *Iròdu Iràna*. O nome muito antigo era *ijòrina ijò* ou *ijòrina wo*. Essa palavra muito antiga *Ijòrina* significa o nome *Ijò* (boca, ou a porta ou entrada), *rina* (quando pega um peixe). É onde o *Tynyxiwè* conquistou o fogo dos animais para a humanidade, deixando-os perplexos, segundo mitologia. Foi dessa forma que foi narrado pelos meus pais, José *Wèrèumari* Javaé e minha avó *Lawarairu* Javaé e também narrado pela minha tia Maria *Huiriru* Javaé. Eles são narradores muitos importantes na minha vida, mas hoje estão só na minha memória, pois já faleceram.



Figura 12 – Irodu Irana – Autor: Ricardo Tewaxi – mai/18

136. *Wèèkè tyina kynyra*. *Wèèkè* ao pássaro gavião-caramujeiro. *Tyi* significa dormir e *na* (lugar). O nome se refere ao lugar de praia onde o gavião *wèèkè* dormiu.

137. *Tori juyrana*. *Tori* (não indígena), *juyra* (sal) e *na* (lugar). O nome refere-se ao lugar onde não-indígena salgou peixe.

138. *Bùù rèhè*. O nome refere-se a uma planta nativa que se chama *Bùù rèhè*, que existia na região na margem do rio Javaés.

139. *Bòròrèwa*. Pata de veado cervo, O nome refere-se ao lugar onde existiu a aldeia *Bòròrèwa*.

140. *Kòtèbùrè*. Nome de um tipo de cipó abundante na região. É também o nome da antiga aldeia que existiu no lugar, junto à boca do lago *Kòtèbùrè*, que se emenda ao rio Javaés. Era antiga aldeia Karajá liderada pelo capitão *Tèwaju* Karajá.

141. *Wayrihi kynyra*. O nome refere-se a um outro lugar onde um *Inỹ/Javaé* mediu o tamanho da praia com o próprio pé (*waa*).

142. *Txyreheni*. É nome próprio masculino, mas também existe um espírito de aruanã que não dança em dupla, mas sim sozinho, quando participa dos rituais. Nome de antigo acampamento dos *Inỹ/Javaé* situado ao lado da boca do pequeno lago (*Txyreheni Ahu*) que se emenda ao rio Javaés.

143. *Bidinaò*. *Bidina* significa jenipapo, *ò* significa pé. O nome do lugar refere-se ao trecho com pés de jenipapo.

144. *Notxièona kynyra*. *Nõtxiè* significa gaivota. *Òna* significa ninhadas, *kynyra* é praia. O nome refere-se a praia da ninhada de gaivota.

145. *Bero tyby*. Bero (rio), tyby (velho). O nome refere-se a um antigo canal do rio Javaés.

146. *Wabe ijò* (Figura 13). *Wabe*, significa Riozinho e *ijó* significa boca, entrada. O lugar é conhecido ponto dos *Iny/Javaé*, Karajá e não-indígenas para entrada por água na Ilha do Bananal.



Figura 13 – Foz do Riozinho. Autor: Ricardo Tewaxi – mai/18

147. *Otxixa ni*. *Otxixa* significa borboleta e *ni* é falso. É o nome de uma antiga aldeia *Iny/Javaé* temporária existente no lugar, um pouco abaixo (ao norte da foz do Riozinho).

148. *Wayry tòla*. *Wayry* é o pássaro arapapá. *Tòla* significa a vazante ou boca do lago.

149. *Yrarè Lyty*, *Yrarè* significa o gavião Hárpia. *Lyty* significa ninho

150. *Hédèdùra Luku*, *Hédèdùra* significa arara vermelha. *Luku* significa ninho.

151. *Rahy Tykyriti*: *Tykyriti* Pintura corporal ou escrita. *Rahy* é o peixe cascudo, peixe pequeno que existe no lago. O nome refere-se a um lugar junto à foz do rio Javaézinho, na margem direita do rio Javaés.

152. *Bero Biawa Ijò*. *Bero* (rio), *ijò* (boca, entrada), *biawa* (ompanheiro). O nome refere-se à foz do rio Javaés no Rio Araguaia (figura 14), a extrema ponta norte da Ilha do Bananal.



Figura 14 – Foz do Javaés no Araguaia. Autor: Ricardo Tewaxi – maio/18

Considerações finais.

Vem de muito tempo a minha vontade e curiosidade de conhecer o rio Javaés de ponta a ponta, com os seus nomes de trechos e curvas, mas não encontrava a forma de fazer esse tipo trabalho. Cada vez mais o tempo está passando e os mais velhos conhecedores dos nomes das curvas e trechos do rio Javaés estão morrendo e levando seus conhecimentos juntos com eles.

De repente surgiu a primeira oportunidade, através do curso de licenciatura intercultural indígena da Universidade Federal de Goiás (UFG), no ano de 2009. Comecei a pensar sobre esse assunto e fiz um trabalho como um tema contextual. Pesquisei com os mais velhos e em cima dessa pesquisa preparei uma aula sobre os nomes das curvas e trechos do rio Javaés. Apliquei esse tema na sala de aula para os alunos e eles gostaram. Porém não teve continuidade esse trabalho, que ficou parado só nesta atividade do curso de licenciatura intercultural.

Mas eu sempre perguntava aos mais velhos sobre o conhecimento de nomes das curvas e trechos de rio Javaés. O meu pai era conhecedor de nomes das curvas e trechos do rio desde a antiga aldeia *Wari- Wari*, rio abaixo até *Txyreheni*, atual Canguçu. O rio para cima, ele conhecia até *Tahakala*, atual aldeia Barreira Branca.

A segunda oportunidade para eu voltar a esse assunto foi através de Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente (PGCIAMB) da UFT. Ali encontrei de novo a possibilidade de alcançar a minha curiosidade de conhecer os nomes das curvas e trechos do rio Javaés, conhecer as pessoas diferentes de cada comunidade e ouvir e escrever as informações dos conhecedores dos lugares e ampliar o conhecimento dos nossos ancestrais pelo rio Javaés.

O rio é muito importante na nossa cultura tradicional. Nossos ancestrais se originaram do rio e nossos rituais começam do rio, como espíritos de aruanã que moram no nível além do subaquático. Então, no meio dessa pesquisa eu me sinto muito feliz e tranquilo com os conhecimentos dos anciãos de cada comunidade, com as anotações sobre os nomes das curvas e trechos de rio Javaés. Porque os anciãos se preocupam com as novas gerações. E os jovens não se interessam mais em aprender os conhecimentos do seu próprio povo e os conhecimentos da natureza, como o rio e sua importância, suas histórias, acontecimentos nos lugares de praias e poções, enfim o conhecimento tradicional dos povos indígenas *Inỹ/Javaé*.

Dessa forma, percebe-se que já está havendo uma preocupação em repassar esses conhecimentos, porque corre risco de desaparecer. Quando andei nas outras aldeias

fazendo as entrevistas com os anciãos da comunidade, eu me senti muito honrado pelas lideranças de cada aldeia diferente. Cada liderança me deu seu apoio e eles me pediram para retornar de novo para conversar com a comunidade sobre a importância e a história do rio Javaés, para incentivar os jovens para retomar a aprendizagem do conhecimento dos lugares no rio.

Nos lugares do rio Javaés, os espíritos se estabelecem no nível abaixo do subaquático em todos os lugares das curvas do rio. No tempo passado, os rios eram mais profundos e o ser invisível (*aruanã* e *aõni*) morava tranquilamente e não havia desmatamento nos lugares. O rio era mais fundo e os seres espirituais ajudavam a manter o nível das águas tanto do rio como dos lagos. Hoje em dia acontece diminuição do nível das águas, causado por não-indígena, com o uso intenso das bombas nos rios para irrigação das lavouras de alguns proprietários, como a irrigação de fazendas nas margens do rio Formoso. Isso causa impacto com a mudanças de um ser espiritual (e de seres vivos) de um lugar para outros, deixando seus lugares de origem e fazendo os rios ficarem rasos.

Cada vez está aumentando mais os negócios da pecuária e agronegócio. Eles fazem destruir o meio ambiente sem ter preocupação de manutenção dos lugares e dos espaços nas regiões e nas margens do rio. Com isso o nível das águas esta cada vez diminuindo mais e os moradores permanentes dos lugares ficam assustados e incomodados com a presença do ser humano, retirando-se das matas e das águas que são seus lugares. Assim é o olhar do *Iny* pelo meio ambiente, de acordo com as visões cosmológicas dos *hàri* Javaé.

O lugar de rio Javaés onde os seres invisíveis permanecem no nível além do subaquáticos (*Bèratxi-mahadu*, *Hukumari*), são conhecimentos fantásticos dos nossos antepassados pela cosmologia do nível subaquático, segundo a cultura tradicional do povo *Iny/Javaé*. A relação dos nossos anciãos com o meio ambiente e a convivência nos espaços é muito importante e precisamos saber e valorizar, para que as novas gerações respeitem e deem importância a esses conhecimentos.

O lugar, enquanto espaço socialmente construído, é a garantia de uma identidade e da reprodução de cada comunidade local do povo *Iny/Javaé*, tanto na região a norte quanto a sul da Ilha do Bananal. E o espaço (e lugar) da Ilha do Bananal e dos trechos e curvas do rio Javaés, são onde os nossos antepassados se estabeleciam e praticavam os conhecimentos da natureza de onde retiravam os recursos naturais no meio do ambiente e viviam em paz.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES DE PESQUISA:

Xamãs (Hàri):

- Edilson *Kurumare* Javaé
- *Hadòri* Javaé

Anciãos:

- Alberto *Waixawala* Javaé
- *Benoi Temanaku* Javaé
- *Burahi* Javaé,
- *Ereheru* Javaé
- Francisco *Kòhalue* Javaé
- *Loiwa* Javaé
- Marciano *Koroxia* Javaé
- Mauricio *Kurahari* Karajá,
- Nilda *Mytara* Javaé
- Rosa *Myreiru* Javaé

BIBLIOGRAFIA:

AFONSO, Germano Bruno, ALVINO, Moser e AFONSO, Yuri Berri (2015). Cosmovisão Guarani e Sustentabilidade. *Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade*. Vol. 8, n. 4/jan- jun.

ANDRADE, Karenina Vieira (2010). Construindo Lugares, transformando pessoas. A dialética do espaço entre os Ye’Kuana. In Trajano, Wilson (org), *Lugares, pessoas e Grupos: as logicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília, Athalaia.

COELHO DE SOUZA, Marcela S. (2018). A vida dos lugares entre os kisedjê toponímia como terminologia de relação. Porto Alegre. *Espaço Ameríndio*. Vol. 12, N. 1., pp. 9-49.

DESCOLA, P. Ecologia e cosmologia (2000). In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Etnoconservação. Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 2^a. Ed. São Paulo, Annablume/NUPAUB-USO/HUCITECp. 149-163.

GIRALDIN, Odair (2002). Catequese e civilização. Os Capuchinhos entre os selvagens do Araguaia e Tocantins. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*. VOL. 18(1).

JACOBS, Lydie Aiara Bonilla (2000). *Reproduzindo – se no mundo dos Brancos; Estruturas Karajá em Porto Txuiri (Ilha do Bananal- Tocantins)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ.

KARAJÁ, José Hani (2015). *As madeiras e seus usos no universo sócio-cultural do povo Inyê*. Dissertação de mestrado. Palmas/UFT.

LOURENÇO, Sonia Regina (2009) – *Brincadeiras de aruanã: performances, mito e música entre os Javaé da Ilha do Bananal*. Tese de doutorado. Florianópolis, UFSC.

MIRAS, Júlia Trujilo (2015). *De terra (s) indígena (s) à terra indígena. O caso da demarcação Krikti*. Dissertação de mestrado. Brasília, UnB.

MOREIRA, ErikaVanessa e HESPOHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros (2007). O lugar como uma construção social. *Revista Formação*, n. 14 Volume 2-p. 48-60

NUNES, Eduardo Soares. *No asfalto não se pesca, parentesco, mistura e transformação entre os Karajá de Buridina (Aruanã -Go)*. Dissertação de mestrado. Brasília, em UnB, 2012.

PIN, André Egidio (2014). *História do povo Javaé (Iny) e sua relação com as políticas indigenistas: da colonização ao Estado brasileiro (1775- 1960)*. Dissertação de Mestrado. Goiânia/UFG.

RODRIGUES, Patrícia de Medonça (2008). *A caminhada do Tanyxiwè. Uma teoria Javaé da História*. Tese de doutorado. Illinois, Universidade de Chicago.

SOARES, Ligia Raquel Rodrigues (2010). *Amji kî e pjê cunêa: Cosmologia e meio ambiente para os Ràmkkâmêkra/Canela*. Dissertação de mestrado. Palmas: UFT.

TORAL, Andre Wilson (1992). *Cosmologia e Sociedade Karajá*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ.

TUAN, Yi- Fu (1983). *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo, DIFEL.